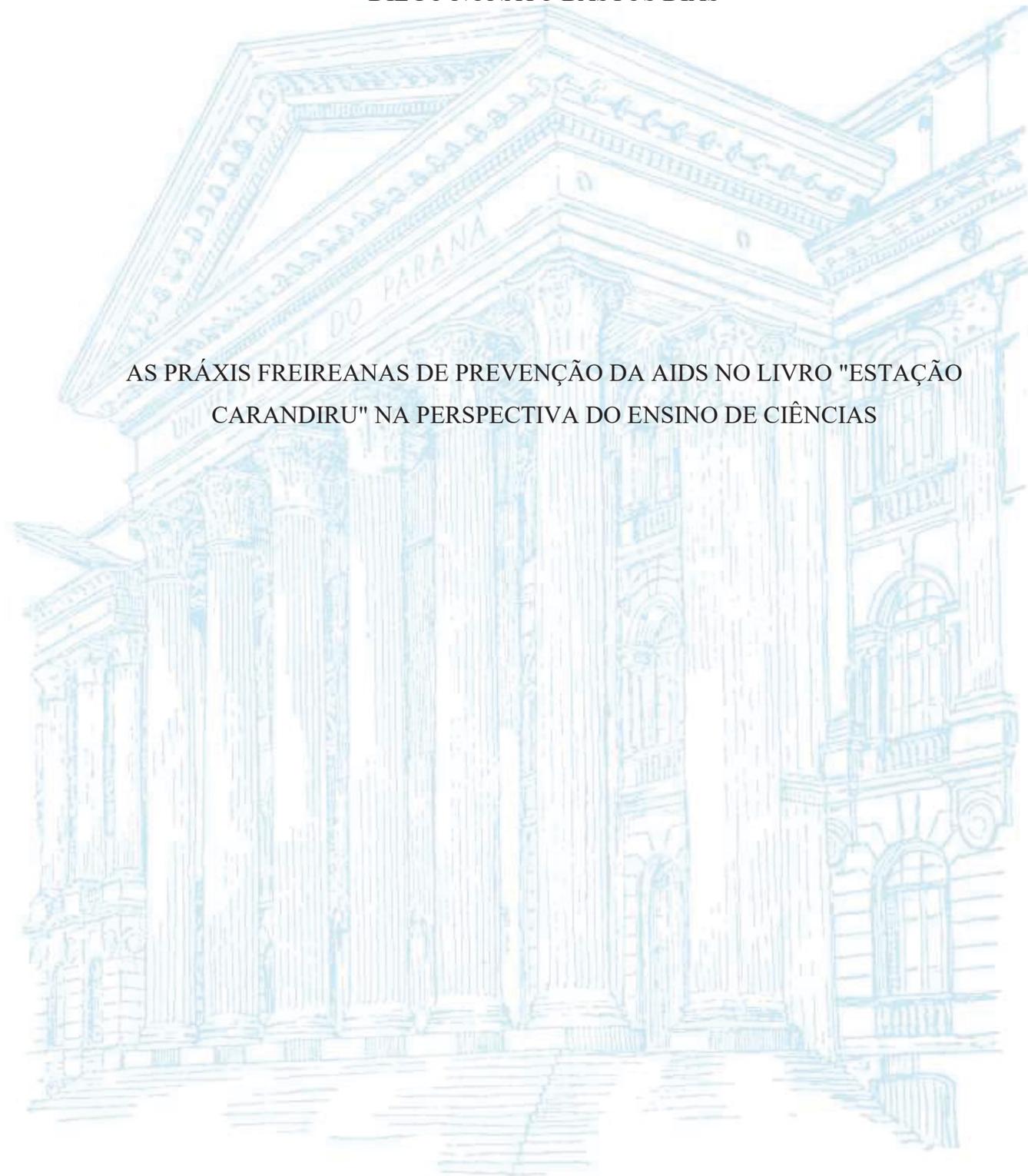


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DIEGO NONATO BASTOS DIAS

AS PRÁXIS FREIREANAS DE PREVENÇÃO DA AIDS NO LIVRO "ESTAÇÃO
CARANDIRU" NA PERSPECTIVA DO ENSINO DE CIÊNCIAS



CURITIBA

2025

DIEGO NONATO BASTOS DIAS

AS PRÁXIS FREIREANAS DE PREVENÇÃO DA AIDS NO LIVRO "ESTAÇÃO
CARANDIRU" NA PERSPECTIVA DO ENSINO DE CIÊNCIAS

Dissertação apresentada como requisito à obtenção da
titulação de Mestre em Educação em Ciências e
Matemática, no Programa de Pós-Graduação em
Educação em Ciências e Matemática (PPGECM), Setor
de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Paraná
(UFPR).

Orientador: Prof. Dr. Roberto Gonçalves Barbosa

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Dias, Diego Nonato Bastos

As práxis freireanas de prevenção da aids no livro "Estação Carandiru" na perspectiva do ensino de ciências / Diego Nonato Bastos Dias. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática.

Orientador: Roberto Gonçalves Barbosa

1. AIDS (Doença) – Prevenção. 2. Freire, Paulo, 1921-1997 - Práxis (Filosofia). 3. Ciências – Estudo e ensino. 4. Carandiru - Casa de Detenção (SP) . I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. III. Barbosa, Roberto Gonçalves. IV. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA - 40001016068P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **DIEGO NONATO BASTOS DIAS**, intitulada: **AS PRÁXIS FREIREANAS DE PREVENÇÃO DA AIDS NO LIVRO "ESTAÇÃO CARANDIRU" NA PERSPECTIVA DO ENSINO DE CIÊNCIAS**, sob orientação do Prof. Dr. ROBERTO GONÇALVES BARBOSA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Fevereiro de 2025.

Assinatura Eletrônica

10/03/2025 09:34:50.0

ROBERTO GONÇALVES BARBOSA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

07/03/2025 13:18:18.0

FABIO RAMOS DA SILVA

Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

07/03/2025 11:23:40.0

KÁTIA MARIA KASPER

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua Coronel Francisco Heráclito dos Santos, 100 - Centro Politécnico - Edifício da Administração - 4º. Andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 81531-980 - Tel: (41) 3361-3696 - E-mail: ppgecm@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 426328

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 426328

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Rosália Teixeira Bastos, por continuamente me ajudar a refletir sobre quem eu sou.

Agradeço a meu pai, Antônio Carlos da Silva Dias, por me apoiar de inúmeras formas no meu caminhar.

Agradeço a Roberto Gonçalves Barbosa, por, no mestrado, expandir a minha visão sobre o que é um educar científico-emancipatório para diferentes tipos de indivíduos e comunidades.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de pós-graduação que usufruí ao longo dos meus dois anos de mestrado.

Agradeço ao evento III Congresso Internacional de Ensino (III CONIEN) por conceder a oportunidade de apresentar esta dissertação.

Agradeço a João Paulo Rocha dos Passos, pela paciência no guiar da minha graduação.

Agradeço a Marcelo Valério e Ionara Antunes Terra pelo rico empenho para ajudar na construção do meu fazer ciência.

Agradeço a Leonir Lorenzetti e Gabriel dos Santos e Silva por me ofertar formas de enriquecer meu fazer docente através da Alfabetização Científica e Tecnológica da Ciência, Tecnologia-Sociedade e pelas visões dos impactos da Avaliação Escolar.

Agradeço a Tatiana Galieta pelo seguinte questionamento importantíssimo que fui abençoado a escutar:

Que tipo de sociedade eu observo na minha perspectiva CTSA?

You are the lock

And you tried to stop me

But now I hold the key

The door is open

And I'm finally breathing

I'll be leaving

Oh, you held me for so many years

Oh fear, you'll never keep me here

Moriah Peters

RESUMO

Nesse estudo, investigou-se como que a pedagogia emancipadora freiriana se materializa nas estratégias de prevenção a AIDS elaboradas e realizadas na Casa de Detenção de São Paulo entre 1989-1999. Sendo estas descritas no livro “Estação Carandiru”, cuja autoria é de Drauzio Varella. Tendo essas atividades como objeto de estudo, é válida a seguinte questão-problema: essas atividades educativas elaboradas por Drauzio Varella no Carandiru para a prevenção da AIDS podem ser reconhecidas como práxis freiriana em ciências? Para responder essa questão-problema, foi elaborada essa pesquisa sob uma abordagem qualitativa e de natureza documental usando como base teórica as obras de Paulo Freire. A fim de tornar a leitura e obtenção dos resultados no documento “Estação Carandiru” objetiva e replicável, utilizou-se a metodologia da análise de conteúdo de Laurence Bardin. Dos resultados obtidos pelas categorias de análise contextualizar-ação, dialogar-ação e humanizar-ação e discutidos sob a ótica da práxis freireana, interpreta-se que o contexto histórico-social-material da sociedade prisional do Carandiru teve influência na elaboração das atividades educativas de prevenção da AIDS, pois Drauzio teve curiosidade epistemológica para investigar as principais formas de contaminação pela AIDS no Carandiru a partir do dia a dia dos detentos que tivera contato. Também à de se considerar que Varella não ensinava para as pessoas privadas de liberdade sobre os métodos de prevenção do HIV, mas ensinava com eles, evidenciando assim que o processo educacional era plural, permitia dialogicidade entre educador-educandos, diálogos estes que promoviam humanização material dos detentos. Além disso, para estabelecer mudanças atitudinais significativas, essas atividades educativas tiveram que ser elaboradas e realizadas ao decorrer de 10 anos. E tal continuidade desses processos educativos teve resultados, pois se estabeleceu a percepção de que o consumo de cocaína injetável tinha que ser evitado pelas pessoas privadas de liberdade para reduzir a epidemia da doença na prisão. Porém, o mesmo não se pode aferir com relação à proteção sexual via uso da camisinha devido a provável restrição ao acesso dessa tecnologia para as pessoas privadas de liberdade. Além da restrição, outro fator que prejudicava a implementação das estratégias educativas-preventivas contra o HIV era a questão da superlotação, que desumanizava a maioria dos detentos a partir da uniformização-numeração necrófila que ignora suas experiências, suas vidas humanas individuais, tratando-os como se fossem sub-humanos, tornando-os vulneráveis a infecção devido a falta de perspectiva de possuir vida digna ao fim da pena. Ainda assim, casos como o de Santão, Manga, Edelson, Lula e Perola Byington, que se humanizaram no explicitar das singularidades do seu ser (Santão apoiando Varella no uso das caixas de som nas palestras, Manga compartilhando seus saberes acerca das dinâmicas da prisão, Perola Byington em seu contundente criticar sobre a falta de camisinha), desvelam lapsos de esperançar, de resistência, de agir amalgamado ao refletir em prol do bem plural.

Palavras-chave: AIDS/HIV, Práxis Freireana, Ensino de Ciências, Sociedade Prisional do Carandiru, Análise de Conteúdo

ABSTRACT

In this study, it was investigated how Freire's emancipatory pedagogy materializes in the AIDS prevention strategies developed and carried out in the House of Detention of São Paulo between 1989 and 1999. These are described in the book "Estação Carandiru", authored by Drauzio Varella. With these activities as the object of study, the following question-problem is valid: can these educational activities elaborated by Drauzio Varella in Carandiru for the prevention of AIDS be recognized as Freirean praxis in science? To answer this question-problem, this research was elaborated under a qualitative approach and of a documentary nature using the works of Paulo Freire as a theoretical basis. In order to make the reading and obtaining of the results in the document "Estação Carandiru" objective and replicable, the methodology of Laurence Bardin's content analysis was used. From the results obtained by the categories of contextual-action, dialogue-action and humanize-action analysis and discussed from the perspective of Freire's praxis, it is interpreted that the historical-social-material context of the prison society of Carandiru had an influence on the elaboration of educational activities for AIDS prevention, as Drauzio had an epistemological curiosity to investigate the main forms of AIDS contamination in Carandiru from the daily lives of the inmates he had contact with. It is also considered that Varella did not teach people deprived of liberty about HIV prevention methods, but taught with them, thus showing that the educational process was plural, allowed dialogicity between educator and students, dialogues that allowed material humanization of the inmates. In addition, in order to establish significant attitudinal changes, these educational activities had to be elaborated and carried out over the course of 10 years. And this continuity of these educational processes had results, as the perception was established that the consumption of injectable cocaine had to be avoided by people deprived of liberty in order to reduce the epidemic of the disease in prison. However, the same cannot be assessed in relation to sexual protection via the use of condoms due to the probable restriction on access to this technology for people deprived of liberty. In addition to the restriction, another factor that hindered the implementation of educational-preventive strategies against HIV was the issue of overcrowding, which dehumanized the majority of inmates from the necrophilic standardization-numbering that ignores their experiences, their individual human lives, treating them as if they were sub-human, making them vulnerable to infection due to the lack of perspective of having a dignified life at the end of their sentence. Even so, cases such as that of Santão, Manga, Edelson, Lula and Perola Byington, who humanized themselves in the explicitness of the singularities of their being (Santão supporting Varella in the use of speakers in lectures, Manga sharing his knowledge about the dynamics of prison, Perola Byington in his scathing criticism about the lack of condoms), unveil lapses of hope, of resistance, of acting amalgamated when reflecting on behalf of the plural good.

Keywords: AIDS/HIV, Freire's Praxis, Science Education, Carandiru Prison Society, Content Analysis.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01- CAPÍTULOS DO LIVRO “ESTAÇÃO CARANDIRU”.....	22
QUADRO 02 - A CORRELAÇÃO DA PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE COM A EDUCAÇÃO NO SISTEMA PRISIONAL.....	38
QUADRO 03 - CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DA PRÁXIS FREIREANA NO ENSINO DE CIÊNCIAS.....	46
QUADRO 04 – CAPÍTULOS DESTACADOS PELA LEITURA FLUTUANTE.....	52
QUADRO 05 – CODIFICAÇÃO DOS TRECHOS DO LIVRO.....	53
QUADRO 06 - CATEGORIAS DE ANÁLISE DO ESTUDO.....	56
QUADRO 07 - CAPÍTULOS SEPARADOS PARA A ANÁLISE CATEGORIAL.....	57

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIDS	- Acquired Immunodeficiency Syndrome
ACT	- Alfabetização Científica e Tecnológica
CTS	- Ciência-Tecnologia-Sociedade
HIV	- Human Immunodeficiency Virus
IST	- Infecções Sexualmente Transmissíveis
LEP	- Lei de Execução Penal
PI	- Peer Instruction
PNH	- Política Nacional de Humanização
UNIP	- Universidade Paulista
TICs	- Tecnologias da Informação e Comunicação
OLs	- Obras Literárias
SEI	- Sequências de Ensino Investigativas
SUS	- Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 A INTERSECÇÃO ENTRE LITERATURA E EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: OBRAS LITERÁRIAS COMO FERRAMENTAS EDUCATIVAS.....	16
2.1 AS CIÊNCIAS DA NATUREZA NAS OBRAS LITERÁRIAS.....	16
2.1.1 Trabalhos que utilizam OLs na educação em ciências.....	16
2.1.2 Trabalhos que investigam o uso de conteúdos científicos nas OLs.....	18
2.1.3 Visão geral do uso das OLs com relação ao ensino de ciências.....	19
2.2 A OBRA LITERÁRIA “ESTAÇÃO CARANDIRU”.....	20
2.2.1 A estrutura do Carandiru.....	23
2.2.2 Doenças que acometiam a sociedade prisional.....	25
2.2.3 Cultura da sociedade prisional do Carandiru.....	26
2.2.4 Massacre do pavilhão nove.....	29
2.2.5 As pessoas do Carandiru.....	30
3 EDUCAÇÃO NO AMBIENTE PRISIONAL E PAULO FREIRE.....	34
3.1 EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NO AMBIENTE PRISIONAL.....	34
3.1.1 A educação em ciências, em física e em química no ambiente prisional.....	36
3.1.2 A educação em biologia no ambiente prisional.....	37
3.2 PAULO FREIRE, EDUCAÇÃO EMANCIPADORA FREIRIANA E PRÁXIS.....	39
3.2.1 O conceito de práxis freiriana e a educação em ciências.....	40
4 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	50
4.1 SELEÇÃO DO DOCUMENTO.....	50
4.2 LEITURA FLUTUANTE E CODIFICAÇÃO.....	51
4.3 CATEGORIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	56
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	61
5.1 RESULTADOS RELACIONADOS À CATEGORIA CONTEXTUAR-AÇÃO.....	61
5.2 RESULTADOS RELACIONADOS À CATEGORIA DIALOGAR-AÇÃO.....	66
5.3 RESULTADOS RELACIONADOS À CATEGORIA HUMANIZAR-AÇÃO.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	78

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos de ensino de ciências, é comum pensarmos que esse processo educativo ocorre em uma escola, em um museu, em um jardim botânico. Em parte, é verdade que esses lugares são propícios para a aprendizagem dos conceitos da física, da química, da biologia, contudo, nessa dissertação, pretende-se abordar a ocorrência de atividades educativas de ciências em um ambiente prisional. Entretanto, não um ambiente prisional qualquer, mas sim uma prisão que chegou a ser considerada a maior da América Latina, a Casa de Detenção de São Paulo, comumente chamada de Carandiru.

Devido à influência econômica no início do século XX, São Paulo se urbanizou, uma urbanização marcada por extremos, dos grandes arranha-céus às terrenas favelas. As favelas paulistanas, no decorrer da evolução histórica da cidade, são descritas por Carolina Maria de Jesus (1960) como um “quarto de despejo”, ou seja, um local onde a elite despeja, exclui necrofilamente vidas humanas. Essas, percebendo sua situação de exclusão que as leva à fome tanto física como também de dignidade, a fome em busca de melhores condições, deixa as pessoas que lá vivem suscetíveis a comportamentos inadequados e situações de violência. Ou seja, a evidente desigualdade decorrente da urbanização de São Paulo resultou no aumento da frequência de crimes, levando à construção do Carandiru em 1920 (Érico Pedroso, 2021).

O Carandiru, oficialmente conhecido como Casa de Detenção de São Paulo, foi uma das mais emblemáticas e controversas prisões brasileiras, cuja história se estende por grande parte do século XX até sua demolição em 2002. Construída em 1920, a instituição foi inicialmente projetada para abrigar cerca de 3.500 detentos, mas acabou superlotada ao longo das décadas, chegando a concentrar mais de 7.000 pessoas privadas de liberdade nos seus anos finais. Localizada na zona norte da capital paulista, o complexo prisional tornou-se um microcosmo da sociedade brasileira, refletindo as desigualdades, tensões sociais e problemas estruturais que marcaram o sistema penitenciário nacional da época.

A gestão cotidiana dependia de uma hierarquia informal estabelecida pelos próprios presos, notadamente representada pelo “grupo da faxina”, essa organização informal coexistia com as normas oficiais impostas pelo Estado, criando um sistema híbrido que tentava equilibrar as necessidades de controle e as realidades da superlotação. No entanto, essa estrutura precária resultava em condições desumanas, com graves problemas de saneamento básico, falta de ventilação adequada e violência constante.

Desde 1939, o Carandiru passou por mudanças estruturais que levou à superlotação do local. Segundo Pedroso (2021), da superlotação ocorreu um aumento de problemas, sendo um deles a disseminação da *Acquired Immunodeficiency Syndrome* (AIDS) entre os detentos.

Nesse contexto, Drauzio Varella decidiu participar da luta contra o *Human Immunodeficiency Virus* (HIV) ao trabalhar no Carandiru de 1989 a 2002. (Daniel Mariano, 2019. João Crema.; Danilo Ferrari, 2018). Para reduzir a propagação da doença através da prevenção, da conscientização plural, começou a elaborar atividades educativas. Esse trabalho levou Drauzio a conviver com a sociedade prisional da Casa de Detenção de São Paulo.

Tal convivência o permitiu conhecer o físico do Carandiru, seus pavilhões grandiosos e as suas celas mal-conservadas. Também possibilitou que o médico se aprofundasse na cultura criada e estabelecida daquela prisão ao longo dos 80 anos de existência da instituição e conhece-se as pessoas que a viviam diariamente. Esse conviver, ao longo de 13 anos, o permitiu escrever o livro “Estação Carandiru”.

Obra essa que, devido ao seu conteúdo ser bastante aprofundado, humanizado e realista, ao decorrer do tempo, foi explorada na academia científica para discutir questões relacionadas as pessoas privadas de liberdade.

O livro “Estação Carandiru”, na academia científica, foi utilizado por Adauto Taufer (2011) para discutir a representação das travestis em contextos de pobreza e violência na produção literária contemporânea brasileira. Abordando como essa narrativa inclui identidades minoritárias e denuncia redes de preconceito e intolerância, focando em como a obra de Drauzio dá voz às experiências de exclusão das travestis na cadeia.

Já para Flavia Péret (2009) e Adriane Rodrigues (2021), o “Estação Carandiru” pode ser compreendido mais do que um livro, para essas autoras ele é um documento histórico importante para discutir a superlotação de prisões brasileiras, servindo como prova do massacre do pavilhão nove.

Luisa Plastino e Carolina Ferreira (2023) abordam em seu trabalho o esforço do estado de São Paulo em silenciar a memória do massacre do pavilhão nove a partir da construção do Parque da Juventude no local onde ficava a Casa de Detenção de São Paulo. Despreservando não só o destino trágico dos oficiais 111 mortos em 1992 como também as diversas histórias das pessoas que frequentaram a instituição prisional ao decorrer de seus 80 anos de existência.

Portanto, o estado esforça-se em perpetuar para as futuras gerações violações históricas-materiais, estabelecendo assim uma espécie de “duplipensar” acerca do Carandiru. Diante disso, o livro “Estação Carandiru” estabelece-se como uma resistência documental frente ao apagamento histórico, frente a opressão necrófila política (Plastino.; Ferreira, 2023).

Acerca da temática da memória, para Juliana Oliveira (2021), o “Estação Carandiru” é interpretado como uma fonte testemunhal do prosseguimento histórico do racismo estrutural no Brasil, visto que a maioria dos presidiários da antiga Casa de Detenção de São Paulo eram pessoas pretas e marginalizadas, que, assim como nos tempos das senzalas, sofriam com condições sub-humanas, como a superlotação.

Segundo Miguel Rettenmaier e Bruna Vicinieski (2021), o livro de Drauzio torna-se á uma ferramenta de denúncia contra o sistema prisional falido do estado de São Paulo, que não oferta condições significativas para a ocorrência de ressocialização das pessoas privadas de liberdade.

Karina Sales (2019), reconhece que o “Estação Carandiru” é uma das primeiras obras literárias que posiciona as pessoas privadas de liberdade no centro de discussões populares pós sua publicação bem-sucedida, portanto, se propõem a observar a influência e também importância do livro na elaboração de outras obras que surgiram a posteriori. Essa influência marca o início de um novo subgênero literário, o gênero carcerário, que permite que autores ressocializados pós-prisão tenham a possibilidade expor suas experiências quanto presidiário não somente do Carandiru como também de outras instituições prisionais.

Em suma, a literatura científica utiliza a obra literária Estação Carandiru para expor a situação de deterioração funesta em que se encontra grande parte das instituições prisionais geridas pelos governos estaduais, especialmente aquelas sob a responsabilidade do governo do estado de São Paulo. Essa deterioração encontra-se principalmente em prisões que comportam um massivo número de pessoas privadas de liberdade. Levando os detentos a sofrerem consequências decorrentes da superlotação.

Indo além da questão da superlotação ou do massacre do pavilhão nove já explorados exaustivamente na literatura científica, nessa dissertação, procura-se abordar o Estação Carandiru por uma vertente ainda não muito explorada, tratar-se-á sobre o educador científico Drauzio Varella contra a opressão da AIDS que acometia aquela sociedade prisional.

Esse educar, que, para Micaela Kramer (2009), baseia-se principalmente no falar e no ouvir de Drauzio em suas interações com as pessoas privadas de liberdade, dignificando a existência humana por eles esquecida devido ao processo de uniformização-numeração. Ora, se Kramer (2009) aponta que essas interações ocorrem dialogicamente e isso leva à

conscientização de que aqueles detentos são humanos além do número de seus uniformes, vale a pena explorar o educar científico de Drauzio sob a perspectiva freiriana. Afinal, para Freire e Faúndez (1985), o dialogar é fundamental para processos educativos pois proporciona oportunidades de as pessoas conhecerem suas realidades de forma crítica.

Partindo dessa premissa de explorar o educador científico e dialógico Drauzio Varela, utiliza-se como objeto de estudo as atividades educativas elaboradas para a prevenção da AIDS relatado no "Estação Carandiru". Portanto, é válido fazer a seguinte questão problema: essas atividades educativas elaboradas por Drauzio Varela no Carandiru para a prevenção da AIDS podem ser reconhecidas como práxis freiriana em ciências?

Diante da questão-problema, o objetivo geral é analisar a elaboração das atividades educativas de prevenção da AIDS no livro “Estação Carandiru” sob o referencial da práxis freireana. Para isso, seguem os objetivos específicos: **(a)** Compreender, utilizando principalmente as obras de Paulo Freire, o conceito de práxis na educação em ciências. **(b)** Refletir de quais formas o contexto do ambiente prisional influenciou a elaboração e realização das atividades educativas de prevenção da AIDS apresentados no livro “Estação Carandiru”. **(c)** Compreender como que a realização das atividades educativas de prevenção da AIDS afetou dialogicamente e atitudinalmente as pessoas privadas de liberdade.

Nesse estudo, primeiramente buscou-se entender a utilização de Obras Literárias (OLs) para a elaboração de trabalhos científicos sobre educação em ciências. E deste entender, emergiu-se a necessidade de resenhar o “Estação Carandiru”, apresentando a obra para os leitores da dissertação.

Logo em seguida, devido à Casa de Detenção de São Paulo ter sido uma instituição prisional, é importante explorar na literatura trabalhos que tratam sobre a educação em ciências nesse ambiente, e, durante esse olhar, observar como o referencial de Freire é usado nesses trabalhos encontrados. Posteriormente, aprofunda-se nas ideias freireanas, principalmente no conceito de práxis na educação em ciências.

Na sequência, elenca-se a abordagem metodológica, detalhando o seu tipo, sua natureza, e a análise de conteúdo de Laurence Bardin, que serviu de base para os procedimentos realizados para analisar de forma objetiva e replicável os trechos selecionados do livro “Estação Carandiru”.

Por fim, nos resultados e discussões, a partir de uma caracterização do conceito de práxis freireana na educação em ciências, serão analisados os trechos do “Estação Carandiru” selecionados pelos procedimentos metodológicos.

2 A INTERSECÇÃO ENTRE LITERATURA E EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: OBRAS LITERÁRIAS COMO FERRAMENTAS EDUCATIVAS

2.1 AS CIÊNCIAS DA NATUREZA NAS OBRAS LITERÁRIAS.

De acordo com Fabiana Almeida (2008), desde o século XIX, autores como Pierre-Jules Hetzel e Júlio Verne começaram a ter iniciativas para incluir conteúdos científicos em suas obras, numa tentativa de tornar acessível conceitos das ciências para o público geral. No contexto brasileiro, a partir do século XX, Monteiro Lobato era um admirador das ciências da natureza, por isso, utilizava conhecimentos científicos durante o processo de escrita de seus livros, em uma tentativa de apresentá-los para o público infantil. (Silvia Groto, 2012).

Segundo Marcilene Gomes-Maluf e Aguinaldo Souza (2008), desde 1970 as OLs vêm sendo utilizadas como meios de elaboração de processos educativos nas ciências da natureza. Podem ser citados os trabalhos de Júlio Ferreira e Paulo Raboni (2013); Emerson Gomes, Sônia Amaral e Luís Piassi (2010); João Zanetic (2006); Daiane Oliveira (2023); Groto (2012); Luciane Pinheiro (2023); Raquel Rodrigues (2023); Ana Quadros e Luciana Miranda (2009); Monikeli Wippel e Camila Silveira (2020); Camila Lourenço, Marco Villarta-Neder e Antônio Nascimento Junior (2018); Fabiana Santos (2013).

As abordagens realizadas por esses autores podem ser divididas em dois tipos: trabalhos que utilizam as OLs para realizar processos didáticos no ambiente escolar e trabalhos que investigam o uso de conceitos científicos nas OLs.

2.1.1 Trabalhos que utilizam OLs na educação em ciências

Nesse subtópico irão se discutidos os trabalhos de Oliveira (2023); Groto (2012); Pinheiro (2023); Rodrigues (2023); Quadro e Miranda (2009); Lourenço, Villarta-Neder e Nascimento Júnior (2018). Esses que utilizaram OLs no ensino de ciências no ambiente escolar, e tal abordagem, a partir dos resultados destes trabalhos citados, podem desvelar alguns aspectos do uso de livros literários no contexto do ensino de ciências.

Oliveira (2023) ressaltou a leitura de OLs no ensino de química, integrando as dimensões da Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS). O estudo buscou identificar as potencialidades dessa abordagem na formação de professores de química. As OLs analisadas permitem problematizar as interações entre desenvolvimento científico, tecnológico e sociedade, destacando a importância de uma abordagem multidimensional, considerando o

papel das interações discursivas e da linguagem literária na sala de aula. A incorporação de textos literários busca estimular a análise crítica e o desenvolvimento de uma visão integrada da ciência e suas implicações sociais, promovendo uma formação humanística.

A pesquisadora Groto (2012) abordou a utilização da literatura de Monteiro Lobato nas aulas de ciências, mais especificamente os livros "A Reforma da Natureza" e "Serões de Dona Benta". O uso das obras permitiu contextualizar conteúdos científicos de maneira significativa para os estudantes. No 8º ano, a obra "A Reforma da Natureza" foi utilizada para ensinar conceitos de ecologia e meio ambiente. Os resultados indicaram que os estudantes conseguiram compreender os conceitos quando apresentados em um contexto narrativo, o que tornou as aulas mais interativas e estimulou a participação. No 9º ano, a obra "Serões de Dona Benta" foi utilizada para abordar conceitos de matéria, massa, peso, calor e temperatura.

Pinheiro (2023) se propõe a analisar e criar sequências didáticas que podiam promover a alfabetização científica das crianças a partir da contação de histórias de OLs. Cada história incluía experimentos utilizando materiais disponíveis no cotidiano escolar. Por exemplo, as histórias abordavam o ciclo de vida da borboleta, a densidade de materiais, o movimento da Terra, e na higiene bucal e os micro-organismos. As crianças conseguiram associar novos conhecimentos com conceitos já estabelecidos em sua cognoscência, formando ideias mais elaboradas e demonstrando interesse e envolvimento ativo nas atividades.

A autora Rodrigues (2023) investigou o uso de ficções como uma metodologia para o ensino de questões ambientais em um curso de licenciatura em ciências biológicas, promovendo conscientização sobre crise ambiental. Os resultados indicaram que a literatura de ficção científica pode contextualizar e sensibilizar os estudantes sobre questões ambientais. Os licenciados destacaram a importância de adaptar os conteúdos ao contexto escolar, enfatizando a necessidade de apoio institucional para a implementação de abordagens inovadoras. As sequências didáticas elaboradas pelos licenciados a partir das OLs utilizaram temas como o surgimento da vida, a evolução dos seres vivos e a ética nas relações entre humanos, demonstrando potencial para enriquecer o ensino de ciências.

Quadro e Miranda (2009) analisaram as práticas de leitura entre estudantes de licenciatura em química. Focou-se em compreender quais leituras esses estudantes realizam, além de como essas OLs contribuem para o desenvolvimento de suas competências de leitura. A pesquisa revelou que muitos estudantes limitam suas atividades de leitura aos materiais obrigatórios do curso. Esse comportamento pode restringir o desenvolvimento de estratégias de compreensão de texto, vitais para uma aprendizagem mais abrangente e significativa.

A leitura dos textos acadêmico-científicos é considerada fundamental, porém, a falta de diversidade nas leituras, como as de OLs, pode comprometer a formação de um repertório mais amplo de habilidades de interpretação e análise crítica.

Lourenço, Villarta-Neder e Nascimento Júnior (2018) exploraram a utilização das poesias de Patativa do Assaré no ensino de ecologia, destacando a importância de integrar recursos pedagógicos que aliem teoria e prática. A pesquisa revelou que os estudantes identificaram conceitos ecológicos como habitat, nicho ecológico, população, fatores bióticos e abióticos, mostrando uma compreensão dos conteúdos científicos. A abordagem social destacou como eles relacionaram o uso da terra para subsistência familiar e as condições de seca no sertão nordestino, refletindo sobre a realidade social e cultural da região.

2.1.2 Trabalhos que investigam o uso de conteúdos científicos nas OLs

Agora, através dos trabalhos de Ferreira e Raboni (2013); Gomes, Amaral e Piassi (2010); Zanetic (2006); Wippel e Silveira (2020); Santos (2013), irá se abordar sobre a segunda forma mais comum de se abordar as OLs no ensino de ciências, que é investigar nos livros e afins como se dá o uso dos conceitos científicos.

Os pesquisadores Ferreira e Raboni (2013) analisaram a obra de Júlio Verne, com foco especial em "Vinte Mil Léguas Submarinas", e sua aplicação no ensino de física. A abordagem parte do pressuposto de que a ficção científica de Verne pode ser uma ferramenta eficaz para ensinar conceitos científicos a partir de um contexto que enriquece a compreensão dos estudantes. Utilizando Bakhtin, o estudo examinou como Verne integra os conceitos científicos em suas narrativas, criando uma ponte entre a ficção literária e o conhecimento científico. O artigo destaca que as situações descritas por Verne apresentam proximidade com os fenômenos físicos encontrados em livros didáticos, mas com a vantagem de serem contextualizados. (Ferreira; Raboni, 2013). Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda dos conceitos ao vê-los aplicados em cenários ricos e detalhados.

Os autores Gomes, Amaral e Piassi (2010) destacaram a necessidade de identificar as possibilidades didáticas das OLs para facilitar a compreensão dos conceitos científicos. A obra "A Máquina do Tempo" é utilizada como exemplo para o ensino da relatividade, propondo a discussão de aspectos históricos em conjunto aos conceituais.

Zanetic (2006) discute a interseção entre física e literatura. O autor defende incorporar a física na formação cultural, utilizando a arte como meio de facilitar o ensino. Ele acredita que essa integração (física + artes) pode enriquecer a imaginação dos estudantes, argumentando que textos literários podem ajudar a superar obstáculos epistemológicos que desmotivam discentes.

Wippel e Silveira (2020) investigaram o uso da poesia no ensino de física, explorando como essa integração pode enriquecer a compreensão dos conceitos científicos. O estudo analisa poemas de Mário de Sá-Carneiro, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Antônio Gedeão e Cecília Meireles, demonstrando como temas da física podem ser encontrados nessas OLs (Wippel; Silveira, 2020). O diálogo entre física e poesia permite que o ensino de ciências leve em consideração os contextos históricos, culturais, sociais, proporcionando uma compreensão mais completa do conhecimento científico. A pesquisa parte do pressuposto de que a ciência e a arte são campos de criação humana que, embora distintos, podem se complementar e enriquecer mutuamente. A literatura oferece um meio de humanizar a ciência, destacando a sua relevância cultural e social (Wippel; Silveira, 2020).

Santos (2013) analisou um conjunto de livros de literatura infantil, focando em como esses textos incorporam elementos das ciências naturais e suas possíveis aplicações no ensino de ciências (Santos, 2013). Os resultados da análise evidenciam a importância de uma abordagem interdisciplinar entre a literatura infantil e o ensino de ciências, destacando como essa interação pode enriquecer o ensino das ciências naturais (Santos, 2013).

2.1.3 Visão geral do uso das OLs com relação ao ensino de ciências.

Portanto, os diversos trabalhos acadêmicos mostram que as OLs permitem que o leitor possa ligar questões científicas com o social. (Luana Lisingen, 2008). Ampliando a percepção sobre o uso do conhecimento científico, pois “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (Antônio Candido, 1995, p. 180).

Tais ligações são permitidas durante a leitura de uma obra literária pois nelas, os autores possuem uma abordagem mais abrangente do que a permitida na escrita de livros didáticos. (Jonathan Silveira, 2013. Linsingen, 2008).

Abrangência que, de acordo com Zanetic (2006), possibilita que o processo de leitura não seja uma prática mecanizada, mas que instiga a ação do leitor de refletir sobre o que é lido de forma interdisciplinar. Também as OLs apresentam, por meio do fazer ciência dos

personagens, diferenças culturais existentes entre as sociedades/comunidades apresentadas no decorrer da trama (Belo, 2022). Essa abordagem por meio de livros também permite que sociedades/comunidades silenciadas no mundo material possam expressar sua voz:

[...] O processo de construção de uma realidade encenada representa a expressão do homem sobre o homem e o mundo que o circunda ou que ele gostaria que circundasse. No caso específico da nossa discursão, centramos nossa atenção na capacidade dos escritores darem sentidos à ciência, seja pensando em um futuro melhor ou catastrófico por meio da ficção científica, seja dando voz a personagens que questionam as relações entre ciência e sociedade. (Silveira, 2013, p.35).

Gregory Claeys (2013) aponta que as OLs que abordam temas científicos também possuem a capacidade de discutir recortes do período de sua publicação. Um exemplo disso é o livro “Frankenstein ou o Prometeu Moderno”, que apresenta o contexto da revolução industrial expondo os bônus e os ônus advindos das novidades científicas do século XIX.

Diante dessa visão geral do uso das OLs, tem-se que o “Estação Carandiru”, a partir de uma abordagem abrangente, possui a capacidade de mostrar os efeitos sociais da opressão ocasionada pela AIDS na sociedade prisional ao longo das décadas de 80 e 90 (período no qual a AIDS se instalou em São Paulo). Permitindo um empoderamento das vozes das pessoas privadas de liberdade sobre a temática do HIV, essas vozes, normalmente silenciadas.

2.2 A OBRA LITERÁRIA “ESTAÇÃO CARANDIRU”.

Drauzio Varela atuou por 20 anos no Hospital do Câncer, naquele local, segundo Eduardo Silva (2015), conheceu o cineasta Héctor Babenco (que estava em tratamento contra o câncer). Esse diretor, depois de ouvir os vários relatos do que acontecia na Casa de Detenção de São Paulo, sugeriu a Drauzio escrever o livro “Estação Carandiru”.

O livro teve aceitação positiva do público, segundo Péret (2009) e Bruna Vicinieski (2021), chegando a ter mais de 500 mil cópias vendidas e ser agraciado com Prêmio Jabuti em duas categorias: não-ficção e livro do ano. (Mariano, 2019. Crema.; Ferrari, 2018).

Tal aceitação se dá, pois, a obra descreve relatos da experiência de Drauzio com as pessoas privadas de liberdade e com os agentes públicos do presídio (Mariano, 2019). Além de Taufer (2011) pontuar que esse sucesso também se deve a escrita de Drauzio, pois no seu ato de textificar, por meio de minibiografias das pessoas privadas de liberdade, tanto humaniza a linguagem e detalha a fisicalidade e história daqueles indivíduos que surgem na narrativa da obra, numa tratativa de torná-los mais realistas para o leitor.

A inspiração de fazer minibiografias ao longo dos capítulos do “Estação Carandiru” veio da escrita presente nas obras de Machado de Assis:

Folha - Quais são suas influências literárias?

Drauzio Varella - Tenho muito pouco tempo para ler. Tenho lido os clássicos, mas não li Marcel Proust ainda. Quem me influenciou muito foi Machado de Assis. Tenho paixão por ele, pelo uso que ele faz da linguagem.

Folha - Machado de Assis influenciou no seu modo de escrever?

Varella - Ele que me desculpe, mas acho que sim (risos). Gosto do jeito dele de contar histórias. Não posso dizer que aprendi com ele, mas admiro a capacidade dele de descrever personagens com três ou quatro palavras.

Folha - No seu caso, tinha também que descrever o artigo, o crime cometido pelo personagem...

Varella - Eu tentei fazer isso porque na cadeia há uma diversidade muito grande de tipos. Aqui de fora, a gente imagina que aquilo é uma massa de selvagens que se matam. Não é. O estelionatário não tem nada a ver com o traficante, com o ladrão de banco. São pessoas muito diferentes, largadas num mesmo lugar. Tentei caracterizar muitos personagens. (Daniel Castro, 1999, p.1)

Além disso, segundo Vicinieski (2021), o “Estação Carandiru” foi a primeira e a mais conhecida obra que relatou o massacre do pavilhão nove em nível nacional sob a perspectiva dos detentos. O que empodera vozes que normalmente são silenciadas.

O livro "Estação Carandiru" é uma obra literária de 297 páginas que se destaca por sua profundidade e sensibilidade ao abordar a vida dentro da Casa de Detenção de São Paulo. Publicado em 1999, o livro é um relato das experiências do autor enquanto voluntário na prevenção da AIDS no presídio – ou seja, de acordo com Tauffer (2011), um narrador testemunha; oferecendo uma visão humanizada e detalhada das condições de vida precária dos detentos e das diversas dinâmicas da sociedade prisional do Carandiru.

Ele mostra que os detentos desenvolveram um código de comportamento e valores que visava preservar a integridade da sociedade prisional, destacando que a perda da liberdade não conduz à barbárie, mas à criação de novas regras de convivência.

Também é importante mencionar que o “Estação Carandiru” retrata acontecimentos ocorridos entre 1989 a 1999, um período particularmente relevante devido à epidemia do HIV que se alastrou principalmente no estado de São Paulo. (Varella, 1999). Na época, por se tratar de um vírus novo e com alta taxa de infecção, era possível concluir que os grandes centros urbanos seriam os mais afetados, como ocorreu em São Paulo a partir de 1983. (Bernadette Waldvogel.; Lilian Morais, 1998). Devido a capacidade do HIV infectar as células de defesa, de 1983 a 1994, os tratamentos e medicamentos eram raros e limitados.

Portanto, as oportunidades de sobrevivência a longo prazo dos indivíduos com AIDS eram restritas às elites. (Rosane Pereira, 2006). Consequências dessa restrição de tratamento foram a morte de 60% dos infectados em 1988 na capital paulista e também a morte de 63% de pessoas residentes no interior do estado em 1997. (Pereira, 2006).

O livro “Estação Carandiru”, ao longo de seus 59 capítulos pode ser dividido em 5 seções (quadro 01):

QUADRO 01 – CAPÍTULOS DO LIVRO “ESTAÇÃO CARANDIRU”

Introdução	O Baque	Anjos-demônios	Pena Capital	Mulher, Motel e Gandaia	Margô Suely	Veronique, a Japonesa	O Levante
Estação Carandiru	No Cinema	Os Funcionários	Laranja	Maria Louca	Seu Chico	Nego Preto	O Ataque
O Casarão	Rita Cadillac	O Rebanho	Sangue-bom	Miguel	Cozinha Geral	Olho por Olho	O Rescaldo
Os Pavilhões	Atropelo na Divinéia	Amarelo	Travestis	Um Abraço	Reencontro	Paixão Arrebatadora	
O Barraco	Bem-vindo	Tudo na Colher	Inocência	Deusdete e Mané	Zé da Casa Verde	Sem-chance	
Sol e Lua	O Impacto	Para Derrubar a Malandragem	Ricardão	Amor de Mãe	Neguinho	Seu Valdomiro	
Fim de Semana	Biotônico Fontoura	Na Piolhagem	Quebra-cabeça	Edelso	Manga	O Filho Pródigo	
Visitas Intimas	Leptospirose	Ócio	Santão	Lula	Seu Jeremias	Aprendiz de Feiticeiro	
A Estrutura do Carandiru	Doenças que Acometiam a Sociedade Prisional	A Cultura da Sociedade Prisional do Carandiru	As Pessoas do Carandiru	Massacre do Pavilhão 9			

FONTE: Modificado de Varella (1999).

Ao decorrer da leitura (e das diversas releituras posteriores) do Estação Carandiru, a divisão por seções emerge de forma natural, pois historicamente Drauzio, antes de começar a trabalhar com relação a prevenção a AIDS, ele precisa entrar no local físico que é o Carandiru. Entrada que, visualmente, o começa a integrar na cultura daquela sociedade desde a Ratoeira até o pavilhão nove. Depois de entrar naquele local, ele então passa a conhecer a

realidade sanitária da Casa de Detenção de São Paulo, primeiramente se aprofundando na questão do HIV, que era seu objeto de maior interesse em seu trabalho de educação preventiva, porém, posteriormente conhecendo os efeitos de outras doenças que acometiam as pessoas privadas de liberdade. Conhecer este extremamente ativo, visto que Drauzio, no seu dialogar com os detentos, toma consciência com eles sobre a cultura que se estabeleceu naquele local ao longo de seus 80 anos de existência. Cultura essa que elaborou sua própria economia, suas regras de convivência, sua hierarquia de poder, ou seja, uma sociedade prisional, e como qualquer sociedade, ela também era constituída de variadas comunidades.

Entretanto, o dialogar com as pessoas privadas de liberdade não apenas permitiu que Drauzio Varella esmiuçar-se sobre a sociedade lá formada por 80 anos, mas também possibilitou que ele se conhece mais sobre as pessoas que a formavam. Pessoas essas que se demonstravam solidárias com seus colegas de cela, que tinham conhecimentos prévios sobre as ciências biológicas e capacidade de aprendizagem sobre as mesmas, que possuíam família, enfim, humanas. Inegavelmente, por serem humanas, também entravam em conflitos por diversos motivos. Exemplo seria o resultado de uma partida de futebol, motivo esse que levou o Carandiru a desordem generalizada em outubro de 1992. Ocasionalmente na invasão da polícia militar de São Paulo, essa que ceifou 111 dessas vidas humanas.

2.2.1 A estrutura do Carandiru

A partir de 1986, Drauzio, além de médico, também era um comunicador científico que, por meio do rádio, comunicava os ouvintes sobre a prevenção da AIDS visando oferecer conscientização abrangente sobre a doença (Crema; Ferrari, 2018).

Porém, para enfrentar a opressão do HIV, passou a adotar uma postura mais ativa, observando os grupos sociais de São Paulo que mais eram afetados, entre eles, destacava-se a sociedade prisional do Carandiru. (Varella, 1999). Essa sociedade, de acordo com o capítulo “Introdução”, instigava a curiosidade de Drauzio devido às condições precárias às quais aquelas pessoas privadas de liberdade eram submetidas rotineiramente. A partir dessa curiosidade, Drauzio participou, em conjunto de outros pesquisadores, de uma pesquisa quantitativa sobre a disseminação do HIV no presídio. (Varella, 1999). Diante dos resultados estatísticos, voluntariou-se para atuar na prevenção da AIDS na prisão, em colaboração com o Dr. Manoel Schechtman, responsável pelo departamento médico do sistema prisional.

Na entrada da prisão, Drauzio se deparava com um local apelidado de Ratoeira, onde as pessoas que a visitavam eram revistadas a fim de evitar a entrada de drogas e contrabando na Casa de Detenção de São Paulo (Varella, 1999). Depois da Ratoeira, havia a Divinéia, um pátio plano que permitia a entrada de alimentos para as refeições do dia a dia e atividades de transferência de detentos de uma instituição prisional a outra.

No capítulo “O casarão”, Drauzio descreve que existiam vários prédios cinzentos de cinco andares, que possuíam pátio e quadra de futebol própria, esses eram os pavilhões (Varella, 1999). Cinco andares estes repletos de celas com portas metálicas e trancas externas. Segundo o capítulo “O barraco”, dependendo de quem era a pessoa, ela podia ocupar uma cela sozinha (alugando ou comprando a cela) ou compartilhá-la com outros 70 indivíduos:

Há muitos anos a direção da Casa perdeu o direito de posse nos pavilhões maiores, como o Cinco, o Sete, o Oito e o Nove. Nesses, cada xadrez tem dono e valor de mercado. No pavilhão Cinco, custam mais barato: de 150 a 200 reais; no Oito há um xadrez de luxo com azulejos de primeira, cama de casal e espelhos que vale 2 mil. [...] Há xadrez em que o dono é libertado e deixa um inquilino pagando aluguel ou um amigo morando de graça. Se o proprietário voltar para a Detenção, o outro tem que devolver o imóvel. Veja a que situação chegamos! (Varella, 1999,p. 36-37).

A Casa de Detenção de São Paulo era descrita como gigante, comparada até mesmo a uma cidade de pequeno porte, tal grandiosidade se devia ao fato de que nela habitavam cerca de 7200 pessoas privadas de liberdade que eram condenadas pela justiça ou estavam à espera de julgamento (Varella, 1999). Essa superlotação teve suas consequências, já que era impraticável administrar o local apenas pelos agentes penitenciários, logo, os próprios detentos tinham que ajudar na organização do Carandiru (Varella,1999).

Dos quase 7200 detentos, apenas 1000 podiam transitar livremente. Muitos desses eram indivíduos que ajudavam na organização e funcionamento do presídio. Organização e funcionamento da parte elétrica, da limpeza, da alimentação, do setor de saúde e entre outras áreas essenciais. Além de ter a função primária de servir como habitação das pessoas privadas de liberdade, os pavilhões também tinham suas dinâmicas próprias, descritas no capítulo “Os pavilhões” : O pavilhão dois servia como um local de recepção dos novos detentos, esses que se deparavam com um processo de despersonalização por meio de um corte de cabelo característico e de sua uniformização-numeração, além de ter sua alocação na prisão definida via entrevista; o pavilhão quatro era onde ocorriam as atividades ligadas a saúde e também abrigava as pessoas privadas de liberdade rejeitadas nos outros pavilhões (indivíduos que possuíam necessidades especiais, doença ou sofriam algum tipo de preconceito pela cultura local); os pavilhões cinco e nove eram semelhantes, pois eram locais de massiva lotação; no

pavilhão seis os detentos realizavam tarefas administrativas visando manter a ordem do local em conjunto dos agentes penitenciários e também era lar dos detentos estrangeiros; o pavilhão sete era o mais pacífico de todos, pois era onde as pessoas privadas de liberdade trabalhavam em busca de remissão de parte da pena criminal; e no pavilhão oito ficavam os detentos reincidentes, os mais experientes do mundo do crime (Varella, 1999).

A rotina na prisão funcionava da seguinte forma: O dia começava às cinco da manhã para o “pessoal da faxina”, que distribuía o café da manhã, almoço e janta. De manhã até as cinco da tarde, as atividades de lazer eram variadas como futebol, boxe, capoeira, halterofilismo, música e aulas. As cinco da tarde, eles eram recolhidos às celas.

Normalmente, nos finais de semana, era dia de visita dos familiares. Portanto, conforme o capítulo “Fim de semana”, na sexta-feira, o “pessoal da faxina” organizava uma limpeza rigorosa nos pavilhões do Carandiru para deixar o local apresentável para seus entes queridos. Esses familiares traziam refeições, suplementando nutricionalmente os detentos, além de maços de cigarro, considerados a moeda da prisão (Varella, 1999). Com relação às visitas dos familiares, o autor ressalta que a prisão pune tanto os indivíduos que cometeram os crimes quanto seus familiares, que se preocupam semanalmente com o bem-estar de seus irmãos, de seus maridos, de seus filhos encarcerados.

Por fim, Varella (1999) aponta que a estrutura dos pavilhões era antiga e malconservada. A prisão era frequentemente infestada por vetores de doenças, como ratos e baratas. Essas condições explicam a exposição das pessoas privadas de liberdade com relação às doenças como tuberculose, leptospirose, asma e dermatites.

2.2.2 Doenças que acometiam a sociedade prisional.

No capítulo “O Baque”, Drauzio descreve que participou, em conjunto com outras pessoas, de uma pesquisa quantitativa no Carandiru sobre a contaminação pelo HIV em 1990. (Varella, 1999). Constatou-se que havia uma epidemia de AIDS que acometia principalmente a comunidade Trans do presídio. Diante disso, em “No cinema”, Drauzio, juntamente com dois funcionários da Universidade de São Paulo (UNIP), o apoio de Waldemar Gonçalves e alguns detentos, preparavam o pavilhão seis para realizar palestras destinadas à aprendizagem de métodos preventivos contra a transmissão do HIV. Aquele local foi escolhido para a realização das palestras porque comportava até 1000 pessoas privadas de liberdade.

Nele, antes da realização das palestras educativas, os detentos eram recepcionados com vídeos de cantores para aumentar o engajamento nas palestras sobre a AIDS. Após a acomodação, eles assistiam vídeos para aprender sobre métodos de prevenção contra o HIV e faziam perguntas a Drauzio sobre a temática. Essas perguntas eram, em sua maioria, de cunho prático (como a camisinha me protege do HIV?) em vez de teórico (Varella, 1999).

Esse processo de educação científica trouxe seus benefícios, pois as pessoas privadas de liberdade, percebendo os cuidados médicos, educacionais e humanos, passaram a respeitar os profissionais de saúde do Carandiru, o que facilitava a elaboração das palestras de prevenção à AIDS no pavilhão seis. (Varella, 1999).

Os capítulos “Atropelo na Divinéia”, “Bem-vindo”, “Impacto” e “Leptospirose” mostram que a AIDS era apenas uma das várias doenças que afetavam os detentos. Por exemplo, na enfermaria do pavilhão quatro, onde Drauzio atuava como voluntário, eram registrados casos de tuberculose, leptospirose, asma, diabetes e dermatites (Varella, 1999). Casos que precisavam ser tratados muitas das vezes sem o acesso a equipamentos médicos devido ao pouco contingente e à estrutura precária da enfermaria.

Além disso, essa estrutura precária também afetava o trabalho dos agentes de saúde, fato que exigia deles um cuidado redobrado (para evitar a contaminação dos próprios funcionários) durante o tratamento dos doentes (Varella, 1999). Outro fator que dificultava o atendimento era o analfabetismo científico das pessoas privadas de liberdade com relação tanto ao entendimento da prevenção como também ao prosseguimento do tratamento.

Ressalta-se que o atendimento médico, tanto em relação a AIDS como também as outras doenças, não eram realizados apenas por Drauzio. Embora fossem poucas, havia outras pessoas, como os médicos Mário Mustaro, Manoel Schechtman e Paulo Preto, o detento enfermeiro Edelson, o detento auxiliar de enfermagem Lula, entre outros (Varella, 1999). Sobre Paulo Preto, ele ajudou Drauzio e os outros agentes de saúde do Carandiru a elaborar um projeto de desinfecção do Amarelo (setor especial do pavilhão cinco) para combater uma epidemia de sarna que acometia os que lá moravam. Porém, os moradores do Amarelo lá o estavam devido à cultura daquela sociedade que os excluía (Varella, 1999).

2.2.3 Cultura da sociedade prisional do Carandiru

No capítulo “Anjos e demônios” é apresentado o grupo responsável pelo funcionamento da sociedade prisional, conhecido como o “pessoal da faxina”. Eles agiam para manter uma rotina de organização dos 7200 presos, sendo que os membros mais

estimados eram aqueles que seguiam fielmente as normas não formais de conduta, prezando por manter a convivência pacífica entre os membros daquela sociedade. Consideradas pessoas de poucas palavras, mas dotadas de grande diplomacia entre as partes (Varella, 1999).

Curiosamente, os detentos em uma hierarquia alta comparavam seu serviço às de donos de empresas ou juízes da lei devido ao alto número de decisões críticas que precisavam tomar diariamente em prol da ordem, como expõe Varella (1999):

Vivem atarefados. Na enfermaria, atendi dois deles com sintomas visíveis de estresse, como se fossem altos executivos de multinacional ou, como prefere dizer o Bolacha, como se fossem juízes de direito [...] Na verdade, nas fases mais agitadas do pavilhão, nem na cama Bolacha tinha sossego: -No silêncio da noite, a mente trabalha solitária porque a decisão final é minha e dela depende a sorte de um ser humano. Sou o juiz do pavilhão. Só que o juiz da rua trabalha aquelas horinhas dele e vai para casa com o motorista; eu, é 24 por 48. Ele, só tem que julgar se o acusado vai preso; no máximo, dar uma pena mais longa. Eu, assino pena de morte (Varella, 1999, p. 104).

Como relatado no capítulo “Os funcionários”, Drauzio inicialmente foi recebido com desconfiança pelos agentes prisionais do local, pois acreditavam que o médico era uma espécie de infiltrado dos canais de notícia, exemplo dessa desconfiança era o limitado compartilhamento de informações sobre o presídio. (Varella, 1999).

Porém, com a continuidade do trabalho de Drauzio na instituição entre 1989 a 1999, tanto a sociedade prisional como os agentes prisionais passaram a respeitá-lo e confiar em suas ações educativas como, por exemplo, ajudando-o na distribuição do material educativo “O Vira-Lata”, voltado para a prevenção do HIV. Durante a continuidade desse trabalho, Drauzio constatou que era imprescindível basear as ações educativas nos relatos tanto das pessoas privadas de liberdade como também dos agentes prisionais (Varella, 1999).

Naquele ambiente prisional superlotado havia uma sociedade constituída por várias comunidades: As comunidades religiosas, a comunidade dos detentos estrangeiros, a comunidade Trans, a comunidade dos detentos reincidentes e outras. (Varella, 1999).

No capítulo “O rebanho”, Drauzio dedica-se a descrever, de forma geral, as comunidades religiosas. (Varella, 1999). Lá existiam praticantes do cristianismo, do protestantismo, do espiritismo e outras vertentes religiosas. (Varella, 1999). As pessoas privadas de liberdade da Casa de Detenção de São Paulo buscavam na religião tanto proteção comunitária quanto oportunidades de ressocialização extra muro pós cumprimento da pena.

Além das diversas comunidades religiosas, também existia a comunidade Trans do Carandiru, descrita no capítulo “Travestis”. (Varella, 1999). Desde cedo, as pessoas Trans eram majoritariamente marginalizadas em razão de preconceitos, levando-as a se unirem em

prol de melhores condições de vida no Carandiru, fazendo do pavilhão cinco em seu principal lar. Devido à prostituição no Carandiru, esse público estava mais exposto a contaminação pelo HIV via relações sexuais desprotegidas.

No que diz respeito à cultura, os capítulos “Amarelo” e “Pena Capital” descrevem um local destinado a pessoas consideradas *personae non gratae*, aqueles que cometeram o crime de estupro, esse local era o Amarelo. A justificativa para que esse crime fosse tratado como pena capital residia no fato de ser considerado um ato de pura maldade, que põem em risco a integridade física e psicológica da sociedade na totalidade, como destacado por Varella (1999) na fala de Lupércio:

Seu Lupércio, que se orgulha de nunca haver roubado, embora tenha passado a maior parte de da sua vida na cadeia por causa de maconha [...], explica a filosofia: -Não pode deixar essa gente frequentar o ambiente, por que aqui nós recebemos nossa esposa, a mãe e as irmãs. Quem cometeu uma pilantragem dessa, pode recair e faltar com o devido respeito. Eu sou contra a pena de morte no nosso país, mas sou a favor no caso de estupro (Varella, 1999, p.147).

As celas do Amarelo eram extremamente superlotadas, constantes faltas de água, grande presença de vetores de doenças e outras condições degradantes (Varella, 1999).

No capítulo “Ócio”, Varella (1999) descreve os tipos de serviços realizados pela sociedade prisional, como o trabalho de cozinha, limpeza, confecção de variados itens, corte de cabelo, comércio de bens e entre outros. O trabalho era uma atividade essencial para as pessoas privadas de liberdade, pois funcionava como uma espécie de tratamento psicológico.

Dentro da Casa de Detenção de São Paulo, haviam três tipos de pessoas particularmente importantes na cultura do local, que são descritas nos capítulos “Laranja”, “Sangue-bom” e “Quebra-cabeça”. (Varella, 1999).

O laranja era, geralmente, um detento novo, que era convocado para assumir as responsabilidades penais de outrem devido a acontecimentos na prisão (Varella, 1999). Já o sangue-bom possuía uma função semelhante ao laranja, exceto que ele não era convocado, mas se voluntariava, e seu ato de voluntariado era altamente valorizado, tornando o sangue-bom uma pessoa de alto respeito no recinto e, conseqüentemente, beneficiando sua estadia na prisão durante o cumprimento da pena.

O terceiro tipo de pessoa, apresentada em “Quebra-cabeça”, é o alcagueta. Personalidade comum no Carandiru, é uma espécie de informante do diretor dentro daquela sociedade prisional, afinal, é importante lembrar que a organização dentro da Casa de Detenção de São Paulo era uma tarefa tanto do “pessoal da faxina” como dos agentes públicos

prisionais. Para a manutenção dessa organização, o diretor precisava de uma rede de informações para saber quais atitudes tomar e evitar (Varella, 1999).

Já nos capítulos 'Tudo na Colher', 'Para Derrubar a Malandragem' e 'Na Piolhagem', Drauzio se atém a conversar com os detentos do pavilhão oito, que eram considerados os mais experientes daquela sociedade prisional. Alguns deles relatam que a chegada do crack mudou radicalmente aquela sociedade (Varella, 1999). Essa droga tinha efeitos devastadores nos consumidores. Além disso, o crack incentivava ações desordeiras e desrespeitosas devido aos seus efeitos alucinógenos e biológicos (Varella, 1999). Curiosamente, devido ao consumo do crack não ser por meio de injetáveis, isso resultou em uma redução no número de infectados pelo vírus HIV a partir de 1994. Alguns usuários relataram a Drauzio que essa mudança teve como base o que eles aprendiam nas palestras de prevenção da AIDS no pavilhão seis.

2.2.4 Massacre do pavilhão nove.

Como consequência cultural do local, os detentos começaram a formar times de futebol para realizar campeonatos. Entretanto, em 1992, o capítulo 'O Levante' aponta que, durante uma partida, algumas pessoas da plateia iniciaram uma briga no pavilhão nove, o que se tornou uma confusão generalizada. Esses diversos conflitos logo se tornaram irrefreáveis, tanto pela administração dos próprios detentos como também pelos agentes penitenciários.

Devido à perda de controle do pavilhão nove pelos funcionários do presídio, a polícia militar de São Paulo assumiu temporariamente o funcionamento do local (Varella, 1999). Para lidar com a situação do pavilhão nove, segundo os relatos dos detentos Dadá e Jacó no capítulo 'O Ataque', a polícia militar optou pela abordagem invasiva, usando munição letal contra as pessoas privadas de liberdade (Varella, 1999). Dando início a diversas execuções indiscriminadas, cela por cela, naquele pavilhão durante 30 minutos. Essas execuções se concentraram no terceiro e quinto andar (Varella, 1999).

Após isso, os sobreviventes do pavilhão nove foram ordenados a levantarem nus dos lugares onde se escondiam para amontoar-se no pátio (Varella, 1999). Aqueles que não obedeciam às ordens imperativas/necrófilas eram ameaçados ou executados:

Os corpos tiveram que ser carregados para o térreo pelos próprios presos. Jacó, o baixinho que traficava por telefone, foi um dos carregadores. - Chegaram para mim e mais quatro: Vocês; aí, podem catar os cadáveres da galeria do segundo andar e levar pra Escola, lá embaixo! A gente pegava nas pernas e nos braços e descia. Tudo depressa, com os policiais apavorando. A essa altura, embora os acontecimentos já lhe tivessem anestesiado o medo da morte, Jacó se preocupou por estar descalço,

com os pés esfolados do futebol: - Tanto HIV na cadeia, se escapar vivo vou acabar pegando AIDS. Foi quando um PM mandou a gente empilhar direito os corpos, na Escola, que estava a maior bagunça de braço e perna, as cabeças cada uma para um lado. Nisso que ele está falando, alguém se mexeu na pilha. Ele foi dar uma coronhada de metralhadora no cara e se distraiu, aonde que eu me aproveitei e deitei num cantinho, no meio dos falecidos. Ficou imóvel na brecha entre os corpos, com a respiração quase presa, até que os quatro entraram com o último cadáver. O PM se dirigiu a eles: - Terminou? Eles responderam que sim. Rã, rã, rã, rajou os quatro. Caíram duro por cima dos próprios companheiros que a gente tinha carregado. Enquanto o medo da AIDS salvava a vida de Jacó, um oficial da PM dava ordem para Dadá descer os corpos do terceiro andar: Só na gaiola do terceiro tinha uns trinta cadáveres amontoados. A pilha tinha quase dois metros de altura (Varella, 1999, p. 294).

2.2.5 As pessoas do Carandiru

O Carandiru quase sempre é lembrado por seus números, como os oficialmente registrados 111 mortos no massacre do pavilhão nove ou o fato de abrigar cerca de 7200 detentos. Porém, optou-se por trocar a ordem de explicação da seção 'Massacre do Pavilhão Nove' com a seção 'As Pessoas do Carandiru', devido a esta dissertação possuir uma visão focada nas pessoas do Carandiru em vez dos números da Casa de Detenção de São Paulo.

Varella (1999), em seu livro, vai além dos números do massacre ou da quantidade de pessoas privadas de liberdade que lá moravam, se atendo a falar sobre as pessoas e sua vida antes ou durante o cumprimento da pena. Seguem alguns exemplos dessa humanização.

Santão era um de oito filhos de uma família humilde e iniciou cedo na vida do crime para melhorar as condições de vida de sua família. Apesar de sua estatura física parecer assustadora para muitos (inclusive para Drauzio), na Casa de Detenção de São Paulo, voluntariou-se para ajudar nas palestras de prevenção da AIDS.

Outro que começou no mundo do crime para ajudar seus familiares foi Ezequiel; entretanto, suas motivações tornaram-se cada vez mais egoístas, a ponto de viver uma vida farta de mordomias, mas cheia de tensões e inseguranças. Situação que apenas piorou quando foi preso, uma história semelhante às de Nequinho e Sem-Chance (Varella, 1999).

Miguel e Antônio Carlos eram parceiros do crime, possuíam um comportamento semelhante ao de irmãos, prometendo que iriam cuidar da família um do outro caso algum fosse preso. Porém, devido às desavenças, ambos seguiram seus caminhos e, por coincidência, se reencontraram no Carandiru. Entretanto, devido à tuberculose adquirida na prisão, Miguel definhou-se, e ficou sob os cuidados do parceiro até a sua morte (Varella, 1999).

Deusdete e Mané de Baixo eram amigos de infância, mas seguiram caminhos diferentes na vida. Mané de Baixo foi para o mundo do crime, enquanto Deusdete continuou seus estudos. Deusdete foi para o Carandiru após matar um homem que sua irmã acusou de tê-la molestado. Lá reencontrou seu amigo Mané de Baixo (Varella, 1999).

Deusdete tentou várias vezes afastar Mané de Baixo do vício do crack. Porém, os efeitos biológicos e alucinógenos do crack deixam a pessoa propensa a comportamentos desordeiros, com isso, Mané de Baixo matou Deusdete ao lançar água fervente sobre ele. Mané de Baixo, por sua vez, foi julgado pela sociedade prisional do Carandiru e foi assassinado por matar seu amigo de infância (Varella, 1999).

Edelso assumiu a identidade de um médico falecido e passou a exercer a medicina ilegalmente, para lavar dinheiro proveniente do roubo de carros (Varella, 1999). Entretanto, essa prática ilegal o fez adquirir conhecimentos científicos suficientes para ajudar no tratamento de seus colegas de cela doentes. Com esses conhecimentos, começou a auxiliar Drauzio e a enfermaria do pavilhão quatro no tratamento da AIDS e de outras doenças.

Durante o trabalho na enfermaria, Edelso apresentou Lula (Varella, 1999). Diferente de Edelso, Lula não tinha uma experiência prévia no ramo médico, mas possuía habilidades em procedimentos, principalmente em suturas e extrações (Varella, 1999). Diante de suas habilidades, Drauzio começou a incentivar, por meio do compartilhamento de livros e materiais, o estudo formal de Lula sobre as temáticas científicas da assepsia e anatomia (Varella, 1999). Esse incentivo motivou Lula a aprender mais sobre a ciência do corpo humano para aprimorar suas práticas na enfermaria. Porém, o uso de drogas no Carandiru o levou à dependência e, depois, à morte, possivelmente causada por overdose.

Margô Suely era uma travesti que se apaixonou por um detento da Casa de Detenção de São Paulo, tornando-se mulher dele na prisão e, devido a isso, começou a ter mordomias. (Varella, 1999). Entretanto, o detento tinha uma esposa, que o forçou a terminar o seu relacionamento com Margô Suely. Com isso, o detento a machucou de forma física e psicológica, que, devido à violência, sofreu uma ferida profunda nas suas regiões íntimas.

Seu Chico estava preso no Carandiru fazia 44 anos devido a três assassinatos que cometeu em sua vida. Com o tempo, sua esposa e seus filhos pararam de visitá-lo, pois ela mentiu para os filhos, alegando que Seu Chico havia morrido no presídio. Em 'Reencontro', sua filha mais velha telefonou para ele, dizendo que queria reencontrar o pai que não via há quatro décadas. Apesar de problemas pontuais, pai e filha se encontraram novamente.

Zé da Casa Verde era um ladrão desde sua adolescência. Persistentemente, conseguiu se relacionar com Valda após ameaçar o ex-noivo dela e confrontar sua família. Com o tempo, conheceu Maria Luísa e iniciou um relacionamento com ela.

Apesar das brigas ocasionais durante as visitas de familiares, Zé da Casa Verde conseguiu mediar acordos entre suas duas companheiras dentro do Carandiru para estabelecer a convivência entre ambas as famílias (Varella, 1999).

Manga era o carteiro do Carandiru e, nessa função, conseguiu ajudar de várias formas a manter Drauzio informado sobre a dinâmica das drogas na prisão, o que, por sua vez, o ajudaria a elaborar palestras educativas mais informadas no pavilhão seis. Na prisão, com o tempo, ficou mais distante de sua esposa, que decidiu se separar e recomeçar a vida em outro lugar, o que abalou psicologicamente Manga (Varella, 1999).

Em busca de oportunidades, Seu Jeremias mudou-se para São Paulo em 1940, constituindo uma família de 18 filhos, 32 netos e 7 bisnetos. Assim como Seu Chico, era também uma das pessoas mais longevas no Carandiru. Para Drauzio, ele relata as diversas mudanças que ocorreram no local ao longo do período em que esteve preso, detalhando as normas de conduta não formais e a importância do silêncio na constituição do respeito do presidiário na Casa de Detenção de São Paulo. Seu Jeremias foi liberto de sua longa pena e comemorou seu aniversário de 70 anos de vida, acompanhado de sua grande família.

Já Seu Valdomiro, de 70 anos, relatou a Drauzio que nasceu e cresceu sob condições nada favoráveis devido à pobreza (Varella, 1999). No começo de sua vida adulta, se relacionou e casou-se com Betina, uma mulher descrita como ciumenta (Varella, 1999). Devido a essa característica, certa vez causou uma ampla confusão no bairro onde moravam, por causa de Seu Valdomiro ter olhado para uma vizinha. Confusão essa que chegou aos ouvidos do marido da vizinha (chamado de Baiano), que, à noite, em um bar, iniciou um confronto físico com Seu Valdomiro. Durante essa briga, Seu Valdomiro matou o Baiano. Com sua prisão, Betina o abandonou na Casa de Detenção de São Paulo, mas, curiosamente, ele começou a ter um relacionamento com a viúva do Baiano após um mês de sua prisão.

No capítulo 'O Filho Pródigo' é apresentada a história de Valente, que, após ser demitido de um emprego, entrou no mundo do crime, tornando-se um assassino patológico, tanto de inocentes quanto de seus próprios companheiros de crime, dentro e fora do Carandiru. Apesar de sua patologia, começou a se tornar empenhado nas atividades religiosas dentro da prisão, o que chegou a gerar desconfiança temporária da comunidade protestante.

Depois de um longo período, após a comunidade protestante comprovar sua conversão religiosa, ele mudou-se do pavilhão nove para o cinco, curiosamente, fato que ocorreu dois dias antes do massacre do pavilhão nove (Varella, 1999).

Em "Aprendiz de feiticeiro", durante uma palestra para prevenção da AIDS que estava ocorrendo exclusivamente com os membros da comunidade trans, Drauzio conhece Pérola Byington (Varella, 1999). A senhorita Byington argumenta que sua comunidade era profundamente afetada pela disseminação do HIV no Carandiru, porém, não por falta de conhecimento, mas sim por falta de condições materiais significativas para efetivar o enfrentamento contra a doença, baseadas tanto nos seus conhecimentos prévios quanto no que aprenderam nas diversas palestras realizadas no pavilhão seis:

No final, insisti no perigo da penetração sexual desprotegida e perguntei se havia alguma dúvida. A meu lado, um rapaz franzino de Sapopemba, conhecido como Pérola Byington, pernas cruzadas feitas mulher e com a mão desmunhecada, roendo as unhas o tempo todo, fez o seguinte comentário: - Doutor, faz meia hora que o senhor está explicando como é que pega e não pega esse vírus. Desculpa, mas isso nós estamos cansadas de saber. Muitas amigas nossas já morreram. Nós precisamos de camisinha, não aula! Se não tem camisinha para a gente obrigar o ladrão a usar, de que adianta essa conversa, doutor? Pouco depois apareceu o dr. Pedrosa, diretor-geral do presídio que, na época, andava sozinho pela cadeia inteira, prática que posteriormente cairia em desuso: - Tudo bem, doutor? Na saída, passa na minha sala para tomar um café. Nesse café, conversamos sobre distribuição de preservativos aos presos, medida que naqueles dias despertava reações emocionais entre as autoridades judiciárias, como a de um promotor de terno cinza e sapato azul-marinho que me respondeu num debate: - Se a sociedade não pode entregar um litro de leite para as crianças da favela, o senhor nunca me convencerá a distribuir camisinha para vagabundo na cadeia. (Varella, 1999, p.279-280).

Apesar de no Carandiru houvesse cerca de 7200 pessoas privadas de liberdade, as vozes humanas dessas pessoas selecionadas durante o livro tentam condensar o que foi sobrevivido naquele local. Vozes que expõem que eles eram solidários (nas histórias de Santão; de Miguel e Antônio Carlos), que eram submetidos constantemente a situações hostis e degradantes advindas do cárcere (nas histórias de Deusdete e Mané de Baixo; de Margô Suelly; de Ezequiel; de Claudiomiro; de Neguinho; de Sem-chance), que possuíam famílias (nas histórias de Seu Chico; de Zé da Casa-Verde; de Seu Jeremias; de Seu Valdomiro), que eram pessoas passíveis de recuperação e ressocialização (na história de Valente), que tinham conhecimentos prévios e também a capacidade de aprender as ciências para enfrentar as doenças que os acometiam (nas histórias de Edelson; de Lula; de Manga; de Perola Byington).

3 EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NO AMBIENTE PRISIONAL E PAULO FREIRE

3.1 EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NO AMBIENTE PRISIONAL

Vinícios Soares e Luciano Denardin (2023) argumentam que existe uma escassez de produções acadêmicas acerca do processo de ensino-aprendizagem-avaliação em física no ambiente prisional, inclusive destacando a nulidade de teses de doutorado sobre a temática. Além disso, Ingrid Andrade e Hélio Neto (2021) destacam que, nos artigos, dissertações e teses que abordam o ensino de ciências nesse tipo de ambiente, muitas vezes os estudos se limitam a relatos de aula, restringindo-se à perspectiva do educador de ciências.

Escassez essa que, de acordo com Raul Carvalho (2023), deve-se ao fato de a implementação dessa modalidade de ensino no contexto brasileiro ser recente; consequentemente, o quantitativo de educadores e de materiais didáticos para a educação desse público ainda é ínfimo. De acordo com Jussara Rosolen (2022), pesquisas que tratam sobre a educação de ciências em ambiente prisional ainda são escassas, em parte, pois essa temática não recebe destaque da sociedade.

Sobre as raras obras que relacionam a educação em ciências com o ambiente prisional, é válido ressaltar a existência dos seguintes trabalhos: Rosolen (2022); Sebastiana Barbosa (2016); Soares e Denardin (2023); Bruna Soares (2023) ; Elisângela Cavalcante (2011); Francis Centenaro (2014); Rodrigues (2018).

Muito mais do que aprender novos conteúdos científicos, é necessário que esses sejam utilizados pelas pessoas para desenvolverem percepções críticas sobre situações do cotidiano (Ana Solino.; Simione Gehlen, 2014). Para isso, é desejável que a educação em ciências não se distancie do contexto dos indivíduos (Amélia Hamburger.; Maria Lima, 1988). Os argumentos de Solino e Gehlen (2014) e Hamburger e Lima (1988) tornam-se imprescindíveis no contexto da educação em ciências em ambiente prisional, pois, segundo Wagner Andriola (2013) e Lima e Loureiro (2013), é necessário, até por uma questão de sobrevivência das pessoas privadas de liberdade, que elas superem suas percepções prévias.

Ainda assim, é desejável que o educador de ciências, por meio do dialogar e escutar, aprenda sobre os interesses e necessidades dos detentos para que a sociedade prisional possa promover reflexões-ações que os levem a melhoria de vida. Também Cavalcante (2011) salienta que a presença do educador que atua em ambiente prisional possui influência, afinal:

Sendo assim, cabe aos professores tomarem consciência do seu potencial como estudiosos e profissionais ativos, reflexivos e intelectuais, de modo a demonstrar aos seus alunos que Educação no sistema prisional tem como função não somente a escolarização (alfabetização de adultos e/ou remição de pena), mas compreender os aspectos econômicos, sociais e culturais que estão intimamente atrelados ao poder e ao controle (do indivíduo e da sociedade). Portanto, caberá aos professores conscientizar os seus alunos que estar na prisão não é opção de vida, mas circunstância advinda da marginalização que foi e ainda é imposta por políticas públicas inadequadas e desconexas da realidade. Sob esta ótica, o professor formador deve se entender como condutor da liberdade vinculada à consciência, à reflexão sobre a vida, sobre a cidadania e sobre a dignidade que foi negada, mas que é possível de ser reconquistada. (Andriola, 2013, p.187).

A presença do educador em ciências deve ser consciente de que aquelas pessoas, apesar de terem cometido crimes, são seres humanos que anseiam ser respeitados e se sentirem seguros para expor suas dúvidas (Tatiane Diorio, 2017).

O acesso à educação em ciências é um direito que não deve ser negado às pessoas privadas de liberdade (Verlsolato; Alves; Izidoro, 2020). Sobre isso, deve-se considerar que a educação em ciências no ambiente prisional também pode ser o primeiro contato desse indivíduo com esses conhecimentos (Soares; Denardin, 2023).

Não apenas são importantes os educadores e os detentos, mas também os agentes prisionais, que permitem que tais processos educativos ocorram organizadamente (Silveira, 2023). Dependendo da cultura do local, os agentes prisionais podem apoiar o educador na elaboração das práticas educativas (Pedro Pontes.; Eliete Farias.; Amanda Lucena, 2024).

É importante ressaltar que o educador deve valorizar, junto aos detentos, o contexto de vida desses indivíduos, isso os torna ativos, concedendo assim oportunidades de recuperação da humanidade, socializando suas vivências (Ira Shor.; Paulo Freire, 2000. Paulo Freire, 1982). Afinal, como Freire (1987) argumenta:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 1999, p.91)

Ao utilizar o contexto de vida das pessoas privadas de liberdade na elaboração de processos educativos, isso promove o engajamento no aprendizado dos conteúdos. (Rosolen, 2022. Elenice Onofre, 2015). Engajamento que pode levar à transformação de suas ações por meio da reflexão, oferecendo assim oportunidades de ressocialização através da educação (Rosolen, 2022. Paulo Freire, 1967.). Segundo Paulo Freire (1991) e Diorio (2017), a educação é uma alavanca de transformação social que funciona por meio do perguntar e do responder, na troca de experiências, no acolhimento e no companheirismo no meio educativo.

Em relação aos trabalhos que abordam a educação em ciências no ambiente prisional, destaca-se que processos educativos ligados aos conteúdos de biologia são mais recorrentes em detrimento dos relacionados aos conceitos de ciências, física e química.

3.1.1 A educação em ciências, em física e em química no ambiente prisional.

Acerca dos trabalhos encontrados na literatura científica que relaciona o ensino de ciências, de física e de química no ambiente prisional, destaca-se os de Rosolen (2022), Centenaro (2014), Fernando Rodrigues (2018) e Soares (2023).

A autora Rosolen (2022) utilizou uma abordagem dialógica fundamentada em Freire para entender como os processos educativos em ciências poderiam contribuir para a ressocialização. A pesquisa destacou que a abordagem dialógica e problematizadora de Freire promove a conscientização e o empoderamento dos detentos. A inclusão de temas sociocientíficos no ensino de ciências foi fundamental para despertar a curiosidade e a reflexão crítica, permitindo que eles desenvolvam habilidades para a vida social.

Já Centenaro (2014) analisou como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem ser utilizadas no contexto prisional para promover um processo de ensino mais eficaz. A inserção das TICs aumentou o interesse dos estudantes, que puderam relacionar os conceitos físicos ao seu cotidiano. Os detentos valorizaram a oportunidade de aprender utilizando tecnologias, destacando que isso facilitou a compreensão dos conceitos de física.

Houve também o reconhecimento de que a educação é um direito, embora muitos ainda a vejam como um privilégio devido às condições enfrentadas no sistema prisional (Centenaro, 2014). A abordagem educacional precisa ser adaptada às especificidades do ambiente prisional, promovendo uma educação que seja inclusiva e transformadora.

O pesquisador Rodrigues (2018) abordou o uso de jogos experimentais como ferramenta didática no ensino de conceitos de ácidos e bases em ambiente prisional. Os materiais utilizados eram alternativos e alimentícios, garantindo segurança e adequação ao contexto prisional. Os jogos experimentais promoveram maior engajamento e interação entre as pessoas privadas de liberdade, diminuindo preconceitos e favorecendo um ambiente colaborativo (Rodrigues, 2018). Eles demonstraram avanços na compreensão dos conceitos de ácidos e bases, especialmente ao utilizarem materiais do cotidiano.

Soares (2023) investigou o uso de Sequências de Ensino Investigativas (SEI) em aulas de ciências da natureza para promover a Alfabetização Científica e Tecnológica (ACT) entre pessoas privadas de liberdade. As SEI mostraram-se eficazes na promoção da ACT,

permitindo que os detentos desenvolvessem habilidades críticas e científicas (Soares, 2023). Além disso, demonstraram maior engajamento nas aulas, evidenciado pelo aumento da participação e pela curiosidade em relação aos conteúdos científicos (Soares, 2023). A pesquisa reforça a importância de metodologias de ensino que considerem as especificidades do ambiente prisional e as necessidades das pessoas privadas de liberdade (Soares, 2023).

3.1.2 A educação em biologia no ambiente prisional.

Com relação às ciências da natureza, as pessoas privadas de liberdade consideraram mais importante o estudo da biologia em ambiente prisional, devido a esses conhecimentos oferecerem subsídios para um maior entendimento do corpo humano, da saúde física, das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e dos efeitos prejudiciais das drogas. Estudo esse que pode até mesmo levar a mudanças de atitudes dentro da prisão (Souza, 2019). Em relação ao ensino de biologia em ambientes prisionais, os detentos demonstraram engajamento em aprender sobre conhecimentos relacionados a temática da saúde, com foco específico em doenças que os afligem no cárcere (Diorio, 2017). Tendo conhecimento desses fatos, destaca-se os trabalhos de Barbosa (2016); Soares (2023) e Cavalcante (2011), que abordam conceitos de biologia relacionados a vida das pessoas privadas de liberdade.

Barbosa (2016) investigou os temas de interesse dos detentos para serem trabalhados em ambiente prisional. Os que mais despertaram o interesse foram aqueles relacionados ao cotidiano, especialmente higiene, saúde e corpo humano. Eles associam esses temas à preservação da vida e ao cuidado com a saúde, o que reflete a realidade material do ambiente prisional. Houve manifestações de interesse por aulas mais dinâmicas e diversificadas, incluindo debates, vídeos e atividades investigativas (Barbosa, 2016).

Soares (2023) analisou uma sequência didática sobre ISTs desenvolvida em ambiente prisional. O foco foi na saúde prisional, enfatizando a importância das ações preventivas. A pesquisa resultou na criação de um produto educacional que visou proporcionar reflexões e para melhorar os processos de ensino sobre ISTs. Para Soares (2023), a educação com enfoque na prevenção e tratamento das ISTs é crucial para melhorar a saúde prisional.

Cavalcante (2011) se propõe a discutir a relevância do uso de filmes no ensino de biologia baseando-se nos princípios educacionais de Freire, enfatizando a importância do diálogo, da valorização das vivências das pessoas privadas de liberdade e da promoção de uma aprendizagem significativa. (Cavalcante,2011).

Ressalta-se que esses autores que abordam a educação em ciências em prisões utilizam como uma das principais referências o autor Paulo Freire, pois suas ideias educativas têm caráter emancipador. Exemplo disso seria o quadro 02 construído por Rosolen (2022):

QUADRO 02 - A CORRELAÇÃO DA PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE COM A EDUCAÇÃO NO SISTEMA PRISIONAL

PENSAMENTO DE FREIRE	NECESSIDADE NA EDUCAÇÃO PRISIONAL
Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (Paulo Freire, 2003, p.47).	O diálogo propõe o debate, a reflexão e estimula o desejo, o anseio de expressar as suas opiniões. Oportunidade de construção do conhecimento.
Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (Shor.; Freire, 2000, p. 67).	Transformação do reeducando, da sociedade e do conhecimento, através da educação.
Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar (Freire, 1997, p. 79).	Aprendizado de um novo caminhar, que realize os sonhos do educando sem infringir a lei.
Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor (Shor.; Freire, 2000, p. 31)	Buscar a problematização, como forma de argumentação e entendimento da vida em sociedade.
Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo (Shor.; Freire, 2000, p. 31).	Transformação Social.
Gosto dessa ideia, Paulo: “iluminar” a realidade. E concordo também que a educação libertadora não é um manual de habilidade técnica; é antes, porém, uma perspectiva crítica sobre a escola e a sociedade, o ensino voltado para a transformação social (Shor.; Freire, 2000, p. 17).	Para transformar, é preciso educar. Para ensinar, é necessário que se faça a atualização de quem educa.
O professor trabalha a favor de alguma coisa e contra alguma coisa. Por causa disso, terá outra grande pergunta a fazer: “Como conciliar minha prática de ensino com minha opção política?” O educador poderá dizer: “Agora descobri a realidade da sociedade e minha opção é em favor de uma educação libertadora. Sei que o ensino não é a alavanca para a mudança ou a transformação da sociedade, mas sei que a transformação social é feita de muitas tarefas pequenas e grandes, grandiosas e humildes! Estou incumbido de uma dessas tarefas. Sou um humilde agente da tarefa global de transformação. Muito bem, descubro isso, proclamo isso, verbalizo minha opção. A questão agora é como pôr minha prática ao lado do meu discurso. Isto é, como posso ser coerente em classe. Por exemplo, não posso proclamar meu sonho de libertação e, no dia seguinte, ser autoritário na relação com os estudantes, em nome do rigor (Shor.; Freire, 2000, p.34).	A prática e a teoria devem fazer sentido na vida do reeducando/sujeito.
A Educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação (...). Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (Paulo Freire, 1987, p. 43).	A problematização do conhecimento, conduz os reeducandos a reexpressarem suas próprias experiências.

FONTE: Rosolen (2022).

3.2 PAULO FREIRE, EDUCAÇÃO EMANCIPADORA FREIREANA E PRÁXIS

Em 1946, Paulo Freire começou a consolidar sua carreira no Serviço Social da Indústria de Pernambuco. Essa experiência constituiu o método Paulo Freire em sua didática, utilizando-o na região nordestina entre 1961 e 1963 (Freire, 1992). Esse método promove a aprendizagem da escrita e das palavras. No entanto, esses processos devem se conectar com a realidade da pessoa (Moacir Gadotti, 2007). Além disso, o uso da palavra em Freire transcende a simples constituição de frases, pois, para o indivíduo apropriar-se da palavra, é preciso refletir sobre ela por meio de questões. Nisso, Moacir Gadotti (2001) afirma:

A dúvida é libertadora na medida em que permite um distanciar-se em relação às diversas situações pedagógicas com as quais nós somos confrontados quotidianamente , em relação às teorias , à literatura pedagógica [...] Esse distanciamento passa pela interrogação crítica que a dúvida opera. Tratar-se-ia, por exemplo, de perguntar se os fracassos – esses malvistas da pedagogia – não tem nenhuma importância formativa; se a contrariedade deve, custe o que custar , desaparecer da escola; se os conflitos não são às vezes mais estimulantes que o bom entendimento. [...] Fazendo isso, a dúvida nos aparece como prolegômeno para toda a educação , para toda pedagogia capaz de contribuir para uma verdadeira mudança. (p.44-45)

A utilização da palavra para a construção de perguntas permite que a pessoa saia da inércia e tome consciência ativa da realidade (Freire, 1989). Isso inclui o cotidiano no ambiente de trabalho, a alimentação, a sobrevivência em ambiente prisional. O ato de perguntar ocorre entre duas ou mais pessoas; conseqüentemente, a conscientização ocorre de forma plural (Vásquez, 2011). Afinal, segundo Gadotti (2001): “em Paulo Freire o diálogo não é só um encontro de dois sujeitos que buscam o significado das coisas – o saber – mas um encontro que se realiza nas práxis - ação + reflexão -, no engajamento, no compromisso com a transformação social” (p. 15).

Se a partir do diálogo, as classes se conscientizarem do que são e de sua situação de opressão no ambiente, nesse caso, podem promover ações revolucionárias e produzir reflexões-ações que melhorem as condições de vida (Vásquez, 2011).

Considerando que conscientização é reflexão plural geradora de ações revolucionárias; conclui-se que tal processo é práxis. (Vásquez, 2011). Enquanto a prática diz respeito a atos gerais, a práxis envolve ações e a reflexões originadas das relações sociais.

Para Aristóteles e Platão, somente a reflexão poderia levar a transformações das ações. A visão filosófica da práxis voltou a ser debatida no período renascentista por meio de Maquiavel em “O Príncipe”, devido a essa obra se propor a utilizar as atitudes do príncipe

para conceber suas reflexões, ou seja, a ação transformando o pensar. Em suma, a práxis pode ser entendida como um amálgama entre reflexão-ação ou também ação-reflexão. Amálgama que, para Marx e Engels, deve atender às necessidades plurais das classes (Vázquez, 2011).

Sendo práxis uma produção material de ações fundamentadas em reflexões, uma das consequências é uma nova perspectiva do que significa ser humano, pois, ao utilizar o indivíduo como matéria-prima, tem-se como produto um ser das práxis (Freire, 1987).

Um exemplo disso, de acordo com Gadotti (2001), é quando a pessoa é ensinada por um educador que entende que: “A pedagogia das práxis pretende ser uma pedagogia para a educação transformadora. Ela radica numa antropologia que considera o homem um ser criador, sujeito da história, que se transforma na medida em que transforma o mundo” (p. 30).

No contexto educacional, os educadores precisam viver a práxis emancipatória com os estudantes (Freire, 1987). Para vivenciar juntos, é fundamental respeitar a realidade dos indivíduos a partir do diálogo e da escuta, pois, antes de o educador ensinar, ele deve ser ensinado e estar imerso no mundo desvelado dessas pessoas, com elas (Gadotti, 2007).

Sobre as características da educação emancipatória, constata-se que qualquer espaço possui potencial para ser um ambiente rico em aprendizagem (Roberto Barbosa, 2014), tais como jardins botânicos, museus de ciências e ambientes prisionais. Também não limita quem ensina e quem aprende, rompendo a dicotomia entre professor ensina e aluno estuda. Afinal, assim como a poesia não pertence ao poeta, mas à quem a recita; o ato de educar não pertence ao licenciado, mas a quem quer melhorar a vida de seus semelhantes. (Gadotti, 2007).

Assim como não existe um "educador privilegiado", é natural concluir que não existem "conteúdos privilegiados"; ou seja, as ideias de práxis das obras de Paulo Freire podem ser utilizadas por educadores da física, da biologia e da química, como demonstram Luiz Menezes, Demétrio Delizoicov, José Angotti, João Zanetic e Marta Pernambuco, que contextualizavam a realidade dos indivíduos com os conteúdos científicos (Barbosa, 2014).

3.2.1 O conceito de práxis freireana e a educação em ciências.

Segundo Paula Santos (2022), a partir de entrevistas com educadores e educandos do ensino fundamental, evidencia-se que o conceito de práxis freireana pode ser usado para promover reflexões críticas acerca da temática da fome no contexto do ensino de ciências.

Reflexões que guiam a conscientização para temas científico-sociais-tecnológicos mais amplos, como desigualdade, acesso a recursos naturais e equidade social. Esse processo de orientação, por sua vez, torna o ensino-aprendizagem contínuo. Conscientização essa que

permite que os estudantes de ciências sejam incentivados a se tornarem ativos nas discussões em sala de aula, utilizando inicialmente seus conhecimentos prévios sobre o tema, ou seja, tornando-os seres das práxis. Seres esses que começam a observar a realidade em que vivem sob outras perspectivas, por exemplo, compreendendo de forma mais profunda os efeitos da fome na fisiologia de seus semelhantes que vivem em condições precárias.

Para Cristiane Madureira (2019), um educador de ciências que fundamenta sua docência no conceito de práxis freireana pode criar oportunidades, tanto para seus educandos como para si mesmo, permitindo a construção do que é denominado de “curiosidade epistemológica”. A curiosidade epistemológica, de acordo com Madureira (2019), consiste em que os seres das práxis investiguem as razões por trás de se fazer determinada ação na sua rotina. Essa curiosidade é principalmente importante para o educador, pois, se ele baseia seu fazer docente no conceito de práxis freireana, então o planejamento da sua aula de ciências deve levar o docente a conhecer as realidades materiais de seus estudantes (Madureira, 2019).

Simon (2023) aponta que o conceito de práxis freiriana também permite que o educador em ciências transforme seu ambiente educacional para torná-lo mais humanizado. Afinal, os indivíduos que frequentam aquele local não são alunos, mas sim seres humanos que possuem concepções prévias acerca da realidade (Simon, 2023). Concepções prévias essas que são incentivadas a serem expostas, plural e dialogicamente, em sala de aula a fim de relacionar criticamente o conteúdo científico a ser ensinado com o que os estudantes vivenciam diariamente (Simon, 2023).

Com o conceito de práxis freireana estabelecendo uma conexão entre as ciências, a sociedade e a tecnologia no ambiente educacional, Georgina Cordeiro (2009) aponta que isso permite que o processo educativo ocorra de forma menos abstrata e mais material, permitindo assim não apenas uma melhor visualização da ciência acontecendo, mas também que os estudantes possam usar essa ciência para ativamente transformar o real, o mundo material, em prol de um melhor bem-estar de sua comunidade (Cordeiro, 2009).

Exemplos de comunidades que podem ser melhoradas a partir da práxis são demasiados, sendo um tipo deles os institutos prisionais. No contexto prisional, a práxis pode ser entendida como reflexões que permitem a reconquista do detento de agir em harmonia com a sociedade plural, ou seja, buscar ressocialização.

Ressocialização essa que vai ao encontro da humanização digna do detento (Gustavo Veronese, 2023). Humanizar-ação vai além da pessoa se redescobrir como ser humano, também a possibilita desvelar suas próprias limitações e ativamente lutar a fim

de superá-las (como a questão de ter adentrado ao mundo do crime), empoderando-se assim como um ser da práxis. (Ernande Prado.; Cibele Sales.; Seiko Nomiyama, 2014).

A Lei de Execução Penal (LEP) regula a aplicação de penas e medidas de segurança no Brasil, visando à tal ressocialização do condenado, à garantia de direitos fundamentais e ao equilíbrio entre segurança pública e dignidade humana:

Art. 1º A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.

Art. 3º Ao condenado e ao internado serão assegurados todos os direitos não atingidos pela sentença ou pela lei.

(Brasil, p.1, 1984)

Porém, a humanização decorrente da ressocialização do presidiário é uma temática que emerge diversas opiniões, sendo que algumas delas argumentam que o presidiário, por ter cometido crimes, não deve ter o privilégio de ser tratado como ser humano novamente (tanto durante como após o cumprimento da sua pena criminal), ou que existe uma luta entre o bem e o mal, e as pessoas privadas de liberdade apenas agem em prol da maldade, como se neles inexistisse uma história de vida, uma família, prospecções de vida, enfim, como se neles lhe faltasse humanidade desde o momento em que surgiram na Terra. (Gustavo Higa.; Marcos Alvarez, 2019)

Há outros que apontam a humanização do cumprimento da justiça como um afrouxamento do que a prisão deveria ser na sua visão extremista, um lugar exclusivamente punitivo, donde a partir do momento de sua entrada na prisão, o detento tornar-se-á um sub-humano que não merece mais oportunidades de se encontrar fora do mundo do crime. (Higa.; Alvarez, 2019).

No senso comum brasileiro, a ressocialização do detento está condicionada ao final do cumprimento da pena, ou seja, normalmente se é desconsiderado que esse processo é algo que ocorre de forma gradual durante os anos de cárcere, donde o detento necessita de condições ofertadas pelo estado para poder ter orientações de como recomeçar a sua vida pós prisão longe do mundo do crime, como é previsto pela LEP:

Art. 126. O condenado que cumpre a pena em regime fechado ou semiaberto poderá remir, por trabalho ou por estudo, parte do tempo de execução da pena. (Redação dada pela Lei nº 12.433, de 2011).

§ 1º A contagem de tempo referida no caput será feita à razão de: (Redação dada pela Lei nº 12.433, de 2011)

I - 1 (um) dia de pena a cada 12 (doze) horas de frequência escolar - atividade de ensino fundamental, médio, inclusive profissionalizante, ou superior, ou ainda de requalificação profissional - divididas, no mínimo, em 3 (três) (Incluído pela Lei nº 12.433, de 2011)

II - 1 (um) dia de pena a cada 3 (três) dias de trabalho. (Incluído pela Lei nº 12.433, de 2011)

§ 2º As atividades de estudo a que se refere o § 1º deste artigo poderão ser desenvolvidas de forma presencial ou por metodologia de ensino a distância e deverão ser certificadas pelas autoridades educacionais competentes dos cursos frequentados. (Redação dada pela Lei nº 12.433, de 2011)

§ 3º Para fins de cumulação dos casos de remição, as horas diárias de trabalho e de estudo serão definidas de forma a se compatibilizarem. (Redação dada pela Lei nº 12.433, de 2011)

§ 4º O preso impossibilitado, por acidente, de prosseguir no trabalho ou nos estudos continuará a beneficiar-se com a remição. (Incluído pela Lei nº 12.433, de 2011)

§ 5º O tempo a remir em função das horas de estudo será acrescido de 1/3 (um terço) no caso de conclusão do ensino fundamental, médio ou superior durante o cumprimento da pena, desde que certificada pelo órgão competente do sistema de educação. (Incluído pela Lei nº 12.433, de 2011)

§ 6º O condenado que cumpre pena em regime aberto ou semiaberto e o que usufrui liberdade condicional poderão remir, pela frequência a curso de ensino regular ou de educação profissional, parte do tempo de execução da pena ou do período de prova, observado o disposto no inciso I do § 1º deste artigo. (Incluído pela Lei nº 12.433, de 2011)

§ 7º O disposto neste artigo aplica-se às hipóteses de prisão cautelar. (Incluído pela Lei nº 12.433, de 2011)

§ 8º A remição será declarada pelo juiz da execução, ouvidos o Ministério Público e a defesa. (Incluído pela Lei nº 12.433, de 2011)

(Brasil, p.1, 1984)

Na prisão o estado deveria conceder aquela pessoa a conhecer ofícios ou seguir no caminho dos estudos, completando sua formação básica ou até ingressando na formação superior, buscando assim (na prática do trabalhar ou estudar) se tornar um ser renovado, com novas prospecções de vida. (Roberta Costa, 2023). Afinal, trabalho e a educação são direitos inalienáveis e inafastáveis de qualquer pessoa. (Isabel Pereira, 2017).

Entretanto, implicitamente o artigo 126 da LEP valoriza mais a busca pela educação da pessoa privada de liberdade em contraponto a feitura de trabalho, visto que 12 horas de estudo possui uma remissão penal equivalente a 3 dias de realização do ofício, além de existir uma espécie de bônus de remissão de 1/3 da pena se ocorrer conclusão de ensino fundamental/médio/superior. Em parte, tal desbalanço deve-se a educação no cárcere, comprovadamente ser um instrumento social que possibilita a ressocialização da pessoa privada de liberdade, pois lhe oferta oportunidades de almejar alcançar uma vida digna, que o alavanque positivamente como ser humano. (Katiany Aguiar.; Cristiane Magalhães, 2018).

Parte do papel de ressocialização das pessoas privadas de liberdade durante o cumprimento da pena advém da atuação dos educadores que atendem aqueles detentos, sejam eles do ensino básico ou do ensino superior. Afinal a educação pode permitir que estes

indivíduos criem relações horizontais a fim de continuamente se auto reconhecerem como seres humanos ainda detentores de seus direitos mais básicos. (Onofre, 2015). Além de, como diria Paulo Freire, numa espécie de auto antropologia, descobrissem que possuem afinidade com o estudo da história, da física, da literatura, da geografia, ou seja, redescobrem que são seres humanos que vão muito além do crime que cometeram. Assim se autodestruindo para se autoconstruírem, emancipando-se do mundo criminoso para mundos de oportunidades alavancados pela ação do estudar. (Onofre, 2015).

Não obstante, a educação não ocorre apenas com o educador ensinando o conteúdo de forma construtiva com as pessoas privadas de liberdade. Esse processo também ocorre a partir da disponibilidade e oferta de materiais educativos para os detentos, permitindo-os acesso ao exercício da leitura além dos momentos em sala de aula. (Ormi Casagrande, 2025). Prova disso é o que está disposto na LEP:

Art. 17. A assistência educacional compreenderá a instrução escolar e a formação profissional do preso e do internado.

Art. 18. O ensino de 1º grau será obrigatório, integrando-se no sistema escolar da Unidade Federativa.

Art. 18-A. O ensino médio, regular ou supletivo, com formação geral ou educação profissional de nível médio, será implantado nos presídios, em obediência ao preceito constitucional de sua universalização. (Incluído pela Lei nº 13.163, de 2015)

§ 1º O ensino ministrado aos presos e presas integrar-se-á ao sistema estadual e municipal de ensino e será mantido, administrativa e financeiramente, com o apoio da União, não só com os recursos destinados à educação, mas pelo sistema estadual de justiça ou administração penitenciária. (Incluído pela Lei nº 13.163, de 2015)

§ 2º Os sistemas de ensino oferecerão aos presos e às presas cursos supletivos de educação de jovens e adultos. (Incluído pela Lei nº 13.163, de 2015)

§ 3º A União, os Estados, os Municípios e o Distrito Federal incluirão em seus programas de educação à distância e de utilização de novas tecnologias de ensino, o atendimento aos presos e às presas. (Incluído pela Lei nº 13.163, de 2015)

Art. 19. O ensino profissional será ministrado em nível de iniciação ou de aperfeiçoamento técnico.

Parágrafo único. A mulher condenada terá ensino profissional adequado à sua condição.

(BRASIL, p. 1, 1984)

Sobre a humanização da pena da pessoa privada de liberdade, o ensino técnico se demonstra uma oportunidade sólida para que, ao final do cumprimento da mesma, o indivíduo possa ter mais assertividade e maturidade com relação a reingressar no mercado de trabalho. Assim dignificando-se, ressocializando-se mais tranquilamente e evitando a tal reincidência criminosa (Machado, 2023).

Acerca da humanização via educação, a maneira mais comum (e fácil/barata) de implementar nas instituições prisionais é a remissão da pena via leitura. Apesar disso, é relevante que tal processo tenham uma maior variabilidade afim de aprimorar a criticidade de mundo dos detentos por outras perspectivas, como a partir da matemática ou das ciências. (Pereira, 2017)

Ressalta-se que a ressocialização humanizada não deve ser entendida como uma ação singular, isto é, exclusiva de ocorrer apenas com um seletivo grupo de pessoas privadas de liberdade. Mas deve ser realizada com a intenção de promover, a partir da educação e do trabalho, a reconstrução de um coletivo, de uma pluralidade de vidas humanas afim de afastá-los de eventual reinserção no mundo do crime. (Veronese, 2023)

Há de se destacar que a ressocialização da pessoa privada de liberdade não é apenas alcançada pelas interações humanas entre funcionários-detentos/ detentos-detentos, mas também ocorre quando o espaço físico do presídio oferta oportunidades daquela pessoa se sentir humana. Isto é, ele deve ter acesso à saúde (a partir de enfermarias minimamente equipadas/abastecidas), acesso a questões sanitárias (esgoto, banho), acesso a educação e entre outros. (Maíra Gomes, 2013).

Ora, o acesso a cuidados físicos e psicológicos das pessoas privadas de liberdade pode ao menos atenuar o cumprimento da pena, entretanto, esse cuidar humano no presídio torna a instituição um ambiente mínimo de vivência, em contraponto a sobrevivência advinda da superlotação forçada. Viver esse benefício também ajuda o gestor público do presídio e os demais funcionários, visto que a indisciplina é reduzida pelo respeitoso tratar humanístico dos presos. (Fabiano Nunes.; Yara Silveira, 2013).

Normalmente, a questão da humanização da pena é trabalhada de forma proveitosa em instituições prisionais cuja a capacidade habitacional é de, no máximo, 170 pessoas privadas de liberdade. Sendo até então impraticável, inexecutável promover humanização penal em mega prisões de mais de 1000 detentos. (Pereira, 2017).

Em parte, essa inexecutabilidade decorre da superlotação, que grosseiramente viola o direito humano de moradia nos grandes presídios. Além de retirar a sua identidade para se tornar apenas uma estatística imersa em um mar de pessoas, impedindo que a pessoa possa recorrer a um ambiente organizado para estudar ou trabalhar a fim de reduzir sua pena. Assim, a profecia autorrealizável daquele indivíduo se aprofundar no mundo do crime torna-se inevitável (Veronese, 2023).

A superlotação massiva e frequente dos presídios também é um reflexo da não-implementação coerente da LEP nos institutos prisionais ao decorrer de quase 50 anos desde a sua criação. (Pereira , 2017). E isso permite que o ciclo de reincidência criminosa tornar-se perpetuo ao decorrer das décadas até então. (Santiago Justino, 2024).

Segundo Brasil (2003), outra medida política para que a ressocialização via humanização fosse implementada nos presídios é a Política Nacional de Humanização (PNH). Política federal que, através do Sistema Único de Saúde (SUS) oferta aos detentos assistência médica digna a fim de reduzir a marginalização e a infecção por doenças epidêmicas (como o Covid-19, sarna, AIDS e outros).

Um fato interessante com relação ao PNH é que que ele não desassocia o tratamento da doença com o tratamento psicológico. Também se ressalta que o tratar deve ser relacionado a história e vida e o contexto de sobrevivência no cárcere do paciente privado de liberdade. Principalmente quando o paciente em questão integra um grupo minoritário como povos indígenas, LGBTQI+, mulheres, menores de idade, pessoas com deficiência, idosos e entre outras. (Brasil, 2003). Assim, implicitamente promovendo equidade dessas classes sociais através da humanização.

Portanto, a partir das contribuições de Freire (1992), de Gadotti (2007), de Paulo Freire (1989), de Gadotti (2001), de Vázquez (2011), de Freire (1987), de Barbosa (2014), de Santos (2022), de Madureira (2019), de Simon (2023), de Cordeiro (2009), de Veronese (2023) se estabelece no quadro 03 as principais características do uso da práxis freireana no ensino de ciências:

QUADRO 03: CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DA PRÁXIS FREIREANA NO ENSINO DE CIÊNCIAS

CARACTERÍSTICA	SUSTENTAÇÃO TEÓRICA ACERCA DA CARACTERÍSTICA
Continuidade	Quanto mais conscientemente faça a sua História, tanto mais o povo perceberá, com lucidez, as dificuldades que tem a enfrentar, no domínio econômico, social e cultural, no processo permanente da sua libertação. Na medida em que a reconstrução nacional é a continuidade da luta anterior, do esforço anterior em busca da independência, é absolutamente indispensável que o povo todo assuma, em níveis diferentes, mas todos importantes, a tarefa de refazer a sua sociedade, refazendo-se a si mesmo também. Sem esta assunção da tarefa maior. [...]A alfabetização de adultos enquanto ato político e ato de conhecimento, comprometida com o processo de aprendizagem da escrita e da feitura da palavra, simultaneamente com a “leitura” e a “reescrita” da realidade, e a pós-alfabetização, enquanto continuidade aprofundada do mesmo ato de conhecimento iniciado na alfabetização, de um lado, são expressões da reconstrução nacional em marcha; de outro, práticas a

	<p>impulsionadoras da reconstrução. (Freire, 1989, p.25).</p> <p>Apesar de todo retrocesso, a luta para implementação de uma educação crítica para emancipação continua, mesmo em um cenário tão desfavorável, fortemente influenciado pela classe dominante que oprime e recalca todas as manifestações para liberdade e luta para manutenção de um ensino tradicional, expositivo e acrítico, que objetifica o educando e educador, submetendo-os a seus interesses e vontades. Para tanto, é preciso se opor a isto, referenciando-se na perspectiva freireana que luta pela humanização, acreditando na possibilidade de transformação da realidade concreta e, através da conscientização que se faz por meio do diálogo, amor e esperança, fazer com que o educando [...] acredite (e lute) igualmente na mudança ao compreendê-la como uma construção social. (Santos, 2022, p.50)</p>
<p>Conexão entre os conceitos científicos e contextos</p>	<p>A questão fundamental, neste caso, está em que, faltando aos homens uma compreensão crítica da totalidade em que estão, captando-a em pedaços nos quais não reconhecem a interação constituinte da mesma totalidade, não podem conhecê-la. E não o podem porque, para conhece-la, seria necessário partir do ponto inverso. Isto é, lhes seria indispensável ter antes a visão totalizada do contexto para, em seguida, separarem ou isolarem os elementos ou as parcialidades do contexto, através de cuja cisão voltariam com mais claridade à totalidade analisada. Este é um esforço que cabe realizar, não apenas na metodologia da investigação temática que advogamos, mas também, na educação problematizadora que defendemos. O esforço de propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja análise crítica lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes. Desta maneira, as dimensões significativas que, por sua vez, estão constituídas de partes em interação, ao serem analisadas, devem ser percebidas pelos indivíduos como dimensões da totalidade. Deste modo, a análise crítica de uma dimensão significativo-existencial possibilita aos indivíduos uma nova postura, também crítica, em face das “situações-limites”. A captação e a compreensão da realidade se refazem, ganhando um nível que até então não tinham. (Freire, 1987, p.55).</p> <p>O processo educativo, epistemologicamente científico, dita o sentido axiológico da Ciência para o docente que o desenvolve, e suas concepções. Em um processo educativo onde o educador desconsidere o contexto sociocultural e econômico, se reduz a ciência à contemplação de fenômenos, de cunho metódico, naturalizando assim, seu papel de utilização, de servir ao capital vigente, de “produtora”. Em outro polo, ao considerar o processo educativo dentro da totalidade sociocientífica, desloca-se o papel científico para o campo processual, concreto e efetivo, na compreensão de um conhecimento libertador, emancipatório. [...] O contexto é o balizador que diferencia, dentro do ensino científico escolar, uma prática pedagógica voltada à uma práxis educativa intencionada à educação popular de qualidade ou não, já que, como dito anteriormente, é na consideração do contexto histórico que se desloca a</p>

	ciência de um caráter de ensino neutro, para o de caráter transformador. (Madureira, 2019, p.64).
Incentivo a criticidade científica	<p>De outro modo, a educação libertadora é aquela que não separa teoria e prática e que usa o conteúdo como um meio e nunca como um fim. Funda-se na criatividade e na expressividade de seus sujeitos por meio do diálogo. Esse dialogismo permeia todo o ato pedagógico, inclusive durante a fase de seleção dos conteúdos de ensino. Sua prática, ou melhor, sua práxis é crítica, denunciadora de mitos, por isso é investigadora e curiosa, visa a buscar o máximo possível de clareza ou objetividade da realidade à qual se refere. Ademais, ele toma a consciência como elemento indispensável do ato de conhecer, aspecto singular e fundamental de sua filosofia e pedagogia. (Barbosa, 2014, p.36)</p> <p>Essa postura, ao orientar o trabalho mediado pela pedagogia freireana, ao mencionar a idéia de tema gerador, traz, subjacente, a intencionalidade de oportunizar aos alunos o desvelamento da realidade, através do olhar crítico à sua microrrealidade e a partir daí, amplia-la para a macrorrealidade brasileira. Este desvelamento se dá nas sucessivas interrogações que a situação real impõe, provocando a busca do entendimento das relações sociais que são estabelecidas na sociedade. (Cordeiro, 2009, p.111).</p>
Dialogicidade embasada na ciência	<p>O diálogo tem significação precisamente não apenas na sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. Nem a tática manhosa, envolvente, um usa para confundir o outro. Nem é favor que um faz ao outro. Diálogo por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem a favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. Assim também a licenciosidade, de forma diferente, mas igualmente prejudicial. Não há diálogo no espontaneísmo como no todo-poderosismo do professor ou da professora. A relação dialógica, porém, não anula, como às vezes se pensa a possibilidade do ato de ensinar. Pelo contrário, ela funda este ato, que se completa e se sela no outro, o de aprender, e ambos só se tornam verdadeiramente possíveis quando o pensamento crítico, inquieto do educador ou da educadora não freia a capacidade de critica-mente também pensar ou começar a pensar do educando. Pelo contrário, quando o pensamento crítico do educador ou da educadora se entrega a curiosidade do educando. (Freire, 1992, p.60).</p> <p>Ainda através dos processos educativos, é possível superar visões ingênuas e fragmentadas, fazendo com que os sujeitos vejam a realidade concreta em sua totalidade, e que se imponham como cidadãos de direito; e isso só é possível se o processo for dialógico, permitindo desenvolvimento e emancipação, criando condições para superar as situações limite. (Santos, 2022, p.35)</p>
	Nesse contexto de impregnação da informação, o professor é muito mais um mediador do conhecimento, um problematizador. O aluno precisa construir e

<p>Incentivo a curiosidade epistemológica científica</p>	<p>reconstruir o conhecimento a partir do que faz. Para isso, o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos. Ele deixará de ser um lecionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem. (Gadotti, 2007, p.13).</p> <p>Essa questão indica como o conhecimento é tratado dentro da sala de aula, pelo professor e pelos alunos. Nesse ínterim, o processo educativo posiciona o ensino-aprendizagem como meio para chegar à emancipação. [...] Em caráter emancipatório, a curiosidade epistêmica sobressai à curiosidade ingênua. Ao entender e apropriar-se da Ciência, o conhecimento científico torna-se um meio para refletir e agir criticamente na sociedade e no ambiente em que ocorrem as relações humanas. (Madureira, 2019, p. 75)</p>
<p>Oportunidade de humanização</p>	<p>Era ir ao encontro desse povo emerso nos centros urbanos e emergindo já nos rurais e ajudá-lo a inserir-se no processo, criticamente. E esta passagem, absolutamente indispensável à humanização do homem brasileiro, não poderia ser feita nem pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação, que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. (Freire, 1967, p.57).</p> <p>Por fim, conclui-se que a implementação de uma política pública de responsabilização do Estado pelos crimes cometidos por reincidentes é viável tanto do ponto de vista econômico quanto social. Esta abordagem não apenas promoveria justiça e reparação às vítimas, mas também incentivaria o Estado a investir em melhorias no sistema carcerário, contribuindo para a construção de uma sociedade não meramente punitivista, mas de fato mais justa e segura. Assim, é imperativo que se adote um novo prisma de responsabilização estatal, alinhando o ordenamento jurídico às demandas contemporâneas de justiça e responsabilidade social. Em síntese, a adoção de uma política de responsabilização do Estado tem o potencial de transformar positivamente o sistema penal, beneficiando não apenas os detentos, mas toda a sociedade. Esta abordagem proporcionaria não apenas uma reparação mais justa às vítimas de crimes, mas também incentivaria o Estado a priorizar a qualidade e a humanização do sistema prisional. Tal mudança de paradigma é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, equitativa e segura, onde a reinserção social dos detentos é vista como uma responsabilidade coletiva e um investimento no bem-estar comum. (Veronese, 2023, p.92)</p>

FONTE: Autor (2025).

4 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLOGICA

Para analisar as atividades educativas de prevenção da AIDS descritas no “Estação Carandiru” sob a perspectiva da práxis freireana, nesta dissertação, de abordagem qualitativa e de natureza documental, adota-se a metodologia da análise de conteúdo de Bardin (2016).

A abordagem qualitativa, segundo Jean Poupart (2008), permite a compreensão de situações sociais e culturais advindas de interações entre as pessoas em um contexto material-histórico. Para a realização de uma pesquisa qualitativa, existem diversos objetos de estudo que podem ser utilizados, como grupos focais, entrevistas, observação e documentos. Os documentos referem-se a qualquer realização produzida pelo homem que possa servir como indício de sua ação e que revele suas ideias, opiniões, formas de agir e viver. Estes podem assumir diversas formas, como livros, artigos, filmes, cartas, entre outros.

Estudos que utilizam como objeto de estudo documentos permitem que a pesquisa seja conduzida de forma transparente, disponibilizando-a para a consulta dos pares a fim de averiguar a replicabilidade e se os resultados e as discussões feitas a partir deles possuem validade (Lidiane Silva *et al.*, 2009).

4.1 SELEÇÃO DO DOCUMENTO

Devido à existência do Carandiru, segundo Taets (2018), várias obras foram concebidas para compreender diferentes aspectos que cercavam a sobrevivência nesse ambiente prisional: o documentário "Prisioneiro da Grade de Ferro" de Paulo Sacramento, o filme "Carandiru" de Héctor Babenco, o livro "Carandiru: Carcereiros" de Drauzio Varella, o livro "Estação Carandiru" de Drauzio Varella, o livro "Aqui dentro, páginas de uma memória: Carandiru" e o livro "Diário de uma detenção" de Jocenir. Dentre essas obras, destaca-se "Estação Carandiru", como aponta Rodrigues (2021):

O livro é, talvez, um dos maiores testemunhos sobre a história do presídio e até hoje – 21 anos depois – ainda é lembrado, lido e relido. Em pouco tempo tornou-se um *best-seller*, com mais de 500 mil cópias vendidas no Brasil. Em 2000 conquistou o Prêmio Jabuti de livro do ano. Pelo alcance que o trabalho do escritor atingiu junto à sociedade, mesmo sem pretensões de ser um documento de denúncia ou defesa de direitos humanos – como o próprio autor afirma – decorre não só a sua importância para esta pesquisa, como também para a memória do Carandiru (Rodrigues, 2021, p.120)

Estabelecendo que o livro *Estação Carandiru* é, de acordo com Rodrigues (2021), um dos mais relevantes documentos sobre os acontecimentos do Carandiru, é pertinente argumentar que esse livro é imprescindível para compreensões imersivas acerca da história, da cultura da sociedade prisional do Carandiru, da realidade vivida por aquelas pessoas privadas de liberdade, e principalmente da educação sobre o HIV (Wippel; Silveira, 2020).

Compreensões imersivas que não se limitam apenas à visão de Drauzio acerca do que ocorreu no Carandiru, mas que, ao longo da leitura, se expandem para a voz de diversas outras pessoas, como a voz de Pérola Bygniton, a voz de Lula, a voz de Edelson, a voz de Seu Jeremias, a voz de Manga, a voz de Sem-Chance, a voz de Waldemar Gonçalves, a voz de Santão, entre outras. (João Belo, 2022). Vozes essas que, entre diversos assuntos, também expõem detalhes pertinentes sobre as atividades educativas para a prevenção da AIDS.

Essa abordagem não se restringe apenas à questão da disseminação da AIDS, mas explora os impactos da opressão da doença no recorte temporal de 1989-1999. Pois, como aponta Claeys (2013), o conteúdo de OLS também aborda o contexto histórico-social-material do período em que foi escrito.

Em razão dos argumentos de Rodrigues (2021), e considerando que o livro de Drauzio Varella é uma obra que destaca capítulos visando discutir o objeto de estudo desta dissertação, estabelece-se que o único documento a ser utilizado para essa análise de conteúdo é o livro *Estação Carandiru*.

4.2 LEITURA FLUTUANTE E CODIFICAÇÃO

A leitura flutuante consiste no contato inicial do pesquisador com o documento selecionado. (Bardin, 2016). Esse contato envolve uma leitura vaga e aberta do conteúdo, permitindo que as principais ideias e conceitos do documento emergjam de forma natural no decorrer do texto. Essas principais ideias permitem ao pesquisador obter um panorama geral de como localizar e interpretar seu objeto de estudo no decorrer do documento.

Utilizando, portanto, a leitura flutuante, constata-se que, ao longo de 59 capítulos, o livro "*Estação Carandiru*" conduz o leitor ao mundo do Carandiru, apresentando-lhe vários contextos, comunidades, situações além de vários detentos e funcionários que compuseram aquela sociedade (Crema.; Ferrari, 2018). Dentre estes 59 capítulos, oito deles (apresentados no quadro 04) se destacam por terem relações com o objeto de pesquisa desta dissertação, e que portanto, podem apresentar indícios de que, nas atividades educativas de prevenção a AIDS, ocorreu práxis:

QUADRO 04 – CAPÍTULOS DESTACADOS PELA LEITURA FLUTUANTE

CAPÍTULO	RAZÃO DO CAPÍTULO TER SIDO SELECIONADO NA LEITURA FLUTUANTE
O Baque	Esse capítulo foi selecionado pois dele se obtém um panorama acerca da disseminação do HIV no Carandiru e nele é detalhado o processo de infecção através do consumo de cocaína.
No Cinema	Esse capítulo foi selecionado pois apresenta o processo dialético e as ações que as pessoas privadas de liberdade tiveram para educar cientificamente acerca do HIV.
Tudo na Colher	Esse capítulo foi selecionado pois apresenta um contexto particularmente singular sobre a prevenção da AIDS.
Travestis	Esse capítulo foi selecionado pois apresenta a situação de sobrevivência do público mais afetado pela AIDS, a comunidade Trans do Carandiru.
Santão	Esse capítulo foi selecionado devido a Santão, ao perceber os esforços de Drauzio, solidarizou-se com a causa do médico com relação a temática do enfrentamento ao HIV.
Edelso	Esse capítulo foi selecionado pois mostra características relevantes a serem tratadas sob o ponto de vista da humanização.
Lula	Esse capítulo foi selecionado pois mostra características relevantes a serem tratadas sob o ponto de vista da humanização.
Aprendiz de Feiticeiro	Esse capítulo foi selecionado pois demonstra que, apesar dos detentos aprenderem sobre a AIDS afim de se proteger do vírus, a eles, devido a preconceitos, foi negada a oportunidade de se prevenirem de forma digna contra o vírus.

FONTE: Autor (2025).

A codificação é um processo fundamental na análise de conteúdo pois permite transformar dados brutos em unidades analíticas significativas. Esse processo inicia-se com a identificação das Unidades de Contexto, que são trechos do material analisado, Essas unidades funcionam como "pedaços" de significado que servem de base para a constituição das Unidades de Registro. Essas são unidades de significação mínimas, como temas, palavras-chave ou frases, que representam os núcleos de sentido extraídos dos dados, permitindo alinhamento semântico — processo de agrupar ideias similares expressas por termos diferentes, garantindo que variações linguísticas não comprometam a coesão da análise, assim evitando fragmentação. (Márcio Rodrigues.; Acelmo Brito, 2025).

Portanto, a codificação não apenas organiza os dados, mas também reduz sua complexidade, permitindo que o pesquisador sintetize informações dispersas, garantindo clareza, precisão e profundidade na compreensão do objeto estudado. (Rodrigues.; Brito, 2025).

Dos capítulos destaques no quadro 05, codifica-se os seus trechos constituintes a fim de se obter Unidades de Registro:

QUADRO 05 – CODIFICAÇÃO DOS TRECHOS DO LIVRO

CAPÍTULO	TRECHOS DO CAPÍTULO	UNIDADE DE CONTEXTO	UNIDADE DE REGISTRO
O Baque	Uma vez assisti a um ritual de cocaína injetável, ou “baque” [...] Cada qual chegou com o pacotinho de cocaína enrolada em papel-manteiga e uma seringa pequena com agulha fina, dessas de insulina para diabético, fundamental para evitar marcas nos braços.. [...] À direita dele, o japonês, mudo, apertava com força os músculos do braço, os olhos fixos nas veias expostas. Com a seringa, o aplicador aspirou o pó diluído na colher e introduziu a agulha bem devagar na pele do oriental impassível, até o sangue refluir vermelho [...] Era a festa do HIV. Embora cada um trouxesse a própria seringa, bastava alguém na roda estar infectado para espalhar o vírus na água da lavagem das seringas e, ainda, contaminar a colher que todos usavam. Talvez por isso mais tarde eu tenha encontrado tantos ex-usuários com AIDS que juravam nunca haver utilizado seringas alheias (Varella,1999, p. 68-69)	Com a seringa, o aplicador aspirou o pó diluído na colher e introduziu a agulha bem devagar [...] Era a festa do HIV. Embora cada um trouxesse a própria seringa, bastava alguém na roda estar infectado para espalhar o vírus na água da lavagem das seringas e, ainda, contaminar a colher que todos usavam.	A festa do HIV via compartilhamento de seringas improvisadas
No Cinema	Os xadrezes dos andares cujos ocupantes desceriam para assistir à palestra eram destrancados antes dos demais e a malandragem dirigia-se para o pavilhão seis. No final, lá pelas onze horas, percorriam ordeiros o trajeto de volta. Uma semana após a outra, durante anos, centenas de presos indo e voltando, [...] Entre os ladrões, havia um pacto de respeito ao cinema das sextas feiras. (Varella,1999, p. 70). A tarefa de tirar da cama centenas de malandros, [...] foi facilitada decisivamente pelo Hernani [...]: Por que o senhor não deixa passar um vídeo erótico no final da programação? [...] Fizemos um teste. No final, depois que eu saía da sala, entrava um vídeo de erotismo explícito. A estratégia de misturar música, medicina preventiva e sexo foi imbatível: um sucesso de público. Pode dar certo em outras cadeias, desde que sejam tomadas duas precauções: não permitir a entrada para assistir apenas ao último vídeo, pois a programação é um pacote indivisível, e, o mais importante, o filme erótico só começa quando o médico sai da sala (Varella,1999, p. 73). Hernani, [...] justificou a tranquilidade do ambiente: - O senhor, o Luís e o PC vêm fazer uma coisa boa para nós. Se algum mano criar caso, um acerto de conta, uma palhaçada, vai se colocar contra o bem geral. Ai é problema! Precisa desprezar o apego na vida (Varella, 1999, p.71). As dúvidas e as questões levantadas eram concretas. AIDS para eles não constituía preocupação teórica, era problema prático. Queriam saber os cuidados com as secreções corpóreas dos doentes, o risco de transmissão para os familiares, os sintomas iniciais e o tempo de evolução da doença (Varella,1999, p.72). Eu resumia três ideias essenciais. Primeira: a solidariedade com o companheiro de xadrez, doente, não representa risco porque AIDS não se transmite no contato casual. Segunda: sem camisinha, o vírus passa do homem para mulher e da mulher para o homem, e nas relações homossexuais o parceiro ativo também corre perigo. Terceira: todos os que tomam droga na veia vão pegar o vírus, é questão de tempo. No fim, eu acrescentava em tom evangélico: quem não consegue escapar do inferno da cocaína, engole, faz supositório, fuma, mas baque na veia não, pelo amor de Deus (Varella,1999, p. 72).	dirigia-se para o pavilhão seis. No final, lá pelas onze horas, percorriam ordeiros o trajeto de volta. Uma semana após a outra, durante anos, centenas de presos indo e voltando [...] havia um pacto de respeito ao cinema das sextas feiras. O senhor, o Luís e o PC vêm fazer uma coisa boa para nós. Se algum mano criar caso, um acerto de conta, uma palhaçada, vai se colocar contra o bem geral. Ai é problema As dúvidas e as questões levantadas eram concretas. AIDS para eles não constituía preocupação teórica, era problema prático Terceira: todos os que tomam droga na veia vão pegar o vírus, é questão de tempo	No pavilhão seis, uma semana após a outra, durante anos, havia um pacto de respeito ao cinema das sextas feiras, afinal Drauzio, Luís e PC elaboravam palestras de prevenção a AIDS. Nelas, as dúvidas levantadas sobre HIV eram concretas devido ao vírus, em questão de tempo, infectar quem toma droga na veia.
			A única

Tudo na Colher	Em janeiro de 1994, repetimos o estudo de prevalência feito quatro anos antes. Encontramos 13,7% dos presos infectados pelo HIV (contra 17,3% na pesquisa de 1990). A única explicação encontrada para a queda do número de infectados [...] foi a redução do número de usuários de droga endovenosa. Em 1998, em 250 voluntários testados, dezoito eram HIV- positivos (7,2%). Com o passar dos anos, muitos ex-usuários de cocaína injetável revelaram ter mudado para o crack por causa das palestras do cinema. Se for verdade, fico feliz. Talvez até o crack tenha um lado bom. (Varella,1999, p. 131).	A única explicação encontrada para a queda do número de infectados [...] foi a redução do número de usuários de droga endovenosa. Com o passar dos anos, muitos ex-usuários de cocaína injetável revelaram ter mudado para o crack por causa das palestras do cinema.	explicação para a queda o número de infectados pelo HIV foi a redução de usuários de droga endovenosa. Revelando uma mudança de postura, de parar de consumir cocaína também por causa das palestras de prevenção a AIDS
Travestis	A AIDS foi devastadora entre os travestis da Casa. Chegavam na enfermaria com tuberculose avançada, feridas no períneo, os seios definhados pela interrupção da pílula de hormônio e o silicone industrial infiltrado nos músculos caquéticos. [...] No final, restritos ao leito, ainda sorriam com meiguice feminina. Perdi a conta de quantos morreram. (Varella,1999, p. 157). No início, com os travestis, meu problema era a identidade. Sentava-se frente à mesa um homem de seios e gestos delicados em cuja ficha eu lia Raimundo da Silva, mas que todos chamavam de Loreta. Como o médico deve se dirigir a esta pessoa? Raimundo, toma o remédio, ou Loreta, minha filha? Logo percebi que o certo era Loreta. Tratá-las como mulher não as ofendia, muito pelo contrário. (Varella,1999, p.155).	A AIDS foi devastadora entre os travestis da Casa. [...]No final, restritos ao leito, ainda sorriam com meiguice feminina. Perdi a conta de quantos morreram. No início, com os travestis, meu problema era a identidade. Como o médico deve se dirigir a esta pessoa? Raimundo, toma o remédio, ou Loreta, minha filha? Logo percebi que o certo era Loreta.	No início, Drauzio teve problemas com a identidade social dos travestis, percebendo no conviver a como lidar com elas. Porém, como elas estão suscetíveis a contaminação devido ao sexo desprotegido, o HIV devastou a comunidade Trans
Santão	Entreí sozinho, na penumbra, e fui para a janela oposta à porta de entrada ver a chuva. Meu olhar ficou entretido com a água que caía sobre a muralha e na fachada do pavilhão cinco. Num dado momento, sem querer, notei um vulto. Era um mulato alto, de camiseta branca, na soleira da porta de entrada, a uns vinte metros de mim. Ficou um tempo ali, quieto, olhando na minha direção. Depois virou as costas e foi embora. Eu, de lado na janela, fingi não ter notado a presença dele. [...] Senti medo, naquele escuro, sozinho, o temporal ensurdecedor. Perdi a noção do tempo. O mulato de camiseta branca começou a vir devagar, na cadência da malandragem. Os outros dois continuaram parados na porta. Quando ele cruzou metade da distância que nos separava, desisti de demonstrar que estava tudo normal e virei o corpo na direção dele. Ele empinou o queixo no rosto escuro. Fiz o mesmo, o coração disparado, e esperei-o chegar. Quando estava mais perto, mudei o peso do corpo para a outra perna e coloquei as mãos na cintura, como açucareiro, de frente para ele, queixo para o alto, em sincronismo completo com a expressão de seu rosto, agora possível de enxergar. A dois passos de mim ele abriu um sorriso e me estendeu a mão. - Firmeza, doutor? -E aí, meu? - É o seguinte, doutor, queria colaborar com o senhor nesse trabalho do cinema. Ó, o maior respeito! Você sabe mexer com equipamento de som? Dá para me ajeitar, doutor. Na rua, trabalhei com receptação de eletrônicos. Combinamos que ele iniciaria na semana seguinte. Apertou minha mão com força e sorriu de novo. (Varella, 1999, p.174-175).	A dois passos de mim ele abriu um sorriso e me estendeu a mão. - Firmeza, doutor? -E aí, meu? - É o seguinte, doutor, queria colaborar com o senhor nesse trabalho do cinema. Ó, o maior respeito! Você sabe mexer com equipamento de som? Dá para me ajeitar, doutor. Na rua, trabalhei com receptação de eletrônicos.	Santão, anteriormente receptor de eletrônicos, queria colaborar com as palestras do cinema sendo o operador das caixas de som
Manga	Uma das lições que aprendi com o funcionário Waldemar Gonçalves foi ouvir os presos que entregam as cartas: e para conhecer o andamento da cadeia, é fundamental falar com eles, doutor. Manga, um carteiro detido no pavilhão Sete, gostava de conversar comigo eu com ele. Era um sergipano alto, fluente, com um vozeirão, que havia fugido da cidade natal para escapar da vingança dos irmãos de uma moça que alegava ter perdido a virgindade com ele. Com o tempo, Manga confiou em mim a ponto de descrever com detalhes o movimento de droga na cadeia, o que me ajudava na estratégia das campanhas de prevenção à AIDS. Por exemplo, foi ele o primeiro a dizer: Doutor, nem precisa insistir com os manos para não injetar na veia, que o baque já era. Pode correr a cadeia inteira que o senhor não acha uma seringa para contar a história. Agora é a vez do crack. Veio para arrebetar bunda de malandro (Varella, 1999, p. 237)	Uma das lições que aprendi com o funcionário Waldemar Gonçalves foi ouvir os presos que entregam as cartas: e para conhecer o andamento da cadeia Com o tempo, Manga confiou em mim a ponto de descrever com detalhes o movimento de droga na cadeia, o que me ajudava na estratégia das campanhas de prevenção à AIDS	Ouvir os presos que entregavam as cartas no Carandiru era fundamental para se informar sobre o contexto da cadeia. Um deles era Manga, que ajudava Drauzio na elaboração das estratégias de prevenção a AIDS
	De todos os presos que passaram pela enfermaria, Edselo era o que	De todos os presos que	Edselo era um

Edelso	<p>tinha mais jeito para medicina. era o preferido da malandragem para aplicar injeções, fazer curativos e, nas madrugadas sofridas, receitar o melhor tratamento sintomático. com a experiência, aprendeu a diagnosticar tuberculose melhor do que muito médico. trazia o doente já com a conduta: doutor, esse aqui tem febre, dor no peito e sudorese noturna. foi receitado soro com vitamina e ampicilina, mas eu já comecei o esquema tríplice. agradável no trato, dentes preservados, roupa cuidada, destoava naquele ambiente de homens pobres e corpos marcados pela violência. Edelso tinha várias passagens por roubo de automóveis. veio para a detenção condenado a oito anos e sete meses, enquadrado em vários artigos do código penal: receptação, formação de quadrilha e falsidade ideológica. foi preso porque assumiu a identidade de um médico recém-falecido em mogi das cruces. com documentos falsos, alugou um sobradinho numa cidade vizinha e montou consultório, com placa na porta, receituário e número de crm. eu comprava carro roubado num desmanche de São Paulo e vendia na fronteira com o Paraguai (Varella, 1999, p. 205).</p> <p>A carreira de Edelso na enfermaria terminou num final de semana. a chefia do pavilhão dois transferiu-o para o pavilhão sete, porque numa batida no xadrez de um traficante, segundo disseram, seu nome constava na lista de devedores, com 10 reais de débito. meses mais tarde, cruzei com ele na radial. estava bem de aparência, descansado do trabalho com os doentes. fazia até planos para quando cantasse a liberdade: vou parar com esse negócio de carro, desmanche, Paraguai, que é sem futuro. com a medicina que aprendi com o senhor, não vejo a hora de montar consultório num lugarzinho simples e viver tranquilo cuidando dos meus pacientes. (Varella, 1999, p. 207-208).</p>	<p>passaram pela enfermaria, Edelso era o que tinha mais jeito para medicina. era o preferido da malandragem.</p> <p>foi preso porque assumiu a identidade de um médico recém-falecido em mogi das cruces. com documentos falsos, alugou um sobradinho numa cidade vizinha e montou consultório</p> <p>fazia até planos para quando cantasse a liberdade: vou parar com esse negócio de carro, desmanche, Paraguai, que é sem futuro. com a medicina que aprendi com o senhor, não vejo a hora de montar consultório num lugarzinho simples e viver tranquilo cuidando dos meus pacientes.</p>	<p>detento do Carandiru que, por ter experiência no exercício ilegal da medicina, era procurado para atender os colegas de cela doentes. Na enfermaria do Carandiru, aprendeu mais profundamente sobre as temáticas ligadas a saúde humana com Drauzio, assim prospectando pós cumprimento da pena, procurar seguir uma vida profissional na área da saúde.</p>
Lula	<p>A sutura estava ótima, as distâncias entre os pontos perfeitas, o sangue escorrido cuidadosamente retirado. Não sei quem o treinou — a verdade é que era operador talentoso. Com instrumentos precários e fio grosso de algodão, fazia delicadas suturas de cicatrizes imperceptíveis, drenava abscessos, extraía projéteis do corpo e, habilidosamente, retirava ciscos dos olhos com a ponta de uma agulha de injeção. Uma vez, trouxe-me um paciente com um lipoma gigante nas costas. Era uma tumoração mole, gordurosa, de quinze centímetros de diâmetro. Queria que eu autorizasse a exérese. Achei difícil uma cirurgia daquelas sem anestesia geral. Disse-lhe que eram loucos, ele e o outro. Respondeu-me que já havia feito operações maiores, em locais menos acessíveis. Meses depois, encontrei o rapaz do lipoma no pátio do Sete e ele, sorridente, levantou a camisa para me mostrar a cicatriz do tumor operado. Estava perfeita, em forma de Z para aliviar a tensão da pele repuxada sobre o corte. Perguntei-lhe quem o havia operado: Foi o Lula. Não ficou bom? - Como, se eu não autorizei? Ele pediu para outro médico. Trabalhamos muitos meses em contato. Ensinei-lhe princípios de assepsia, noções sobre as linhas de força da pele para orientá-lo nas incisões e emprestei-lhe um atlas de anatomia, que ele folheou com os olhos brilhando de curiosidade e nunca mais devolveu. Aprendi a admirar-lhe a habilidade cirúrgica e o prazer que tinha no aprendizado. Com o tempo, ficamos amigos (Varella, 1999, p. 210).</p>	<p>A sutura estava ótima, as distâncias entre os pontos perfeitas, o sangue escorrido cuidadosamente retirado. Não sei quem o treinou — a verdade é que era operador talentoso.</p> <p>Ensinei-lhe princípios de assepsia, noções sobre as linhas de força da pele para orientá-lo nas incisões e emprestei-lhe um atlas de anatomia, que ele folheou com os olhos brilhando de curiosidade e nunca mais devolveu. Aprendi a admirar-lhe a habilidade cirúrgica e o prazer que tinha no aprendizado. Com o tempo, ficamos amigos</p>	<p>Lula inexplicavelmente demonstrava habilidades na realização de suturas e assepsia de ferimentos no Carandiru. Algo que maravilhava Drauzio a tal ponto em que o médico incentivava e apoiava a aprendizagem formal daquela pessoa privada de liberdade</p>
Aprendiz de Feiticeiro	<p>No final, insisti no perigo da penetração sexual desprotegida e perguntei se havia alguma dúvida. A meu lado, um rapaz franzino de Sapopemba, conhecido como Pérola Byington, pernas cruzadas feitas mulher e com a mão desmunhecada, roendo as unhas o tempo todo, fez o seguinte comentário: - Doutor, faz meia hora que o senhor está explicando como é que pega e não pega esse vírus. Desculpa, mas isso nós estamos cansadas de saber. Muitas amigas nossas já morreram. Nós precisamos de camisinha, não aula! Se não tem camisinha para a gente obrigar o ladrão a usar, de que adianta essa conversa, doutor? Pouco depois apareceu o dr. Pedrosa, diretor-geral do presídio que, na época, andava sozinho pela cadeia inteira, prática que posteriormente cairia em desuso: - Tudo bem, doutor? Na saída, passa na minha sala para tomar um café. Nesse café, conversamos sobre distribuição de preservativos aos presos, medida que naqueles dias despertava reações emocionais entre as autoridades judiciárias, como a de um promotor de terno cinza e sapato azul-marinho que me respondeu num debate: - Se a sociedade não pode entregar um litro de leite para as crianças da favela, o senhor nunca me convencerá a distribuir camisinha para vagabundo na cadeia. (Varella, 1999, p.279-280).</p>	<p>Doutor, faz meia hora que o senhor está explicando como é que pega e não pega esse vírus. Desculpa, mas isso nós estamos cansadas de saber. Muitas amigas nossas já morreram. Nós precisamos de camisinha, não aula! Se não tem camisinha para a gente obrigar o ladrão a usar, de que adianta essa conversa, doutor?</p> <p>um promotor [...] me respondeu num debate: - Se a sociedade não pode entregar um litro de leite para as crianças da favela, o senhor nunca me convencerá a distribuir camisinha para vagabundo na cadeia</p>	<p>A aprendizagem acerca da prevenção da AIDS necessita ser aplicada na prática para o bem plural da comunidade Trans. Aplicação essa restringida devido ao restringido acesso a tecnologia camisinha decorrente do preconceito contra prisioneiros.</p>

FONTE: Autor (2025).

4.3 CATEGORIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Diante do que é discutido por Freire (1992), Gadotti (2007), Freire (1989), Gadotti (2001), Vázquez (2011), Freire (1987), Barbosa (2014), Santos (2022), Madureira (2019), Simon (2023), Cordeiro (2009) e Veronese (2023), parte-se do pressuposto que as práxis possuem as seguintes características: São contínuas; promovem conexão entre os conceitos e os contextos; incentivam a criticidade; incentivam a dialogicidade, incentivam a curiosidade epistemológica científica e devem ofertar oportunidade de humanização. Portanto, das características elaborou-se as categorias de análise:

QUADRO 06 - CATEGORIAS DE ANÁLISE DO ESTUDO

CATEGORIA DE ANÁLISE	RAZÃO DA EXISTÊNCIA DESSA CATEGORIA
CONTEXTUAR-AÇÃO	<p>Considerando que as práxis freireanas em ciências ocorrem continuamente e contextuamente, é possível concluir que elas são elaboradas indissociavelmente do que vivido no ambiente.</p> <p>Como exemplo dessa relação indissociável entre práxis e contexto, era impossível elaborar as palestras de prevenção a AIDS sem levar em consideração que os estudantes se encontravam em cárcere, o que claramente impõe limitações do que pode ou não ser feito para a efetivação da prevenção ou de tratamentos pós infecção.</p>
DIÁLOGAR-AÇÃO	<p>Compreendendo que o termo práxis é um amálgama entre a reflexão-ação, as pessoas inseridas nas atividades educativas não podem ser inertes, eles precisam ser indivíduos que refletem criticamente a partir do dialogar questionador, agindo em prol do bem-estar de seus semelhantes baseando-se nas ciências.</p> <p>Esse aprender através do dialogar, em prol do bem-estar comunitário, era benéfico tanto para as pessoas infectadas com o HIV como também para aqueles livre do vírus até então, pois adotar as medidas preventivas aprendidas nas palestras demarcava luta ativa e plural contra a opressão da AIDS, reduzindo assim a suscetibilidade de grande parte destas pessoas privadas de liberdade sucumbirem, definharem para a doença epidêmica.</p>
HUMANIZAR-AÇÃO	<p>Entende-se a humanização como a oferta oportunidades e condições para a explicitação (através do agir) da(s) potencialidade(s) intrínsecas do ser em prol do bem comunitário, assim, dignificando pluralmente sua existência.</p> <p>Tal explicitação do potencial intrínseco da pessoa privada de liberdade se faz necessária pois cada indivíduo, em sua singularidade, pode colaborar em prol de uma razão maior. Exemplificando, Santão não tinha conhecimentos médicos ou biológicos, mas sabia cuidar do funcionamento das caixas de som usadas nas palestras do pavilhão seis, possibilitando assim que Drauzio pudesse transmitir seus conhecimentos preventivos não para 100 pessoas, mas para 1000 a cada atividade educativa.</p>

FONTE: Autor (2025).

A partir do que é exposto nos quadros 05 e 06, estabelecemos quais capítulos seriam objeto análise das categorias CONTEXTUAR-AÇÃO, DIÁLOGAR-AÇÃO e HUMANIZAR-AÇÃO:

QUADRO 07 - CAPÍTULOS SEPARADOS PARA A ANÁLISE CATEGORIAL

CAPÍTULO	UNIDADE DE REGISTRO	CONTEXTUAR-AÇÃO	DIÁLOGAR-AÇÃO	HUMANIZAR-AÇÃO	RAZÃO DO CAPÍTULO TER SIDO SELECIONADO PARA A CATEGORIA
O Baque	A festa do HIV via compartilhamento de seringas improvisadas	X			O compartilhamento de seringas ocasionando a disseminação do HIV está intimamente relacionado com o contexto de aplicação das atividades educativas de prevenção a AIDS
No Cinema	No pavilhão seis, uma semana após a outra, durante anos, havia um pacto de respeito ao cinema das sextas feiras, afinal Drauzio, Luís e PC elaboravam palestras de prevenção a AIDS. Nelas, as dúvidas levantadas sobre HIV eram concretas devido ao vírus, em questão de tempo, infectar quem toma droga na veia.		X		As palestras dialógicas acerca das dúvidas que as pessoas privadas de liberdade tinham acerca do HIV permitiram o estabelecimento de um pacto de respeito duradouro em prol do bem comum
Tudo na Colher	A única explicação para a queda o número de infectados pelo HIV foi a redução de usuários de droga endovenosa. Revelando uma mudança de postura, de parar	X			A redução da infecção via compartilhamento de seringas, num primeiro momento, pode dar a impressão de que as palestras preventivas de Drauzio foram

	de consumir cocaína também por causa das palestras de prevenção a AIDS				extremamente bem-sucedidas. Porém, ao observar mais de fundo, essa redução possui forte relação com o contexto prisional da época
Travestis	No início, Drauzio teve problemas com a identidade social dos travestis, percebendo no conviver a como lidar com elas. Porém, como elas estão suscetíveis a contaminação devido ao sexo desprotegido, o HIV devastou a comunidade Trans	X			A partir da vivência de Drauzio no contexto da comunidade Trans do Carandiru, o mesmo percebeu nuances únicas que o permitiram melhorar sua forma de dialogar com esse público. Fora que a alta taxa de infecção pela AIDS com pessoas travestis apenas pode ser entendida se aprofundarmos no entendimento do contexto prisional.
Santão	Santão, anteriormente receptor de eletrônicos, queria colaborar com as palestras do cinema sendo o operador das caixas de som			X	Santão não tinha conhecimento da medicina e nem da biologia, mas, sua experiência singular como receptor de eletrônicos o permitia, em solidariedade com o trabalho preventivo de Varella, torna-se o operador da caixa de som usada nas palestras. Assim, no ato de ajudar, torna-se, portanto, um ser humano plural
	Ouvir os presos que entregavam as cartas no Carandiru era fundamental para se informar sobre o contexto da			X	Assim como Santão, Manga não era entendido nas ciências do corpo humano, porém, possuía alta compreensão

Manga	cadeia. Um deles era Manga, que ajudava Drauzio na elaboração das estratégias de prevenção a AIDS				acerca das dinâmicas, das movimentações que ocorriam no Carandiru. Tendo ciência de que parte das informações poderia ajudar Drauzio a elaborar palestras preventivas melhores para a sociedade prisional, começou as compartilhar para o médico.
Edelso	Edelso era um detento do Carandiru que, por ter experiência no exercício ilegal da medicina, era procurado para atender os colegas de cela doentes. Na enfermaria do Carandiru, aprendeu mais profundamente sobre as temáticas ligadas a saúde humana com Drauzio, assim prospectando pós cumprimento da pena, procurar seguir uma vida profissional na área da saúde.			X	Edelso, devido a ter cometido o crime de falsidade ideológica com a identidade de um médico já falecido. Obteve certo aprendizado do campo da saúde. Aprendizado esse ampliado graças as oportunidades de estudo ofertadas por Varela durante o trabalho na enfermaria da Casa de Detenção de São Paulo. Oportunidades estas que até mesmo propiciaram a feitura de conjecturas de como recomeçar a vida trabalhando na área da saúde pós fim da pena. Assim, novamente sentindo-se humano.
Lula	Lula inexplicavelmente demonstrava habilidades na realização de suturas e assepsia de ferimentos no Carandiru. Algo			X	O apoio que Drauzio ofertou a Lula para aprender mais sobre assepsia, anatomia e o tratar dos doentes da enfermaria a

	que maravilhava Drauzio a tal ponto em que o médico incentivava e apoiava a aprendizagem formal daquela pessoa privada de liberdade				partir de um atlas de autonomia permitiu que Lula reencontrasse nos estudos fagulhas de uma humanidade já esquecida a tempos devido ao cárcere
Aprendiz de Feiticeiro	A aprendizagem acerca da prevenção da AIDS necessita ser aplicada na prática para o bem plural da comunidade Trans. Aplicação essa restringida devido ao restringido acesso a tecnologia camisinha decorrente do preconceito contra prisioneiros.			X	. A oferta ínfima da tecnologia camisinha para proteger do HIV (decorrente do preconceito da sociedade externa com relação ao público prisional) indigna Perola Byington e suas colegas de cela. Afinal, para que elas pudessem a voltar a se sentir minimamente humanas no vamente, deveria ter condições materiais significativas para aplicar na prática o que aprenderam nas palestras de prevenção a AIDS.

FONTE: Autor (2025).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os processos metodológicos encaminharam o estudo em questão para analisar os capítulos “Sol e Lua”, 'O Baque', 'No Cinema', 'Tudo na Colher', 'Travestis', “Santão”, “Edelso”, “Lula” e “Aprendiz de Feiticeiro”. Essa análise, por sua vez, procura refletir sobre as formas como o contexto do ambiente prisional influenciou a elaboração e realização dessas atividades educativas e compreender como a realização das atividades afetou o diálogo e as atitudes das pessoas privadas de liberdade.

5.1 RESULTADOS RELACIONADOS À CATEGORIA CONTEXTUAR-AÇÃO.

Diferente do imaginário popular brasileiro, a prisão não leva necessariamente o ser humano a barbárie, mas sim os adapta para a formação e manutenção de relações sociais dentro do que se é ofertado pela estrutura física da prisão, assim desafiando a narrativa de que a prisão é um lugar de "não-humanos". A sociedade carcerária do Carandiru, em um contexto de quasi-abandono do estado de São Paulo, estabeleceu dentro de si condições mínimas de ressocialização dos indivíduos que a constituía, por exemplo, estabelecendo comunidades (a comunidade religiosa, a comunidade travesti, a comunidade dos presos reincidentes, a comunidade dos presos estrangeiros e entre outras) que ofertavam segurança da classe e oportunidades de reinserção pós-prisão. Tais classes, em uma prática de sobrevivência histórica-social-política, tomaram para si regiões do Carandiru (que eram os pavilhões) a fim de materializar suas demarcações geográficas e estabelecer nos locais sua cultura comunitária.

Nas celas dos pavilhões das pessoas privadas de liberdade, havia a presença de cortinas, tapetes bordados e colchas de retalhos, que transforma os espaços em "casinhas caipiras", símbolos de um lar imaginário. Até mesmo a higiene obsessiva (como lavar o chão com água fervente e usar sacos de areia para vedar odores) é um rito de resistência, afirmando que a dignidade não pode ser totalmente apagada pela miséria do contexto prisional.

A descrição minuciosa do dia a dia — desde o café da manhã às 5h até o recolher às 19h30 — revela uma organização quase ritualística que, paradoxalmente, oferece previsibilidade em um ambiente caótico. A Faxina, grupo responsável por distribuir refeições e manter a limpeza, é apresentada como a "espinha dorsal da cadeia". Essa função não apenas garante a sobrevivência básica, mas também atribui valor e responsabilidade aos presos, transformando tarefas mecânicas em atos de coesão social, fortificando o senso de sociedade.

A descrição do ritual das visitas evidencia uma coreografia de respeito mútuo entre presos e familiares. Os detentos, geralmente vestidos com roupas passadas e perfumadas, recebem suas visitas em celas improvisadas com cobertores para garantir privacidade, enquanto funcionários mantêm distância, permitindo que os próprios presos gerenciem o processo. Essa autonomia relativa contrasta com a rigidez do sistema, transformando a visita em um refúgio de normalidade semana a semana.

Ora, como qualquer sociedade humana, a que se estabeleceu no Carandiru também teve seus conflitos. Apesar disso, mesmo convivendo com inimigos mortais, os detentos mantinham uma trégua durante as palestras e exibições de filmes para a prevenção da AIDS, garantindo que jamais ocorresse qualquer incidente. Essa solidariedade pragmática revela que, mesmo em um ambiente competitivo, há consciência de que certas causas (como a prevenção do HIV) transcendem disputas individuais, assim, eles tornam-se pessoas plurais.

Também se destaca que a organização do espaço durante as palestras é reveladora: os presos controlavam a fila, garantem o silêncio durante as falas e até colaboraram com a logística (como a montagem de equipamentos de som). Essa cooperação desafia a ideia de que o cárcere é um caos irracional, mostrando que normas tácitas permitem a coesão social.

De acordo com Gadotti (2007), o primeiro livro das pessoas é a realidade, e o ato de ler o mundo, para Freire (1989), trata-se de uma espécie de “autoarqueologia”, pois, quando o indivíduo vai além da compreensão mecanizada do mundo, passa a investigar o seu redor, a perceber e a refletir sobre a presença/ausência de elementos que constituem sua vivência.

Segundo Madureira (2019), essa percepção é denominada de curiosidade epistemológica. Essa curiosidade propõe que o educador de ciências naturais tenha uma postura investigativa sobre como a temática científica a ser ensinada se entrelaça com contexto de vida de seus estudantes. Entrelaçamento esse tanto com relação à história daquele contexto material como também as relações sociais que lá existem (Simon, 2023).

Do nosso ponto de vista, Drauzio valeu-se do conhecimento da realidade prisional para promover suas atividades educativas. A categoria CONTEXTUAR-AÇÃO refere-se à ação com base no contexto. Logo, tentamos identificar nos capítulos os trechos que indicavam ações ou práticas com base na realidade prisional.

Antes das atividades educativas começarem a ser elaboradas e realizadas de fato, Drauzio precisava ter uma noção da situação de contaminação por HIV naquela prisão, obtenção essa realizada por meio de uma investigação quantitativa realizada em conjunto com outros pesquisadores em 1990: “Os resultados mostraram que 17,3% dos presos da Detenção

estavam infectados pelo HIV. [...] Ao lado destes, estudamos um grupo de 82 travestis presos na Casa e constatamos que 78% eram portadores do vírus” (Varella, 1999, p. 64-65).

Um outro aspecto da CONTEXTUAR-AÇÃO são os sujeitos: Quem eram os sujeitos mais afetados pelo HIV? Segundo Varella (1999) são os travestis

Quando vêm para a Detenção, os travestis estão há tempos longe da família. Sem ajuda no presídio, ou casam ou continuam na prostituição, como antes na avenida. Neste caso, a preço vil, a troca de uma lata de óleo, um bom pedaço de frango ou uma pedrinha de crack. [...] A AIDS foi devastadora entre os travestis da Casa. Chegavam na enfermaria com tuberculose avançada, feridas no períneo, os seios definhados pela interrupção da pílula de hormônio e o silicone industrial infiltrado nos músculos caquéticos. [...] No final, restritos ao leito, ainda sorriam com meiguice feminina. Perdi a conta de quantos morreram. (Varella,1999, p. 157).

Outro dado ligado ao CONTEXTUAR-AÇÃO foi verificar como a AIDS se disseminava para além das relações sexuais, ocorrendo por meio do compartilhamento de seringas improvisadas/contaminadas para o consumo de cocaína, como é retratado a seguir:

Uma vez assisti a um ritual de cocaína injetável, ou “baque”, ao redor de uma mesinha, durante a gravação de um vídeo educativo, num armazém abandonado. Eram quatro participantes [...] Cada qual chegou com o pacotinho de cocaína enrolada em papel-manteiga e uma seringa pequena com agulha fina, dessas de insulina para diabético, fundamental para evitar marcas nos braços. Colocaram três copos de vidro no centro da mesa: um vazio, outro cheio de água da torneira e um terceiro com água fervida; entre eles, uma colher de sopa bem lavada. [...] À direita dele, o japonês, mudo, apertava com força os músculos do braço, os olhos fixos nas veias expostas. Com a seringa, o aplicador aspirou o pó diluído na colher e introduziu a agulha bem devagar na pele do oriental impassível, até o sangue refluir vermelho [...] Era a festa do HIV. Embora cada um trouxesse a própria seringa, bastava alguém na roda estar infectado para espalhar o vírus na água da lavagem das seringas e, ainda, contaminar a colher que todos usavam. Talvez por isso mais tarde eu tenha encontrado tantos ex-usuários com AIDS que juravam nunca haver utilizado seringas alheias (Varella,1999, p. 68-69).

Ora, inferimos que o médico-educador-divulgador da ciência se propõe a investigar o contexto de vida dos educandos. Nessa ação de investigar, conseguiu obter uma noção mais rica e detalhada da disseminação do HIV para moldar o planejamento e a realização das atividades educativas de prevenção. Fato esse notório sob a perspectiva da educação freireana:

Agora, ao conversarmos sobre esta necessidade permanente que têm o educador enquanto político e o político enquanto educador, a de perguntar-se - uma vez mais a questão da pergunta -, perguntar-se constantemente em torno de certas crenças populares, eu me recordava de um caso muito interessante que li anos atrás, num livro mexicano, de cujo autor não me lembro no momento. Era uma experiência de um agrônomo extensionista que, chegado a uma comunidade camponesa mexicana, propôs a substituição do milho simples pelo milho híbrido. No desempenho de sua tarefa, teve várias reuniões com a comunidade camponesa, em que falava das vantagens econômicas advindas da substituição do milho simples pelo milho

híbrido. Falava da produtividade. O aumento da produção seria indiscutível. Exultante, media os pedaços de áreas de terra, calculava com os camponeses quanto iam produzir a mais. E os camponeses dizendo sim, muito bem, fizeram afinal a substituição de um milho pelo outro. Muito feliz, muito contente, levando sempre o seu discurso de boa intenção consigo no cumprimento de uma tarefa que lhe parecia importante, fundamental. A tarefa era realmente importante, mas estava mal cumprida. Na volta, veio ao mesmo sítio para examinar os resultados. A mudança do milho simples pelo híbrido havia intensificado a produção como ele tinha previsto. Acontece, porém, que os camponeses tinham parado de produzir, de plantar milho híbrido, e tinham voltado a plantar o outro milho. Só então é que ele soube as razões por que os camponeses plantavam milho simples. A razão fundamental era a seguinte: aquela comunidade não plantava milho para vender. Plantava para comer na tortilha e o gosto do milho híbrido era absolutamente diferente do outro e alterava, então, uma dimensão fundamental da cultura daquela comunidade, representada no gosto da tortilha. Foi preciso que aquele agrônomo sofresse esse impacto para que percebesse a obviedade a que já fizemos referência nesse diálogo: **antes de propor uma mudança, é preciso saber quais as condições culturais do grupo a quem se faz a proposta.** (Freire.; Foundéz, 1985, p.56-57, grifo nosso)

Ressalta-se que a mudança atitudinal decorrente do contexto é algo que ocorre tanto com os estudantes quanto com os educadores em ciências. (Madureira, 2019). Isso pode ser observado no seguinte trecho do “Estação Carandiru”:

No início, com os travestis, meu problema era a identidade. Sentava-se frente à mesa um homem de seios e gestos delicados em cuja ficha eu lia Raimundo da Silva, mas que todos chamavam de Loreta. Como o médico deve se dirigir a esta pessoa? Raimundo, toma o remédio, ou Loreta, minha filha? Logo percebi que o certo era Loreta. Tratá-las como mulher não as ofendia, muito pelo contrário. (Varella, 1999, p.155).

A vivência de Drauzio na sociedade prisional o fez perceber nuances fundamentais de como dialogar e escutar humanamente a comunidade travesti, que era a mais afetada pela disseminação do HIV, assim valorizando-as e dignificando-as no processo.

O capítulo 28, intitulado "Travestis", aborda a complexa relação entre identidade de gênero, marginalização e humanização no sistema prisional, revelando como travestis eram simultaneamente invisibilizados pelo Estado e hipervisibilizados pela violência no Carandiru. A narrativa expõe a tensão entre gestos isolados de respeito e a brutalidade estrutural que nega a dignidade a corpos dissidentes, destacando como a humanização, neste contexto, é um ato político de resistência — mas também uma miragem em um sistema que reproduz a lógica excludente da sociedade externa. A ausência de políticas públicas para travestis (como acesso a hormônios, banheiros adequados ou proteção contra abusos a partir da distribuição de camisinha) revela que o sistema reproduz a marginalização social, portanto, vulnerabilizando-as. A alta taxa de HIV é resultado direto da negligência institucional (falta de acesso a preservativos, atendimento médico digno, utilizando-se de uma estrutura médica adequada).

Exemplo disso foi o que ocorreu com Veronique, A infecção crônica em suas coxas — resultado do silicone industrial. A descrição da enfermaria, onde ela chora de dor, mas ainda assim "conforta os aflitos", contrasta a vulnerabilidade física com a resiliência emocional. A falta de assistência médica adequada reforça como o sistema falhou em cuidar dos corpos marginalizados, tratando-os como entidades descartáveis.

Com Drauzio estabelecendo relações entre o cotidiano do Carandiru e os conhecimentos científicos relacionados à prevenção, isso pode levar aos educandos novas formas de compreender as suas realidades. Novas compreensões que até mesmo podem fazer surgir nesses indivíduos outros tipos de posturas, de ações frente ao que acontece acerca da temática da AIDS (Freire, 1987). E essas ações não apenas transformam o indivíduo que as realiza como também influenciam a mudança de atitude de seus semelhantes, pluralizando a transformação material do contexto (Cordeiro, 2009).

Um exemplo de mudança de postura plural encontra-se na seguinte citação:

Em janeiro de 1994, repetimos o estudo de prevalência feito quatro anos antes. Encontramos 13,7% dos presos infectados pelo HIV (contra 17,3% na pesquisa de 1990). A única explicação encontrada para a queda do número de infectados [...] foi a redução do número de usuários de droga endovenosa. Em 1998, em 250 voluntários testados, dezoito eram HIV- positivos (7,2%). Com o passar dos anos, muitos ex-usuários de cocaína injetável revelaram ter mudado para o crack por causa das palestras do cinema. Se for verdade, fico feliz. Talvez até o crack tenha um lado bom. (Varella, 1999, p. 131).

Drauzio elaborou e realizou suas atividades educativas de prevenção à AIDS baseando-se no que ele descobriu via sua curiosidade epistemológica, no decorrer dos anos, estabeleceu-se, entre membros daquela sociedade que utilizavam drogas, a percepção de que o uso de cocaína favorecia a contaminação pelo HIV. Essa percepção os levou a ter uma mudança de atitude em prol de evitar a contaminação pelo compartilhamento de seringas.

Também sobre o contexto de enfrentamento a AIDS, é relevante mencionar que no Carandiru havia grande limitação de recursos a serem utilizados pela equipe de saúde da instituição prisional: A menção aos termômetros de mercúrio, guardados como relíquias, e à automedicação com mastruz (erva inútil para tuberculose) expõe a falta de investimento em saúde pública pelo Estado de São Paulo. Devido a isso, o acesso a saúde era um “serviço de luxo”: A tuberculose e a sarna eram tratadas como inevitáveis naquele local, e o acesso a medicamentos dependia da "sorte" de não ser desviado por funcionários corruptos. A humanização, nesse contexto, é residual, dependendo da boa vontade individual. Mesmo assim, as pessoas privadas de liberdade e funcionários criaram estratégias para mitigar o

sofrimento, como isolar pacientes e conscientizar sobre riscos de transmissão. Assim, a enfermaria, espaço de sofrimento, torna-se um santuário de resistência humana, onde médicos, presos e funcionários reivindicam através da empatia, da solidariedade, brechas de dignidade através da luta coletiva

5.2 RESULTADOS RELACIONADOS À CATEGORIA DIALOGAR-AÇÃO.

Durante o livro, Drauzio deixa claro que, mesmo em espaços de exceção, os indivíduos não são reduzidos à sua condição de presos: eles mantêm a capacidade de criar, resistir, de se relacionar, tudo isso a partir do diálogo. Sobre os diálogos com as pessoas privadas de liberdade, a escolha de reproduzir a linguagem dos presos — como o "bonde" para transferências ou a gíria "reeducando" — é em si um ato de humanização. Ao permitir que os interlocutores "interrompam" a narrativa com seus próprios estilos, o texto desafia a estigmatização e apresenta os detentos como sujeitos de voz própria.

Outro fato desvelado pela leitura do Estação Carandiru é que a ação do diálogo entre Drauzio-detento ou detento-detento subvertem a lógica da exclusão, mostrando que a empatia dialógica é uma ferramenta de sobrevivência.

Freire (1992) argumenta que quando um processo educativo é fundamentado no diálogo entre educador e educandos, esses diálogos estabelecem uma relação de respeito, em que um aprende com o outro por meio do falar e do ouvir. Santos (2022) complementa esse argumento expondo que, no ensino de ciências, o diálogo oferece oportunidades de emancipações baseadas na ciência aprendida, visando superar situações-problemas relacionadas ao conteúdo aprendido no dialogar.

Como a comunicação é um processo plural, Drauzio se propõe, em conjunto com funcionários da UNIP, agentes penitenciários (como o Dr. Pedrosa e Waldemar Gonçalves) e uma equipe de detentos do pavilhão oito, a ter diálogos por meio de palestras com as pessoas privadas de liberdade para combater o HIV:

Os xadrezes dos andares cujos ocupantes desceriam para assistir à palestra eram destrancados antes dos demais e a malandragem dirigia-se para o pavilhão seis. No final, lá pelas onze horas, percorriam ordeiros o trajeto de volta. Uma semana após a outra, durante anos, centenas de presos indo e voltando, muitas vezes cruzando com inimigos de morte, e jamais ocorreu qualquer incidente. Entre os ladrões, havia um pacto de respeito ao cinema das sextas feiras. (Varella, 1999, p. 70).

Não apenas Drauzio educava as pessoas privadas de liberdade durante as palestras, esses mesmos indivíduos também o ensinavam a como aprimorar as atividades educativas:

A tarefa de tirar da cama centenas de malandros, antes das oito, para assistir a um vídeo educativo seguido de recomendações médicas, considerada irreal pelos funcionários mais experientes, foi facilitada decisivamente pelo Hernan [...]: Doutor, acordar vagabundo é um problema problemático. Por que o senhor não deixa passar um vídeo erótico no final da programação? [...] Fizemos um teste. No final, depois que eu saía da sala, entrava um vídeo de erotismo explícito. A estratégia de misturar música, medicina preventiva e sexo foi imbatível: um sucesso de público. Pode dar certo em outras cadeias, desde que sejam tomadas duas precauções: não permitir a entrada para assistir apenas ao último vídeo, pois a programação é um pacote indivisível, e, o mais importante, o filme erótico só começa quando o médico sai da sala (Varella, 1999, p. 73).

Esse fato, de Drauzio ser educado pelos locais do Carandiru, representa que as atividades educativas oportunizavam a dialogicidade, interação entre educador-educandos, afinal, um processo educativo respeitoso é pautado nas práticas de fala e escuta. Além disso, também representa que o acesso a saúde (com relação a temática do HIV) foi um direito reivindicado coletivamente, não uma concessão educativa bancária.

A proposta de Drauzio de ouvir as pessoas privadas de liberdade para aprimorar as atividades educativas de prevenção à AIDS também remete à seguinte fala de Freire (1992, p. 58): “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.”

Em suma, observa-se que as atividades educativas foram elaboradas e realizadas devido às ações conjuntas de Drauzio com os agentes penitenciários, funcionários da UNIP e pessoas privadas de liberdade, com o objetivo de garantir organização, facilidade e aceitação na realização das palestras no pavilhão seis, destinadas a 300 a 400 pessoas. Pois o aprender por meio do diálogo não é um processo singular, mas sim plural.

Porém, Freire (1989) e Gadotti (2007) pontuam que o processo educativo, para ser bem-sucedido, não deve ser realizado de forma pontual, mas sim de forma contínua. Afinal, mudanças materiais significativas demandam tempo para serem incorporadas no dia a dia.

Exemplo disso foi o que ocorreu com as atividades educativas de prevenção à AIDS na Casa de Detenção de São Paulo, processo educacional esse que ocorria de semana após semana por vários anos, tornando-se um processo contínuo executado por médicos e voluntários externos e internos, mesmo limitados materialmente, insistem em tratar os presos como sujeitos de direito à saúde. Como resultado desse empenho, dessa continuidade, a

sociedade carcerária do Carandiru gradativamente estabeleceu um pacto de respeito entre seus membros com relação às palestras de prevenção ao HIV no pavilhão seis:

Hernani, um falsário ou "171", como prefere a malandragem [...] justificou a tranquilidade do ambiente: - O senhor, o Luís e o PC vêm fazer uma coisa boa para nós. Se algum mano criar caso, um acerto de conta, uma palhaçada, vai se colocar contra o bem geral. Aí é problema! Precisa desprezar o apego na vida (Varella, 1999, p.71).

A descrição das palestras e vídeos educativos sobre AIDS revela uma dinâmica surpreendente: os presos, geralmente estigmatizados como "ignorantes" ou "violentos", participam ativamente das discussões, usando linguagem formal e respeitosa. Essa postura reflete um código de civilidade durante os eventos, onde até mesmo brincadeiras (como os assobios) são rapidamente reprimidas por líderes como Waldemar Gonçalves e Santão, que entendem a importância do tema para a sobrevivência coletiva.

Aos poucos, os detentos estabeleceram um pacto de respeito em relação às atividades educativas elaboradas para a prevenção da AIDS no Carandiru. O estabelecimento desse pacto levava em consideração, principalmente, que essas ações educacionais no pavilhão seis abordavam assuntos de interesse plural daquelas pessoas. O pacto de respeito também representa a iniciativa dessa sociedade prisional em prol de uma mudança de atitude diante da opressão causada pelo HIV: a mudança de uma postura passiva para uma postura de luta ativa e plural contra a doença, possivelmente tornando-se seres das práxis.

Para que o processo educacional possa ocorrer por meio do diálogo, é fundamental que o estudante elabore perguntas sobre os conteúdos que está aprendendo, pois a ação de questionar retira essa pessoa de um estado de inércia. Assim, a dialogicidade torna o ambiente de aprendizagem ativo (Freire, 1992). Questionar é algo que deve ser incentivado pelo educador, afinal, o ato de perguntar pode induzir o estudante a criticar aspectos que circundam sua realidade, possibilitando-lhe observar criticamente como o seu contexto material pode se tornar um local de melhor vivência (Santos, 2022; Madureira, 2019).

Assim, na realização das palestras do pavilhão seis, Drauzio incentivava os detentos a fazerem perguntas acerca da temática da AIDS que eram respondidas dialogicamente:

As dúvidas e as questões levantadas eram concretas. AIDS para eles não constituía preocupação teórica, era problema prático. Queriam saber os cuidados com as secreções corpóreas dos doentes, o risco de transmissão para os familiares, os sintomas iniciais e o tempo de evolução da doença (Varella, 1999, p.72).

Esse questionar durante o diálogo das palestras pode ser considerado como conscientização crítica das pessoas privadas de liberdade diante do medo que tinham de seus colegas de cela doentes, da preocupação de não contaminar seus familiares durante as visitas (Como saber se tenho HIV? Vou passar AIDS para minha mãe se eu a abraçar?).

Questionar esse ouvido com atenção pelo receptor-educador Drauzio, afinal, o ato receber as mensagens, os questionamentos, as queixas, validam sofrimentos, assim aliviam mesmo sem curar, afinal, a empatia é um instrumento terapêutico tão poderoso quanto os medicamentos. Acerca das respostas dessas várias perguntas feitas, elas eram construídas em prol de valorizar o contexto de sobrevivência das pessoas privadas de liberdade:

Após a última resposta, em dois minutos, no máximo, eu resumia três ideias essenciais. Primeira: a solidariedade com o companheiro de xadrez, doente, não representa risco porque AIDS não se transmite no contato casual. Segunda: sem camisinha, o vírus passa do homem para mulher e da mulher para o homem, e nas relações homossexuais o parceiro ativo também corre perigo. Terceira: todos os que tomam droga na veia vão pegar o vírus, é questão de tempo. No fim, eu acrescentava em tom evangélico: quem não consegue escapara do inferno da cocaína, engole, faz supositório, fuma, mas baque na veia não, pelo amor de Deus (Varela, 1999, p. 72).

Em um processo dialógico, assim como existem as perguntas, também existem as respostas, essas que, para Freire (1987), são oportunidades de o educador oferecer aos educandos caminhos para lidar com as problemáticas. Em outras palavras, formas de utilizarem os conceitos científicos aprendidos para transformar materialmente suas realidades por meio da reflexão-ação. Afinal, uma das principais missões do ensino de ciências naturais não é simplesmente mostrar a ocorrência de fenômenos, mas sim que o estudante os utilize para melhorar seu dia a dia com base nas ciências aprendidas (Madureira, 2019).

5.3 RESULTADOS RELACIONADOS À CATEGORIA HUMANIZAR-AÇÃO

A sociedade prisional do Carandiru era composta por uma infinidade de pessoas que, em sua grande maioria, eram detentos que possuíam uma postura ameaçadora, entretanto, assim eram não por serem inerentemente pessoas más, mas sim porque a cultura daquele local moldava o exterior das suas fisicalidades afim de se proteger contra eventuais conflitos.

Porém, o interior reflexivo de algumas das pessoas privadas de liberdade buscava ressocialização a partir da realização de estudos ou feitura de trabalho/serviço, e, ao decorrer do tempo, buscar novas prospecções do que fazer na vida baseando-se na realização dos estudos ou do ofício (Costa, 2023. Pereira, 2017). Como o que ocorreu com Santão:

Entrei sozinho, na penumbra, e fui para a janela oposta à porta de entrada ver a chuva. Meu olhar ficou entretido com a água que caía sobre a muralha e na fachada do pavilhão cinco. Num dado momento, sem querer, notei um vulto. Era um mulato alto, de camiseta branca, na soleira da porta de entrada, a uns vinte metros de mim. Ficou um tempo ali, quieto, olhando na minha direção. Depois virou as costas e foi embora. Eu, de lado na janela, fingi não ter notado a presença dele. [...] Senti medo, naquele escuro, sozinho, o temporal ensurdecedor. Perdi a noção do tempo. O mulato de camiseta branca começou a vir devagar, na cadência da malandragem. Os outros dois continuaram parados na porta. Quando ele cruzou metade da distância que nos separava, desisti de demonstrar que estava tudo normal e virei o corpo na direção dele. Ele empinou o queixo no rosto escuro. Fiz o mesmo, o coração disparado, e esperei-o chegar. Quando estava mais perto, mudei o peso do corpo para a outra perna e coloquei as mãos na cintura, como açucareiro, de frente para ele, queixo para o alto, em sincronismo completo com a expressão de seu rosto, agora possível de enxergar. A dois passos de mim ele abriu um sorriso e me estendeu a mão. - Firmeza, doutor? -E aí, meu? - É o seguinte, doutor, queria colaborar com o senhor nesse trabalho do cinema. Ó, o maior respeito! Você sabe mexer com equipamento de som? Dá para me ajeitar, doutor. Na rua, trabalhei com receptação de eletrônicos. Combinamos que ele iniciaria na semana seguinte. Apertou minha mão com força e sorriu de novo. (Varella, 1999, p.174-175).

Nesse trecho do livro, percebesse que Drauzio tinha medo de Santão, de sua postura ameaçadora no breu da noite, porém, mesmo sentindo isso, abriu-se ao diálogo com o detento. Tal diálogo foi benéfico para ambos, pois Varella descobriu novos indivíduos que poderiam apoiá-lo na elaboração das palestras de prevenção da AIDS que ocorriam no pavilhão seis, além de autodestruir certos preconceitos, pois o existir daquelas pessoas perpassava o crime que cometeram (Onofre, 2015). Autodestruição de preconceitos que também pode ser interpretada, nas palavras de Freire (1985) como enfrentamento a assombrações que literalmente o tornavam inerte:

Insisto em que a educação em geral é uma educação de respostas, em lugar de ser uma educação de perguntas. Uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrar-se, de responder ao seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas essenciais, existenciais. E o próprio conhecimento (Freire, 1985, p.27)

Assim como Santão beneficiou-se no sentindo de se tornar mais útil para a sociedade prisional do Carandiru trabalhando voluntariamente como operador de som das palestras de prevenção a AIDS, ajudando a reconstruir um coletivo oprimido pelo HIV (Veronese, 2023).

Outro que ajudava na reconstrução da sociedade prisional do Carandiru frente a ameaça epidêmica da AIDS era Manga, que, em seu trabalho como carteiro da Casa de Detenção de São Paulo, ensinava para Drauzio Varella sobre a dinâmica das drogas na instituição prisional, assim, ofertando a este educador científico reflexão sobre como construir suas palestras plurais de prevenção à doença no pavilhão seis:

Uma das lições que aprendi com o funcionário Waldemar Gonçalves foi ouvir os presos que entregam as cartas: e para conhecer o andamento da cadeia, é fundamental falar com eles, doutor. Manga, um carteiro detido no pavilhão Sete, gostava de conversar comigo eu com ele. Era um sergipano alto, fluente, com um vozeirão, que havia fugido da cidade natal para escapar da vingança dos irmãos de uma moça que alegava ter perdido a virgindade com ele. Com o tempo, Manga confiou em mim a ponto de descrever com detalhes o movimento de droga na cadeia, o que me ajudava na estratégia das campanhas de prevenção à AIDS. Por exemplo, foi ele o primeiro a dizer: Doutor, nem precisa insistir com os manos para não injetar na veia, que o baque já era. Pode correr a cadeia inteira que o senhor não acha uma seringa para contar a história. Agora é a vez do crack. Veio para arrebentar bunda de malandro (Varella, 1999, p. 237)

O conhecimento de Manga sobre a dinâmica da droga, sobre a cultura, o comportamento e entre outros aspectos materiais-culturais da sociedade prisional do Carandiru era valiosíssimo para Varela, afinal:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas (Freire, 1967, p.43).

A autodestruição de certos preconceitos de Drauzio com relação as pessoas privadas de liberdade permiti-o conhecer melhor os seres humanos que lá sobreviviam, como Edelso:

De todos os presos que passaram pela enfermaria, Edelso era o que tinha mais jeito para medicina. era o preferido da malandragem para aplicar injeções, fazer curativos e, nas madrugadas sofridas, receitar o melhor tratamento sintomático. com a experiência, aprendeu a diagnosticar tuberculose melhor do que muito médico. trazia o doente já com a conduta: doutor, esse aqui tem febre, dor no peito e sudorese noturna. foi receitado soro com vitamina e ampicilina, mas eu já comecei o esquema tríplice. agradável no trato, dentes preservados, roupa cuidada, destoava naquele ambiente de homens pobres e corpos marcados pela violência. Edelso tinha várias passagens por roubo de automóveis. veio para a detenção condenado a oito anos e sete meses, enquadrado em vários artigos do código penal: receptação, formação de quadrilha e falsidade ideológica. foi preso porque assumiu a identidade de um médico recém-falecido em mogi das cruces. com documentos falsos, alugou um sobradinho numa cidade vizinha e montou consultório, com placa na porta, receituário e número de crm. eu comprava carro roubado num desmanche de São Paulo e vendia na fronteira com o Paraguai (Varella, 1999, p. 205).

Nessa convivência, percebesse que as pessoas privadas de liberdade, assim como qualquer outro humano, tinham tanto a capacidade de aprender como de também aplicar o que aprendiam com relação as ciências biológicas em prol do bem comum.

Deste usar o aprendizado no trabalho voluntário na enfermaria do presídio, segundo Costa (2023) e Pereira (2017), Edelso desvela tanto limitações como também possibilidades do seu ser e viver após o cumprimento da pena no Carandiru:

A carreira de Edelso na enfermaria terminou num final de semana. a chefia do pavilhão dois transferiu-o para o pavilhão sete, porque numa batida no xadrez de um traficante, segundo disseram, seu nome constava na lista de devedores, com 10 reais de débito. meses mais tarde, cruzei com ele na radial. estava bem de aparência, descansado do trabalho com os doentes. fazia até planos para quando cantasse a liberdade: vou parar com esse negócio de carro, desmanche, Paraguai, que é sem futuro. com a medicina que aprendi com o senhor, não vejo a hora de montar consultório num lugarzinho simples e viver tranquilo cuidando dos meus pacientes. (Varella, 1999, p. 207-208).

Trabalho este possibilitado pelo incentivo de Drauzio, ao apresentar como os conhecimentos médicos prévios de Edelso poderiam ser utilizados na enfermaria do presídio, transformando-o de um simples detento com determinada numeração para um ser humano voluntário no atendimento as pessoas privadas de liberdade, que, entre outras doenças, estavam sendo oprimidas por uma epidemia de AIDS. Incentivo este benéfico sob o ponto de vista dos trabalhos de Onofre (2015) e Gomes (2013).

Edelso, reconhecendo o apoio de Drauzio na busca de sua humanização via realização do trabalho na enfermaria, apresenta-o a Lula:

Insisti que o segredo era anestésiar o ferimento e lava-lo demoradamente com água e sabão. Quando terminou, veio me chamar para dar alta ao ferido. A sutura estava ótima, as distâncias entre os pontos perfeitas, o sangue escorrido cuidadosamente retirado. Não sei quem o treinou — a verdade é que era operador talentoso. Com instrumentos precários e fio grosso de algodão, fazia delicadas suturas de cicatrizes imperceptíveis, drenava abscessos, extraía projéteis do corpo e, habilidosamente, retirava ciscos dos olhos com a ponta de uma agulha de injeção. Uma vez, trouxe-me um paciente com um lipoma gigante nas costas. Era uma tumoração mole, gordurosa, de quinze centímetros de diâmetro. Queria que eu autorizasse a exérese. Achei difícil uma cirurgia daquelas sem anestesia geral. Disse-lhe que eram loucos, ele e o outro. Respondeu-me que já havia feito operações maiores, em locais menos acessíveis. Meses depois, encontrei o rapaz do lipoma no pátio do Sete e ele, sorridente, levantou a camisa para me mostrar a cicatriz do tumor operado. Estava perfeita, em forma de Z para aliviar a tensão da pele repuxada sobre o corte. Perguntei-lhe quem o havia operado: Foi o Lula. Não ficou bom? - Como, se eu não autorizei? Ele pediu para outro médico. Trabalhamos muitos meses em contato. Ensinei-lhe princípios de assepsia, noções sobre as linhas de força da pele para orientá-lo nas incisões e emprestei-lhe um atlas de anatomia, que ele folheou com os olhos brilhando de curiosidade e nunca mais devolveu. Aprendi a admirar-lhe a habilidade cirúrgica e o prazer que tinha no aprendizado. Com o tempo, ficamos amigos (Varella, 1999, p. 210).

Conhecer Lula foi uma grata felicidade na perspectiva de Drauzio, afinal, essa pessoa privada de liberdade, diferente de Edelson (que havia tomado o lugar de um médico falecido para lavar dinheiro da venda de carros roubados), mesmo sem ter nenhum tipo de conhecimento aprofundado do corpo humano possuía habilidades quase-excepcionais relacionadas a questão da autonomia. Estas que afloraram ainda mais com o trabalho de Lula na enfermaria.

Percebendo esse despertar, Drauzio também incentivou o estudo formal do detento, ofertando-o acesso a aprendizagem para o aprofundamento do aprendizado biológico, assim, através do estudo, alavancando-o como ser humano, algo visto com bons olhos sob a perspectiva dos trabalhos de Aguiar e Magalhães (2018) e Onofre (2015). Permitindo que ele se redescubra não como o ladrão de bancos Lula, mas como o cirurgião Lula.

Acerca do acesso a aprendizagem, Drauzio disponibiliza a Lula livros sobre anatomia. Estes materiais didáticos, segundo o médico, encantam o cirurgião detento, incentivando-o, através do aprender, a prospectar tanto a melhoria de seu trabalho na enfermaria do Carandiru como também possibilidades de ressocialização pós cumprimento da pena (Casagrande, 2015). Ou seja, o educar humano de Drauzio, aos poucos, afastava Lula da reincidência no mundo do crime (Veronese, 2023).

A disponibilidade do atlas de anatomia para Lula pode ser interpretada com um ato de coragem do educador científico Drauzio Varella. Coragem essa de veementemente negar grande parte do imaginário popular que desacredita que uma pessoa privada de liberdade é capaz de aprender e se transformar, se humanizar, se ressocializar novamente a partir do trabalho e do estudo. Sobre essa atitude educacional corajosa, Paulo Freire comenta que:

Era ir ao encontro desse povo emerso nos centros urbanos e emergindo já nos rurais e ajudá-lo a inserir-se no processo, criticamente. E esta passagem, absolutamente indispensável à humanização do homem brasileiro, não poderia ser feita nem pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação, que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. (Freire, 1967, p. 57).

Se Lula fosse um detento de uma prisão que possuísse 100, 200 detentos, talvez seu destino fosse diferente de acordo com o que é exposto por Veronese (2023) e Pereira (2017). Entretanto, infelizmente a superlotação inumana e necrófila do Carandiru consumia seus diamantes mais lustrosos, visto que Lula foi incentivado pelo meio a aumentar o seu consumo de drogas, como o Crack, o que levou a sua morte provavelmente devido a uma overdose.

A humanização buscada pelas pessoas privadas de liberdade no Carandiru não era apenas desafiada pelas condições degradantes decorrentes do processo político-necrófilo da superlotação. Também o preconceito das elites contra a sociedade prisional do Carandiru demonstrava-se como uma barreira que impedia a efetividade da luta plural contra AIDS:

No final, insisti no perigo da penetração sexual desprotegida e perguntei se havia alguma dúvida. A meu lado, um rapaz franzino de Sapopemba, conhecido como Pérola Byington, pernas cruzadas feitas mulher e com a mão desmunhecada, roendo as unhas o tempo todo, fez o seguinte comentário: - Doutor, faz meia hora que o senhor está explicando como é que pega e não pega esse vírus. Desculpa, mas isso nós estamos cansadas de saber. Muitas amigas nossas já morreram. Nós precisamos de camisinha, não aula! Se não tem camisinha para a gente obrigar o ladrão a usar, de que adianta essa conversa, doutor? Pouco depois apareceu o dr. Pedrosa, diretor-geral do presídio que, na época, andava sozinho pela cadeia inteira, prática que posteriormente cairia em desuso: - Tudo bem, doutor? Na saída, passa na minha sala para tomar um café. Nesse café, conversamos sobre distribuição de preservativos aos presos, medida que naqueles dias despertava reações emocionais entre as autoridades judiciárias, como a de um promotor de terno cinza e sapato azul-marinho que me respondeu num debate: - Se a sociedade não pode entregar um litro de leite para as crianças da favela, o senhor nunca me convencerá a distribuir camisinha para vagabundo na cadeia. (Varella, 1999, p.279-280).

A fala de Perola Byington relaciona-se diretamente com o trabalho de Freire:

Portanto, enquanto o animal é essencialmente um ser da acomodação e do ajustamento, o homem é da integração. A sua grande luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado. É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga, quase sempre até sendo feita — e isso é o mais doloroso — em nome de sua própria libertação. (Freire, 1967, p. 42)

Tal impedimento ocorria na restrição da distribuição da tecnologia camisinha na Casa de Detenção de São Paulo. Algo que afetava negativamente a luta ativa principalmente da comunidade travesti contra a opressão necrófila da AIDS, assim, a restrição não as permitia se empoderar como seres da práxis, que transformam sua realidade pluralmente através da reflexão-ação (Prado.; Sales.; Nomiya, 2014). Reduzindo as possibilidades dessas mulheres alcançarem uma vida humana digna (Aguiar.; Magalhães, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, dentre vários aspectos, possui a capacidade de ser um instrumento de exposição de transformações, incluindo aquelas relacionadas ao uso da ciência. Afinal, as ciências físicas, químicas e biológicas não servem apenas para a compreensão dos fenômenos naturais, mas também para melhorar a qualidade de vida de nossos semelhantes.

Dentre os semelhantes, existem aqueles que sobrevivem em prisões, que necessitam de conhecimentos científicos ligados à biologia, a fim de enfrentar doenças que afetam a saúde coletiva no cárcere. Esse cenário é retratado na narrativa do livro “Estação Carandiru”.

O livro 'Estação Carandiru', escrito por Drauzio Varella, é uma obra que imerge o leitor no mundo Carandiru e aborda principalmente a sociedade prisional que compôs o local de 1989 a 1999, destacando a fisicalidade dos pavilhões, as características das comunidades daquela sociedade prisional, aspectos culturais e, principalmente, as pessoas que lá viviam.

Diante da problemática do HIV na obra de Varella, essa dissertação se propõe a responder à seguinte questão-problema: Essas atividades educativas elaboradas por Drauzio Varella no Carandiru para a prevenção da AIDS podem ser reconhecidas como práxis freireana em ciências? Para isso, analisou-se a elaboração/realização das atividades educativas de prevenção da AIDS no livro “Estação Carandiru” sob o referencial das práxis freireana.

Com base nas categorias CONTEXTUAR-AÇÃO, DIALOGAR-AÇÃO e HUMANIZAR-AÇÃO foi possível concluir que as atividades educativas de prevenção a AIDS apresentadas no “Estação Carandiru” têm forte identificação com a práxis freireana.

Vale destacar que a preocupação primária de Drauzio foi conhecer a situação da disseminação do HIV. Por meio desse conhecimento, ele identificou, junto às pessoas privadas de liberdade, os principais motivos que resultaram na contaminação de 17,3% dos encarcerados. Conhecendo-os, Drauzio passou a elaborar e implementar atividades educativas no pavilhão seis com o objetivo de enfrentar a opressão causada por esse vírus.

Drauzio, ao dialogar com os detentos, compreendeu que suas atividades educativas de prevenção ao HIV necessitavam serem plurais, ou seja, construída com os próprios integrantes da sociedade prisional. A escolha de incorporar a linguagem local não foi apenas uma estratégia de comunicação, mas um ato de humanização que validava as vozes dos presos como sujeitos de conhecimento. Assim, as palestras sobre AIDS não foram imposições teóricas, mas conversas nas quais Drauzio e os detentos compartilhavam saberes.

O processo educativo, portanto, não foi unilateral. Drauzio aprendeu com os presos, como ao perceber que a empatia e a escuta ativa eram tão terapêuticas quanto os

medicamentos. mostrando que o conhecimento não está restrito a diplomas, mas emerge da experiência coletiva. Assim, a saúde deixou de ser um "favor" do Estado e tornou-se um direito reivindicado coletivamente, através de um diálogo que reconhecia o valor das vozes marginalizadas.

Freire, ao defender a educação como diálogo, enxergaria no Carandiru um exemplo de como o aprender e ensinar só ganham força quando são processos pluralistas. Drauzio, ao respeitar a linguagem e as experiências dos presos, não apenas ensinou sobre AIDS, mas aprendeu sobre a complexidade da resistência humana: mesmo em um sistema de exclusão, o plural encontra caminhos para a organização, a empatia e a esperança.

Também foi possível compreender como a elaboração e realização das atividades educativas de prevenção da AIDS afetaram dialogicamente e atitudinalmente os detentos da antiga Casa de Detenção de São Paulo, pois continuamente os detentos mostraram-se solidários à luta pela prevenção. Observaram que aquelas iniciativas educativas não eram impostas a eles, mas construídas com eles, estabelecendo um pacto de respeito que visava tornar as palestras mais fluidas e organizadas. Essa luta solidária e plural contra a opressão do HIV encorajou esses detentos a saírem de um estado de inércia pela ação do perguntar. Nesse questionamento ativo, apropriaram-se de conceitos científicos para se conscientizar de problemáticas acarretadas pela AIDS que afetavam a vida daquela sociedade prisional.

Essa luta solidária e plural contra a opressão do HIV encorajou esses detentos a saírem de um estado de inércia pela ação do perguntar. Nesse questionamento ativo, apropriaram-se de conceitos científicos para se conscientizar de problemáticas acarretadas pela AIDS que afetavam a vida daquela sociedade prisional.

A vivência com a sociedade prisional do Carandiru também proporcionou a Drauzio a oportunidade de conviver com a comunidade Travesti, e, a partir das nuances do contexto vivido no pavilhão cinco, aprendeu como lidar com o público mais afetado pela AIDS.

Com base no que aprenderam nas palestras no pavilhão seis, detentos dependentes químicos substituíram a cocaína injetável pelo crack como forma de evitar a infecção pelo HIV. Ou seja, a reflexão-ação promovida nas palestras resultou em mudanças de atitude.

O livro “Estação Carandiru” destaca como a educação, o trabalho e a saúde são pilares fundamentais para a reconstrução da dignidade humana no contexto prisional. No entanto, a realização/implementação desses pilares esbarra em desafios estruturais, como a superlotação carcerária, o estigma social e a visão punitivista que reduz presos a "sub-humanos".

A humanização, no contexto da Casa de Detenção de São Paulo, não é um mero privilégio, mas um direito inalienável. Ela pressupõe que o detento, mesmo após cometer um

crime, mantém sua condição de sujeito de direitos e deve ter oportunidades de se reinserir na sociedade, afinal, engana-se em considerar que as pessoas privadas de liberdade não são seres desprovidos de histórias, aspirações ou capacidade de mudança.

A obra de Drauzio Varella é um testemunho da possibilidade de humanização mesmo em condições adversas. Sua parceria com Edelson e Lula na enfermagem do Carandiru revela que, quando o Estado falha, a iniciativa individual pode ser um antídoto contra a barbárie. Lula, um ex-ladrão de bancos com habilidades cirúrgicas impressionantes. Sua história, porém, termina tragicamente: a superlotação e a exposição ao crack levaram-no à morte prematura, simbolizando como o sistema carcerário brasileiro consome até mesmo seus "diamantes mais lustrosos".

Porém, o livro *Estação Carandiru*, apesar de ser uma narrativa integrada a grande parte dos acontecimentos referentes a questão da AIDS na prisão, não é um texto que permite um acesso significativo as percepções dos agentes públicos acerca do objeto de pesquisa observado, limitando assim o caráter analítico da dissertação.

Também se ressalta que esses acontecimentos ocorreram no período temporal de 1989 até 1999, ou seja, 35 anos atrás, o que inviabiliza comparar o que lá aconteceu com o contexto prisional atual. Tornando a pesquisa uma observação de um caso extremamente relevante no que diz respeito a educação em ciências em presídios, porém, quasi-isolado. Além do Estação Carandiru retratar a realidade em uma mega prisão. Impossibilitando conversas dessa dissertação com trabalhos que lidam com realidade prisionais pequenas (100 a 170 detentos).

Além disso, as atividades educativas de prevenção a AIDS também podem ser exploradas sob outros pontos de vista além da práxis freireana. Como exemplos através da Educação Não-Formal, Pedagogia Crítica, decolonialismo e entre outros.

Em síntese, o Carandiru revela-se um espaço onde a pluralidade não apenas existia, mas se fortalecia através do conjunto de ações, vozes e resistências. Longe de ser um lugar de "não-humanos", como muitas vezes estigmatizado, a sociedade prisional que ali se estruturou demonstrou que, mesmo em condições de quasi-abandono, a ação coletiva é capaz de gerar resiliência, organização e até mesmo redes de cuidado. Nesse contexto, a figura de Drauzio Varella e sua equipe — composta por médicos, enfermeiros e até mesmo detentos voluntários — não foi a de um salvador individual, mas de um interlocutor que, ao coexistir com o plural, permitiu que vozes silenciadas se tornassem agentes ativos de transformação.

Essa pluralidade não apenas salvou vidas, mas redimensiona a própria ideia de sociedade: onde o Estado falhou, o diálogo coletivo e a ação conjunta ergueram um modelo de resiliência que, até hoje, desafia narrativas de desumanização, de esquecimento opressor.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Katiany.; MAGALHÃES, Cristiane. A educação prisional como processo de humanização e de ressocialização. Anais do V Congresso Nacional da Educação... Pernambuco, 2018.

ALMEIDA, Fabiana. **A ficção científica na ficção escolar: investigando as potencialidades do gênero no ensino de física.** 2008, 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4369> . Acesso em: 11 de março de 2025

ANDRADE, Ingrid.; NETO, Hélio. **Privados de ciência: dificuldade de professores para ensinar nos presídios.** Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76619> . Acesso em: 11 de março de 2025

ANDRIOLA, Wagner. Ações de formação em EJA nas prisões: o que pensam os professores do sistema prisional do Ceará? **Revista Educação e Realidade**, v. 38, p.179-204,2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/h7PxbDjyRGDzDhMQrWQKSty/> . Acesso em: 11 de março de 2025.

BARBOSA, Roberto. **Educação científica e tecnológica para a participação: Paulo FREIRE e a criatividade.** 2014, Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2014. Disponível em: <https://pos.uel.br/pecem/wp-content/uploads/2021/08/BARBOSA-Roberto-GoncAlves.pdf>. Acesso em 16 de junho de 2024.

BARBOSA, Sebastiana. **O ensino de ciências em um complexo penitenciário de minas gerais: relato de uma experiência.** 2016, 33 f. Monografia (Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/48360> . Acesso em: 11 de março de 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BELO, João. **eu, humano?** um frankenstein sobre representações dos sujeitos costurada na ficção científica e de estudantes do ensino médio. 2022, 118 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Unicamp, 2022. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP30_5ba6691c991ba9d6cc814d436689bd94 . Acesso em: 11 de março de 2025.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1984.

BRASIL. Política Nacional de Humanização. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2003.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** Vários escritos. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARVALHO, Raul. **Pode o currículo paulista contribuir no enfrentamento das infecções sexualmente transmissíveis na educação nas prisões?** 2023, 71 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de São Carlos, 2023.

CASAGRANDE, Ormi Raasch et al. O papel e a importância das bibliotecas no sistema prisional. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 17, n. 1, p.01-20, 2025. DOI: 10.55905/cuadv17n1-138

CASTRO, Daniel. Médico relata o “código penal não escrito”. Folha de São Paulo. São Paulo, 1999. Disponível em: [Folha de S.Paulo - Médico relata o "código penal não escrito" - 13/06/99 \(uol.com.br\)](https://www.folha.com.br/13/06/99). Acesso em: 03 de setembro de 2024.

CAVALCANTE, Elisângela. **Cinema na cela de aula: o uso de filmes no Ensino de Biologia para a EJA prisional.** 2011. 153 f. Dissertação (Mestrado Profissional Em Ensino de Ciências) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível: <https://www.acervo.paulofreire.org/items/b499bbb3-5a04-4633-9d45-2f776557ea31> . Acesso em: 11 de março de 2025.

CENTENARO, Francis. **A utilização das TIC no ensino de física: uma experiência no sistema prisional em Santa Maria/RS.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/7145> . Acesso em: 11 de março de 2025.

CLAEYS, Gregory. **Utopia: a história de uma ideia.** São Paulo: Edições Sesc SP, 2013. 224 p. Tradução: Pedro Barros.

CORDEIRO, Georgina. **A relação teoria-prática do curso de formação de professores do campo na ufpa.** 2009, 200 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14237> . Acesso em: 11 de março de 2025.

COSTA, Roberta. **Sistema prisional de Manaus/Am e os projetos de ressocialização: aplicabilidade dos projetos ressocializadores.** 2023. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023. Disponível em: <https://rii.ufam.edu.br/handle/prefix/6897> . Acesso em 17 de abril de 2025.

CREMA, João.; FERRARI, Danilo. Memórias do cárcere: a estação Carandiru de Drauzio Varella. **Mimesis**, Bauru, v. 39, p. 87-104, 2018. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v39_n1_2_2018/mimesis_v39_n1_2_2018_art_07.pdf . Acesso em: 16 junho de 2024.

DIORIO, Tatiane. **Entre o ensino e a ressocialização: práticas de professores de Ciências na educação prisional masculina no município do Rio de Janeiro.** 2017, 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/31103/31103.PDF> . 11 de março de 2025.

FERREIRA, Júlio.; RABONI, Paulo. A ficção científica de Júlio Verne e o ensino de física: uma análise de “Vinte mil léguas submarinas”. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 30, n. 1, p.84-103, 2013. DOI: 0.5007/2175-7941.2013v30n1p84

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Sobre educação. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo.; FAUNDÉZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Editora Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Política e Educação: ensaios. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. São Paulo: Publisher Brasil. 2007.

GOMES-MALUF, Marcilene.; SOUZA, Aguinaldo. A ficção científica e o ensino de ciências: o imaginário como formador do real e do racional. **Ciência & Educação (Bauru)**, Bauru, v.14, n.2, p.271-282, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S151673132008000200006>

GOMES, Emerson.; AMARAL, Sônia.; PIASSI, Luís. A máquina do tempo de H.G. Wells: uma possibilidade de interface entre ciência e literatura no ensino de física. **REMPEC – Ensino, Saúde e Ambiente**, v.3, n.2, p.144-154, 2010. Disponível: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/21119/12592>. 11 de março de 2025.

GOMES, Maíra. Obstáculos para a intervenção da universidade no sistema prisional: Debates a partir da práxis extensionista. **Revista Transgressões**, v. 1, n. 1, p. 155-169, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/view/6602>. Acesso em: 17 de abril de 2025.

GROTO, Sílvia. **Literatura de Monteiro Lobato no ensino de ciências**. 2012, 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14518> 11 de março de 2025.

HAMBURGER, Amélia.; LIMA, E. O ato de ensinar ciências. **Revista Em Aberto**, São Paulo, Ribeirão Preto, v. 7, n. 40, p.13-15, 1988. Disponível em: <https://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2040/1779>. Acesso em: 03 de setembro de 2024.

HIGA, Gustavo.; ALVAREZ, Marcos. Humanização das prisões e pânicos morais: notas sobre as “Serpentes Negras”. **Estudos Avançados**, v. 33, n. 96, p. 69-90, 2019. DOI: 10.1590/s0103-4014.2019.3396.0006.

JESUS, Carolina. **Quarto de Despejo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1960.

JUSTINO, Santiago. **A superlotação carcerária e as violações de direitos humanos: suas causas e consequências**. 2024. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Goiás, Goiânia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/8335> . Acesso em 17 de abril de 2025

KRAMER, Micaela. Sangue bom: as leis de conduta no cárcere e uma proposta para uma ética da contaminação na era da aids. **Estudios**, v.17, n.33, p.35-61, 2009.

LIMA, Maria.; LOUREIRO, Mairy. **Trilhas para ensinar ciências para crianças**. Belo Horizonte: Formação Docente, 2013.

LINSINGEN, Luana. **Literatura infantil no ensino de ciências: articulações a partir da análise de uma coleção de livros**. 2008, 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91784?show=full> . 11 de março de 2025.

LOURENÇO, Camila.; VILLARTA-NEDER, Marco.; NASCIMENTO JUNIOR, Antônio. A poesia popular de Patativa do Assaré no ensino de ecologia: uma prática para o processo de formação inicial de professores. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 14, n. 2, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17271/1980082714220181922>

MACHADO, Elaine. Estado x Ressocialização: o grito de dor dos apenados e a violação dos direitos humanos. **Revista Processus Multidisciplinar**, v. 4, n. 8, p. 32-41, 2023. Disponível em; <https://periodicos.processus.com.br/index.php/multi/article/view/965> . Acesso em: 17 de abril de 2025.

MADUREIRA, Cristiane. **O ato de ensinar ciências humanas: Limites e possibilidades da prática pedagógica em sua relação com as diferentes concepções de práxis**. 2019, 129 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba/SP, 2019.

MARIANO, Daniel. **a disper(segui)ção da memória em carandiru**. 2019, Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

NUNES, Fabiano.; SILVEIRA, Yara. Educação Ambiental na promoção e humanização da saúde: estudo de caso do presídio regional de Montes Claros–MG. **Revista Cerrados**, v. 11, n. 01, p. 116-128, 2013.

OLIVEIRA, Daiane. **A articulação de obras literárias ao Ensino de Química como possibilidade de abordar conteúdos de Ciência, Tecnologia e Sociedade na formação de professores**. 2023, 171 f. Dissertação (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

OLIVEIRA, Juliana. **Da senzala ao sistema prisional: a institucionalização do racismo no Brasil**. 2021, 145 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/10516>. Acesso em: 19 de abril de 2025.

ONOFRE, Elenice. Educação escolar para jovens e adultos em situação de privação de liberdade. **Cad. Cedes**, Campinas, n. 35, p. 239-255, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/QwFbptcpDjihKkgjgZNcC3r/?format=html>. Acesso em: 14 de agosto de 2024

PEDROSO, Érico. **Da cela à sala - o carandiru no parque da juventude: ensino de história e memórias sensíveis**. 2021, Dissertação (Mestrado Profissional Em Ensino De História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/6b04cc60-2870-4cf0-b43b-a9db30aa57d5> . Acesso em: 16 de junho de 2024.

PEREIRA, Rosane. **Memórias do Visconde de Sabugosa**. 2006. 93p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/385961> . Acesso em; 25 de julho de 2024.

PEREIRA, Isabel. **Humanização do espaço carcerário: uma análise das políticas públicas para oferta de trabalho e educação no sistema prisional de Minas Gerais**. 2017, 289 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017, Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B4YLRH> . Acesso em 17 de abril de 2025

PINHEIRO, Luciane. **A contação de história na educação infantil: potencialidades para o ensino de ciências da natureza**. 2023, 133 f. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) – Unesp, Bauru, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/14d0983b-64f4-436d-b2dc-0d41ca914aa7> .

PLASTINO, Luisa.; FERREIRA, Carolina. 31 Anos do massacre do Carandiru: memorialização e ressignificação da casa de detenção de São Paulo. **Boletim IBCCRIM**, v. 31, n. 373, p. 27-29, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10189033>

PONTES, Pedro.; FARIAS, Eliete.; LUCENA, Amanda. Estratégia de ensino-aprendizagem para o sistema penitenciário feminino de abreu e lima em pernambuco: o cotidiano dos profissionais de educação. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação-REASE**, v.10, n.04, p.970-996, 2024. DOI: doi.org/10.51891/rease.v10i4.13456.

POUPART, Jean. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. Tradução de Ana Cristina

PRADO, Ernande.; SALES, Cibele.; NOMIYAMA, Seiko. Eu vivi, ninguém me contou: Educação Popular em estratégia Saúde da Família na beira do Pantanal, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, p. 1441-1452, 2014. DOI: 10.1590/1807-57622013.0306

PÉRET, Flavia. **Homossexualidade, violência e pobreza:** as representações do amor não-hegemônico em cidade de deus e estação carandiru. 2009, 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-7QJK69> . Acesso em: 11 de março de 2025

QUADROS, Ana.; MIRANDA, Luciana. A Leitura dos Estudantes do Curso de Licenciatura em Química: analisando o caso do curso a distância. **Química Nova na Escola.** v. 31, n.4, p.235-240, 2009. Disponível em: https://cabecadepapel.com/sites/colecaoaiq2011/QNEsc31_4/03-EA-7608.pdf . Acesso em 11 de março de 2025.

RETTENMAIER, Miguel.; VICINIESKI, Bruna. Sistema prisional e autobiografia: dois olhares (um que passa e um que fica) sobre o Carandiru. **Conexão Letras.** v. 16, n.26, p. 50 – 68, 2021. DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.115983>

RODRIGUES, Fernando. **Ensino de Química para Jovens e Adultos privado de Liberdade:** O jogo com recurso didático. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, 2018. Disponível em: https://www3.unicentro.br/wp-content/uploads/sites/28/2018/11/dissertacao_fernando. Acesso em 11 de março de 2025.

RODRIGUES, Adriana. **Carandiru:** formas de lembrar, maneiras de esquecer. Informação, memória e esquecimento. 2021, Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003039876> . Acesso em 11 de março de 2025.

RODRIGUES, Raquel. **O real e o imaginário:** a literatura de ficção científica para o ensino de questões ambientais entre licenciandos e licenciandas. 2023, 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2023. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003134810> . Acesso em 11 de março de 2025.

RODRIGUES, Márcio.; BRITO, Acelmo. **Análise de Conteúdo não é só contar palavras:** análise de conteúdo como procedimento de análise interpretativa de dados em pesquisa qualitativas nas áreas de ensino e educação. Curitiba: Editora CRV, 2025. 406 p.

ROSOLEN, Jussara. **Um olhar crítico e dialógico entre a educação prisional, o ensino de ciências e o preparo do reeducando para a sua ressocialização e reintegração à sociedade.** 2022, 102 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática), Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2022.

SALES, Karina. **Traços da periferia:** política e performance em produções literárias marginais-periféricas contemporâneas. 2019, 188 f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/34107> . Acesso em: 19 de abril de 2025.

SANTOS, Fabiana. **Detetive ou cientista? A literatura policial infanto-juvenil como recurso didático na educação em ciências.** 2013, 127 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SANTOS, Paula. **Fome: Da exclusão social às exigências curriculares para o ensino de ciências da natureza.** 2022, 257 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba/SP, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15831> . Acesso em: 11 de setembro de 2024.

SHOR, Ira.; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 224 p. 2000.

SILVA, Lidiane *et al.* Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. *In:* IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, p. 4554-4566, 2009. Disponível em: <https://proinclusao.ufc.br/wp-content/uploads/2021/08/pesquisa-documental.pdf>. Acesso em: 03 de setembro de 2024.

SILVA, Eduardo. **O campo minado da representação do outro no cinema brasileiro contemporâneo.** 2015, Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012021_2015_completo.pdf . Acesso em: 16 de junho de 2024.

SILVEIRA, Marcelo. **Literatura e ciência: Monteiro Lobato e o Ensino de Química.** 2013. 297f. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81132/tde-01122014-153625/en.php> Acesso em: 14 de agosto de 2024.

SILVEIRA, Jonathan. **Práticas educativas em espaços de privação de liberdade : uma revisão sistemática de teses e dissertações na área da educação.** 2023, 69 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul , 2023. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3695> Acesso em: 14 de agosto de 2024.

SIMON, Gimena. **O ato de ensinar ciências: limites e possibilidades da prática pedagógica em sua relação com as diferentes concepções de práxis.** 2023, 111 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba/SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/19000> , Acesso em: 11 de setembro de 2024.

SOARES, Vinícios.; DENARDIN, Luciano. O ensino de física nas prisões: um mapeamento das produções brasileiras. **ACTIO: Docência em Ciências.** v.08 , n.03, p. 01-21, 2023. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/actio/article/view/15365>. Acesso em: 13 de agosto de 2024.

SOARES, Silvana. **Infecções sexualmente transmissíveis: a perspectiva da professora de ciências em turmas com estudantes privados de liberdade.** 2023, 65 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) , Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://clyde.dr.ufu.br/handle/123456789/41133> . Acesso em: 15 de julho de 2024.

SOARES, Bruna. **O ensino de ciências da natureza no cárcere: o uso de sequências de ensino investigativas para a promoção da alfabetização científica.** 2023, 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/607056a5-5336-4985-835d-1f8ac93dc1ea> . Acesso em: 13 de agosto de 2024.

SOLINO, Ana.; GEHLEN, Simioni. Abordagem temática freireana e o ensino de ciências por investigação: possíveis relações epistemológicas e pedagógicas. **Investigações em Ensino de Ciências**, Rio Grande do Sul, v. 19, p. 141-162, 2014. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/100> Acesso em: 14 de agosto de 2024

TAETS, Adriana. **Por escrito:** o Carandiru para além do *Carandiru*. 2018, Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-31102018-151013/en.php> . Acesso em: 16 de junho de 2024.

TAUFER, Adauto. **Narrativas enjauladas:** literariedade, testemunho e vivência em memórias de um sobrevivente e estação carandiru. 2011, 207 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/37309> Acesso em: 14 de agosto de 2024.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VERONESE, Gustavo. **O Papel do Estado para com os Custodiados:** uma análise sobre a responsabilidade do estado pela devida reintegração de detentos e socioeducandos. 2023, 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

VICINIESKI, Bruna. **Autobiografia e sistema prisional (a leitura de quem passa, a leitura de quem fica)**. 2021, 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2021. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/2107> Acesso em: 14 de agosto de 2024

WALDVOGEL, Bernadette.; MORAIS, Lilian. **Mortalidade por Aids em São Paulo:** dezoito anos de história. Boletim Epidemiológico C.R.T. – DST/AIDS C.V.E. São Paulo, SP, 1998. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/periodicos/09boloids_mortalidade2002_parte1.pdf . Acesso em 11 de março de 2025

WIPPEL, Monikeli.; SILVEIRA, Camila. Física e Poesia: diálogos e potencialidades no ensino de Física. **CADERNO BRASILEIRO DE ENSINO DE FÍSICA**, v. 37, p. 351-368, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2020v37n2p351>

ZANETIC, João. Física e literatura: construindo uma ponte entre as duas culturas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.13, p.55-70, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702006000500004>